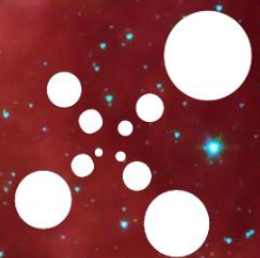


33

# PENSAMENTO BIOCENTRICO



Pensamento  
Biocêntrico

# Sumário

**INTEGRAÇÃO DO FEMININO: REVISÃO E INTEGRAÇÃO DE CONCEITOS DENTRO DA TEORIA E PRÁTICA DA BIODANZA** Myrthes Gonzalez.....3

**AÇÃO DA BIODANÇA E A SUA RELAÇÃO COM OS CAMPOS MÓRFICOS** - Rosmari Schwarz.....15

**EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA E AMÉRICA PROFUNDA: EMANCIPAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO** - Marina Aires Fernandes.....23

**EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA, UM PARADIGMA DE CONVIVÊNCIA AFETIVA:**

**Relato de experiência** - André Luís Soares Simoni - Dra. Maria Sirlene Pereira Schlickmann.....4  
3

**EDUCACIÓN BIOCÉNTRICA Y AMÉRICA PROFUNDA: EMANCIPACIÓN Y DESCOLONIZACIÓN** - Marina Aires Fernandes.....68

**ENIGMAS** - Silvia Eick.....84

**ELES NÃO SABIAM QUE OS ANJOS TÊM ASAS** - Para Ruth Cavalcante - Italo Gurgel.....9  
1

**ESTATUTO DE LA EDUCACIÓN BIOCÉNTRICA** Construcción Colectiva de los Participantes 2º Congreso Latinoamericano de Educación Biocéntrica Fortaleza-CE/ Brasil Abril de 2017 .....93

**Integração do Feminino**  
**Revisão e atualização de conceitos dentro da teoria e prática da Biodanza**  
Por Myrthes Gonzalez

Meu interesse pelo tema relações de gênero começou no início dos anos de 1990, instigada pelas vivências conduzidas por Rolando Toro Araneda. Naquele tempo, no ambiente de Biodanza, não era habitual a utilização do termo gênero, somente se fazia referência à masculinidade e à feminilidade.

Na época, tive a oportunidade de participar de encontros de Biodanza em que o professor Toro propunha danças masculinas e femininas, dividindo o grupo em dois. As mulheres dançavam o feminino enquanto os homens formavam uma plateia ativa e vibrante. E depois o processo se invertia, os homens faziam danças ligadas ao masculino.

Não era observada a orientação sexual da pessoa que dançava, simplesmente se dividia o grupo entre homens e mulheres. A Biodanza se constituía em um ambiente receptivo e acolhedor tanto para heterossexuais como para homossexuais, pouco se falava de transgênero. Foi também a época do surgimento da epidemia de AIDS, o que certamente impactou a todos nós. Especialmente em uma prática como a Biodanza, que envolve proximidade e contato físico.<sup>1</sup>

Hoje poderíamos pensar que a proposta de Rolando tinha um binarismo acentuado e estereotipado, que reforçava a estrutura patriarcal. Mas, não era assim que pensávamos e percebíamos naquele momento, pelo menos dentro do movimento de Biodanza.

Acho muito importante compreender o contexto histórico em que estas aulas aconteciam. Uma época de muita luta pela afirmação do valor feminino, que gerava como consequência a necessidade da descoberta de uma nova masculinidade. Papéis sociais de gênero, naturalizados durante séculos, eram finalmente questionados.

As mudanças sociais que se iniciaram no século XIX e alcançaram força no século XX tiveram o feminismo como um de seus pontos de ênfase. A conquista de direitos femininos básicos em um mundo masculino patriarcal foi de grande importância para a construção de sociedades democráticas e participativas.

Nos anos de 1980 se apresentou uma renovação das lutas femininas vividas nos anos 60 e 70. Isto porque, apesar de suas importantes conquistas, as pautas alcançadas pelos movimentos feministas tinham tratado as várias questões apenas de forma inicial. Era um momento de

---

<sup>1</sup> O tema AIDS e seu impacto na Biodanza é, por si, bastante extenso e creio que requer um estudo específico. Cito o fato como uma deriva do tema central, que mereceria um aprofundamento. No caso do presente artigo não vou me estender mais, pois ampliaria demais o texto e poderia nos desviar do tema central. Mas, sem sombra de dúvida, foi um fato impactante que provocou uma brusca modificação comportamental e da percepção da sexualidade.

constatação de que ainda havia um oceano infinito de discriminação, violência e silenciamento. Muitas mulheres que conquistaram espaços públicos tendiam a se identificar com padrões de sucesso que estavam muito ligados ao masculino patriarcal. Custamos a perceber que o fato de querermos direitos equivalentes não significava que éramos iguais.

A questão era: sem cair em estereótipos de submissão patriarcal, o que é ser mulher? Seria possível não tomar o padrão masculino patriarcal como elemento de identificação? Ou seja, como ser mulher me afastando da modalidade patriarcal de poder?

Na década 1990, a necessidade de equidade acentuava o resgate do valor do feminino. Havia, concomitantemente às lutas sociais explícitas, um movimento íntimo, que, utilizando a terminologia junguiana, falava da alma feminina.

Naquele momento percebíamos a existência de valores essenciais masculinos e femininos que naturalizávamos ligando-os ao comportamento dos homens e das mulheres. Se pudermos olhar esta situação sob o ângulo da psicologia arquetípica de Carl Gustav Jung, tanto homens como mulheres são masculinos e femininos ao mesmo tempo. Portanto, dizer que mulheres tem que ser femininas e homens devem ser masculinos, dando padrões de comportamento para cada um deles, reduz em muito a possibilidade de manifestação singular do ser humano, passando a cultura a ser um elemento impositivo e modelador das subjetividades. Esta questão se mantinha como pano de fundo nas buscas ligadas ao feminino. Algo que iria emergir alguns anos mais tarde.

O que eu percebia nos grupos de mulheres com os quais trabalhava naquele momento era a busca da valorização da diversidade das formas de ser feminina. Autovalidação, sem cair na identificação com modelos masculinos de sucesso ou com moldes femininos fabricados para servir ao patriarcado.

Algo como dizer: quero ser livre. Não quero me submeter como fizeram minhas avós, mas não quero utilizar modelos de masculinidade patriarcal.

Existia um caminho entre estas duas opções? Esse caminho era o que queríamos descobrir e construir.

Minha vivência como participante das aulas de Rolando foi de sentir-me instigada. O fato de separar danças para homens e danças para mulheres deu-me a oportunidade de romper com valores históricos que me ligavam a castidade e a submissão, permitindo-me conhecer e expressar minha sensualidade. Ao mesmo tempo, encontrei a possibilidade de buscar referenciais de identificação com mulheres que admirava e não no comportamento masculino patriarcal.

Eu era uma jovem adulta e podia perceber nos homens de minha idade um conflito com os padrões de masculinidade de seus pais. Entendi que para os rapazes que participavam das propostas de Rolando abria-se a oportunidade de vivenciar o masculino como algo que ia além do poder instituído pela simples condição de ser homem.

Para mim foi o início de uma longa viagem, um caminho de busca de compreensão, que percorro ainda hoje.

No início, o tema pareceu-me bastante simples: tratava-se de autoconhecimento e autoaceitação. Mas, à medida em que estudava e desenvolvia propostas para mulheres, o caminho mostrou-se muito mais abrangente e complexo.

O tema feminino não pertence somente às mulheres. Existe algo histórico e complexo que abrange a construção de sociedades e civilizações patriarcais, que modelam a forma de compreender o mundo e naturalizar o que chamamos ser homem e ser mulher. O humano, enquanto fenômeno biológico, é um ser criador de cultura, e a cultura é um modelador do biológico. Portanto, quando tratamos deste tema devemos estar atentos e abertos, pois não se trata de algo simples e óbvio, mas sim de algo que toca profundamente em nossa estrutura pessoal e social. É uma temática que nos leva de forma inevitável a confrontar com crenças construídas a partir do fenômeno histórico e transgeracional que chamamos patriarcado.

Os milhares de anos de história do patriarcado modelaram a forma de pensar e de ver o mundo. Por ser um fenômeno muito antigo, coincidente com as origens da civilização, o pensamento e a visão de mundo patriarcal se sedimentaram estruturalmente na sociedade e nos indivíduos. Não se trata de um fenômeno estável e sim de uma estrutura de relações de poder que flutua ao longo do processo histórico, modelando a própria história de forma violenta e carregada exclusão e silenciamentos. São fenômenos que estão na base da construção da estratificação social. Sempre que surgem na sociedade novas formas de ver, fazer, pensar e sentir, as estruturas patriarcais reagem, não medindo esforços para controlar, extirpar e desqualificar. Quando outras formas de ver e viver a sexualidade são validadas, a ordem estabelecida corre risco. É preciso perceber que a estrutura de poder construída no patriarcado tem seus alicerces fundantes fincados profundamente sobre a opressão, o sufocamento e a dominação do feminino.

Trabalhando e estudando sobre questões de gênero percebo que as primeiras décadas do novo milênio evidenciaram a complexidade extrema das relações humanas. Uma parte da população mundial questiona o poder conservador, e muitas vezes retrógrado, e quer ir além de estereótipos, assumindo as inúmeras possibilidades de ser, amar, criar e se organizar. O movimento LGBTQIA+, o feminismo, o movimento antirracista, o ambientalismo são exemplos de questionamento das estruturas culturais excludentes e da emergência de novas propostas de relação humana no âmbito pessoal, social e ambiental.

À medida em que estes movimentos se fortalecem e que as crises sociais e ecológicas demonstram uma urgente necessidade de mudança, acentua-se o recrudescimento de práticas de manutenção da ordem patriarcal. Neste sentido, hoje podemos ver um retorno de visões rígidas, autoritárias que se impõe em parâmetros muito distanciados da ética, utilizando violência e

manipulação. Um agravamento desta situação é evidente nas relações virtuais, constituídas basicamente na utilização de redes sociais para a proliferação incontrolável das fake news, que plantam e espalham discursos de ódio.

Como facilitadora de Biodanza, creio que é muito importante, por respeito a mim e aos participantes de meus grupos, manter-me em ressonância com a época em que vivo, para assim ser uma agente eficaz de transformação e passagem do antropocentrismo ao biocentrismo. Quando fazemos Biodanza, dançamos a Vida. Buscamos o Minotauro no centro do labirinto para abraçá-lo. Reconduzimos Pã e suas ninfas ao nosso bosque interior e a alma baila a dança dos instintos.

Do ponto de vista social e político, a Biodanza, desde que bem compreendida e vivenciada, constitui um movimento de resistência à desagregação nefasta e violenta implementada pelo patriarcado.

O presente texto reflete minha dança com o tempo, a necessidade de abraçar uma humanidade que transcende ao que tem sido naturalizado pela cultura, para reencontrar a natureza profunda. É um texto especialmente significativo para as pessoas que participam da Extensão de Biodanza chamada Integração do Feminino. Ao mesmo tempo, creio que possa interessar a todas as pessoas que desejam refletir sobre nossa estrutura social e momento histórico.

Em cada subtítulo, além das reflexões e considerações teóricas, coloco ponderações em nível metodológico de Biodanza. Essas colocações certamente não serão de interesse ou mesmo compreensíveis para os leitores que não são facilitadores. Então, aqueles que não são profissionais ou estudantes de Biodanza podem simplesmente saltar esses itens, sem prejudicar sua leitura.

Posso considerar que o tema Integração do Feminino é, de certa forma, interminável. Não existe produção literária que possa, por si, tomar toda sua abrangência. Então, o objetivo deste artigo é tratar de alguns pontos que julgo relevantes para a extensão e associá-los às possibilidades metodológicas dentro da prática de Biodanza.

Volto a salientar que o tema não se esgota em um único texto. Com este intuito, recomendo a leitura do livro A Cura Ancestral – Biodanza e Relações de Gênero. Neste livro, de minha autoria, aprofundo vários dos temas tratados aqui.

### **Rituais iniciáticos**

No início dos anos 1990 fui pioneira na organização dos grupos que nomeei Casa das Mulheres. Eram encontros exclusivos para mulheres, sendo a Biodanza o sistema encarregado de conduzir à vivência de cumplicidade e de solidariedade que faltava na experiência de vida de muitas participantes.

Este tema também surgiu de estudos de antropologia nos quais verifiquei que em sociedades ancestrais eram comuns os rituais iniciáticos. Neles, jovens eram preparados para assumir seu lugar

no mundo adulto. Para tais rituais havia casas de preparação, femininas e masculinas. Nestes espaços os temas relativos a cada gênero, reconhecidos naquelas culturas, eram tratados dentro de um aspecto de mistério. O ritual, propriamente dito, era o final do processo, quando, de forma simbólica, a criança morria para nascer o adulto, já preparado para os direitos e deveres que a nova etapa acarretava.

Campbell (1989) explicitou a necessidade dos rituais iniciáticos para atingir a maturidade emocional do adulto. Segundo ele, o corpo amadurece em nível fisiológico, mas esse amadurecimento nem sempre é acompanhado pela relativa condição emocional. Os povos ancestrais, utilizando-se de processos rituais longos e complexos, atuavam nos pontos do inconsciente que permitiam aos iniciados e iniciadas abandonarem comportamentos infantilizados de dependência e vulnerabilidade, para assumirem uma nova condição em relação a sua presença no mundo.

Neste sentido, o trabalho de gênero em Biodanza, segundo meu ponto de vista, pode ocupar, nos dias de hoje, o espaço vazio deixado por estes antigos rituais. Campbell denuncia que a sociedade hiper racional, individualista e consumista afastou o humano da essência dos rituais, e este seria o principal motivo do verdadeiro surto de imaturidade emocional que rege nossas atuais relações sociais.

Na sociedade de consumo existem muitos rituais, inclusive alguns de longa tradição. O problema está em como estes ritos são vivenciados atualmente. Em geral, demonstram um esvaziamento de sentido. Tornaram-se uma ocasião social de troca de presentes ou de reunião para comer e festejar. Mas a festa perdeu sua dimensão sagrada e, por isso, se esvaziou de sentido, não cumprindo sua missão de constituir-se em uma passagem de estado de consciência.

Ao contrário do que poderíamos supor, os antigos rituais iniciáticos não ocorriam em um único dia. O ritual em si era precedido de um longo período de preparação<sup>2</sup>. No caso das iniciações femininas eram meses, e as vezes anos, de convivência com mulheres já iniciadas que serviam de elementos de identificação e fonte de sabedoria para as neófitas.

No caso feminino, a passagem para o mundo adulto está muito relacionada ao sair do papel de filha para se reconhecer e ser reconhecida como mulher. Esta passagem, aparentemente fácil, não é tão simples como parece, pois, a transformação que ocorre não diz respeito somente a uma pessoa, mas sim a duas pessoas: mãe e filha.

Não podemos negar que a maternidade tem um papel tremendamente significativo para todos os seres humanos. A grande mãe é um dos arquétipos mais impactantes para toda a humanidade. Ao

---

<sup>2</sup>Caso você tenha interesse pelo tema, no livro *A Cura Ancestral*, capítulo 4, descrevo detalhadamente os passos dos rituais iniciáticos.

se tornar mãe, de certa forma, a mulher toca na potência deste arquétipo e conhece uma faceta importante com relação ao seu poder feminino.

O grande problema com relação a maternidade, dentro da estrutura patriarcal, está em que a relação com os filhos pode ser uma das poucas experiências em que a mulher se sente com poder e com um significado social legitimado. Então, renunciar à dependência infantil dos filhos pode ser um duro golpe para a mãe. Para muitas mulheres significa uma perda profunda, o encontro com um vazio existencial. Um processo de morte que exige renascimento.

Este desprendimento que se dá de ambos os lados, mãe e filha, nas sociedades ancestrais era preparado dentro do processo ritualístico. O apoio da comunidade feminina era fundamental.

Nos tempos em que vivemos encontramos muito desamparo neste sentido. A Biodanza é altamente arquetípica e ritualística, por este motivo, pode ajudar a sanar o oco emocional deixado pela superficialidade de nosso momento histórico.

### **Aspectos metodológicos dos rituais**

Quando trabalhamos gênero em Biodanza, os aspectos ritualísticos são de extrema importância. E quando criamos espaços de intimidade e segurança, passam a existir as condições favoráveis às transformações fundamentais para o ser humano.

A passagem para o mundo adulto, no que se refere a assumir autonomia e autocuidado, juntamente com o abandono de comportamentos infantilizados, requer caminhos importantes dentro da estrutura vivencial dos grupos. Com os anos de experiência na Casa das Mulheres, criei uma série de exercícios e de sequências vivenciais que estabelecem conexão direta com os processos simbólicos de morte e renascimento. Neste texto desejo passar apenas indicações sobre estas estruturas, pois o seu aprendizado profundo depende diretamente de vivenciá-las. Durante a Extensão Biodanza e Integração do Feminino, facilito vivências que incluem estas sequências e, tão logo são incorporadas pelas participantes, a partir da própria experiência, apresento outras sugestões de sequências e músicas adequadas ao processo vivenciado.

Na continuidade deste texto vou explicar, mesmo que de forma genérica, alguns esquemas rituais que considero importantes para dar base as estruturas vivenciais. São eles:

**Ancestralidade:** algumas propostas vivenciais ritualísticas podem evocar a linhagem ancestral da participante, lembrando do nome da mãe e das avós.

**Preparação:** as carícias, o olhar receptivo e acolhedor, as danças de resgate de expressão sensual, as conversas íntimas, a escuta empática e solidária, fazem parte do processo de preparação para a saída da condição de filha para a condição de adulta.

**Transtase:** é o momento quando se dá, de forma ritualística, a passagem de um estado de ser a outro estado de ser. Envolvidos nos rituais estão danças de sair do ninho, de despedida da mãe, de entrada no mundo adulto.

### **Sororidade**

A Casa das Mulheres me mostrou que há um processo vivencial muito significativo para as participantes. A construção deste espaço feminino de trocas nos remete a uma ancestralidade arquetípica. É um espaço de cultivo da sororidade, ou seja, um lugar onde se pode tratar de temas relativos ao feminino com total cumplicidade, contando com uma escuta atenta e afetiva por parte de companheiras que têm histórias semelhantes.

Descobri também que muitas mulheres estavam necessitadas de espaços de cuidado, onde se sentissem seguras para falar de suas experiências enquanto mulheres. Os momentos de fala, nestes grupos, revelaram-se extremamente valiosos. Desenvolveu-se a escuta atenta e empática. Temas tabu puderam emergir e eram muitos. Cito alguns deles: a educação para a submissão, para o silêncio e para a resignação; a castração sexual; as mensagens duplas em relação a sexualidade; o orgasmo; a menopausa; a menstruação; e os traumas relacionados às mais diversas formas de abuso.

Sobre o significado emancipatório das falas femininas, Almeida escreve, citando Gari & Wolff (2012): “a transgressão que representa este ato não reside propriamente no falar. As vozes que sonham no interior dos espaços privados, femininos, não são transgressoras em si mesmas. A transgressão está em serem ouvidas.”

### **Aspectos metodológicos da sororidade**

Dentro da proposta de Integração do Feminino é muito importante gerar no grupo de participantes um clima de confiança. Isso não se dá de forma imediata. É uma construção. Por esse motivo, os processos são mais eficazes quando tem de média a longa duração (vários encontros) e são feitos com pessoas que já conhecem a Biodanza. Por este motivo, indico que as participantes já tenham uma experiência anterior, para que possam se entregar à proposta, por contarem com uma bagagem vivencial e teórica básicas.

A maioria das vivências são simples, o importante é contextualizá-las dentro das questões do feminino. É essencial pensar em uma boa utilização das músicas, das estruturas das sessões e nas sequências entre uma sessão e outra. As consignas devem conduzir o grupo em ressonância com os temas emergentes. Por este motivo, é importante que a facilitadora se mantenha atualizada e sensível aos variados temas que surgem constantemente dentro das questões de gênero. É fundamental não basear o trabalho sobre estereótipos do que é ser mulher, mas abarcar a diversidade das manifestações do feminino.

Os espaços de fala são momentos íntimos que precedem às experiências de Biodanza enquanto curva metodológica. Sempre é bom lembrar que, por razões óbvias, estas falas se dão antes da vivência da curva fisiológica e nunca imediatamente após.

As dinâmicas de fala podem ser organizadas na forma de uma única roda de conversa ou pode-se distribuir as participantes em pequenos grupos de três ou quatro pessoas. É proposto um tema, e neste contexto cada pessoa fala de si. Se incentiva a escuta empática, atenta e nunca interpretativa.

O propósito não é debater ideias ou conceitos, mas sim falar do sentir e de experiências pessoais. A empatia se constrói sobre o ouvir atento e sobre o gesto solidário. Evita-se conselhos ou interpretações das palavras das colegas.

Temas comumente emergentes em grupos femininos e que geram muita solidariedade e integração estão relacionados com a maternidade, iniciação sexual, menarca, menopausa e o viver em mundo masculino patriarcal.

### **O silenciamento das mulheres**

Uma das questões que considero mais importante dentro do trabalho com o feminino diz respeito ao silenciamento. O silêncio das mulheres é uma das bases da estrutura opressora do patriarcado e um dos fatos mais naturalizados. Silenciar e aceitar o silenciamento é uma prática cotidiana que necessita de muita atenção para não se reproduzir. “Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas” (PERROT, 2017, p. 17).

Mas, o que seria exatamente esse silenciamento?

Podemos observá-lo de diversas formas. Uma, bastante evidente, é no tratamento histórico dado às mulheres. Somente nas últimas décadas surgiram livros de história que se preocupam com a mulher como protagonista de seu tempo. Na maioria dos livros e relatos históricos vamos encontrar uma ausência de personagens centrais femininos.

Quando aparecem, recebem um tratamento diferenciado, onde sua conduta é sempre examinada sob uma ótica moral. Essa abordagem não é utilizada, nos mesmos parâmetros, para os personagens históricos masculinos. Os homens que são heróis históricos podem ter mil amantes, estuprar, roubar e matar sem que isso prejudique a importância dada a seus feitos enquanto políticos, militares, líderes, artistas, cientistas etc. Os dados da vida pessoal adquirem pouca relevância diante da suposta grandiosidade de seus atos. Já no caso das personagens históricas femininas, quando alcançam alguma visibilidade, são julgadas com base em seu comportamento íntimo. Passa para o primeiro plano a conduta sexual. Falando claramente, as relações sexuais de um homem histórico não são relevantes, são um adorno curioso de sua biografia. No caso das mulheres a sexualidade vem para o primeiro plano e tudo o que a personagem histórica fez passa pelo crivo moralizante de sua conduta sexual. Adjetivos como puta e megera são comuns serem colocados em

mulheres históricas, onde a castidade e a santidade são virtudes bastante valorizadas. Cito alguns nomes, para não ficarmos sem referência: Maria Madalena, Teodora e Cleópatra.

Mas esse aspecto é somente a ponta do iceberg do dia a dia do silenciamento feminino. É um fenômeno de tal maneira naturalizado nas ações do cotidiano que, na maioria das vezes, não é percebido. Pelo contrário, é aceito e perpetuado inclusive pelas próprias mulheres, em relação a si mesmas e em relação à outras mulheres.

Isso se manifesta explicitamente na diminuta participação feminina em cargos de decisão e poder. Nos salários achatados. No menosprezo social dado às funções historicamente ligadas ao âmbito da vida privada, como o cuidar e limpar de ambientes, preparar alimentos no cotidiano e acolher, estimular e educar as crianças.

Quando ocupam cargos que envolvem competências ligadas à intelectualidade e liderança, as mulheres têm que provar seu valor com muito mais evidência do que os homens, pois é comum a voz masculina silenciar a feminina sem que pareça estranho ou descortês.

É claro que o silenciamento é um fenômeno abrangente e se dá também com outros atores sociais que estão em grupos considerados minoria. Por isso, não podemos deixar de notar que a opressão ao feminino vai além do sufocamento das mulheres. O feminino se manifesta em tudo que o patriarcado nega e quer controlar.

### **Aspectos metodológicos na superação do silenciamento**

Para desenvolver uma proposta de superação do silenciamento temos que pensar em dois aspectos complementários: o expressar e a receptividade à expressão.

Neste sentido podemos propor vivências que facilitem gerar uma ressonância entre a expressão e a escuta.

Entre as propostas que costumo utilizar para gerar esse processo estão as danças que realizamos em pares, onde dançamos para uma colega que acolhe a dança com seu olhar e seu genuíno interesse e atenção. Como complemento para esta proposta há as danças realizadas no centro do grupo, com uma pessoa por vez tomando o protagonismo da dança. São exercícios bastante utilizados na metodologia de Biodanza que geram a vivência de ser vista e de ser acolhida. Além de reforçar a identidade de quem dança, estes exercícios geram a vivência da disponibilidade e da atenção por parte das pessoas que compõem a roda. Da mesma forma, exercícios de voz e canto, feitos em pares ou em grupo, podem facilitar de forma muito potente a fala e a escuta feminina.

As propostas devem ser acompanhadas por consignas que explicitem o trabalho de superação do silenciamento. É importante ressaltar que o silenciamento é um fenômeno de tal forma naturalizado que, se não é explicitado, tende a continuar, sem que seja perceptível. As mulheres e

todas as pessoas que sofrem de silenciamento devem despertar do estado de torpor a que são submetidas, devem viver a experiência de serem vistas, ouvidas, acolhidas e consideradas.

Um mito que pode nos ajudar a trabalhar as questões de silenciamento é o da princesa Cassandra, de Tróia. Ela era uma poderosa vidente, mas se recusou a se submeter ao deus Apolo e, por isso, ele a amaldiçoou. Desta forma, todas as vezes que Cassandra fazia previsões, ninguém acreditava no que ela dizia. Por ser constantemente desacreditada, Cassandra passou a duvidar de si mesma, tornando-se calada e insegura.

Este mito pode ser utilizado para evidenciar o drama do silenciamento e, a partir dele, criar vivências de cura.

### **A diversidade da participação nos grupos de integração do feminino**

Como havia mencionado, iniciei meu trabalho com grupos exclusivamente compostos por mulheres. Nos últimos anos comecei a sentir uma nova necessidade nascendo. Sempre houve falas por parte dos homens da Biodanza com relação à vontade de participar nos grupos femininos. Eram expressões bastante descomprometidas, com um caráter ligado ao lúdico. Mas, nos últimos tempos, comecei a perceber que aquelas falas já não eram mais brincadeiras, mas sim a manifestação de uma necessidade que estava em ressonância com um novo período histórico.

Numa grande parte dos casos, o trabalho dedicado somente às mulheres já não se bastava, surgia a necessidade de se gerar um novo momento, de mais abrangência à diversidade. A transformação não se deu por mudança da estrutura temática dos encontros, mas sim pela abertura à participação independente do gênero, para todas as pessoas que estivessem interessadas nos temas tratados.

Iniciei este processo insegura sobre esta tomada de decisão. Mas, a experiência dos últimos anos vem demonstrando a possibilidade da formação de grupos **mistos** ricos e acolhedores. O interesse genuíno pela temática do feminino é o ponto central que conecta e faz a coesão entre os participantes.

Perrot (p. 16, 2007) fala de sua busca pessoal dentro das questões do feminino e escreve: “partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade.”

Apesar de que, hoje em dia, a maior parte dos trabalhos de Integração do Feminino que realizo contam com grupos heterogêneos, creio que em alguns casos pontuais é interessante manter algumas restrições que permitam gerar uma intimidade específica derivada das experiências de vida das participantes. Em casos como o propósito da superação de traumas relativos ao abuso e à violência doméstica, é necessário restringir o acesso, selecionando as participantes de acordo com as necessidades específicas.

## **Aspectos metodológicos para a diversidade da participação**

Os espaços de multiplicidade e diversidade têm sido experiências altamente significativas. É importante salientar que mantemos o foco sobre a integração do feminino, esse é o tema central das propostas. O formato possibilita novas experiências de crescimento pessoal e integração dos participantes. Os temas tradicionais que já citamos continuam em pauta, mas houve o surgimento de outros temas, que tem ressonância com aspetos sociais presentes no patriarcado. Ficaram mais evidentes posturas e discursos machistas, onde surgiram expressões do tipo: “mulheres são sempre assim” ou “homens fazem sempre tal coisa”. Estas são oportunidades para refletir o quanto as generalizações nos encham de preconceitos e nos impedem de ver e sentir os seres humanos que temos perto de nós.

Conforme citei anteriormente, o tema violência doméstica e o abuso em muitos casos exige grupos específicos. Mas, ao mesmo tempo, observo que os grupos heterogêneos facilitam a emergência da necessidade de tratar destes temas. É comum que homens cisgênero percebam o quanto foram educados para serem violentos e controladores. A integração do feminino para os homens é um resgate ao acesso a uma sensibilidade e doçura negados.

Vejo que esta nova proposta de participação traz a necessidade de vivências de dissolução de papéis impostos por circunstâncias culturais. Desta forma aumenta-se a percepção de cada participante sobre si mesmo e gera-se a coragem de contrapor modelos culturais restritivos e modeladores das identidades.

Muitas vezes, alguns participantes têm a experiência, na sua história de vida pessoal, de formar parte em movimentos sociais de resistência. Nestes casos, é importante perceber que estes movimentos podem gerar padrões rígidos de relação consigo e com o mundo. Por isso, o dissolver da identidade no acolhimento de um grupo receptivo e afetivo gera condições para uma manifestação mais íntegra da identidade de cada um.

Neste sentido, as vivências ligadas à polaridade regressiva do modelo teórico geram condições adequadas para resgatar a doçura e confiança de poder ser.

Pulsando com a regressão vamos ter a expressão da identidade cada vez mais integrada e renovada. Aqui temos que aportar vivências que permitam o contato genuíno com a sensualidade e com a criatividade, gerando, assim, a experiência da liberdade de autocriação.

## **Considerações finais**

Conforme mencionei anteriormente, este pequeno artigo não tem a pretensão de esgotar um tema tão amplo e profundo. Seu propósito é instrumentalizar metodológica e teoricamente

facilitadoras e facilitadores de Biodanza, a lidar com um dos temas mais impactantes da história humana.

Atualmente vivemos em um mundo cada vez mais complexo, que passa por um momento histórico delicado. Nosso planeta vive uma época de transição cheia de riscos e de novas possibilidades. Podemos dar um passo para uma nova forma de viver e estar no mundo, mais afetiva, inclusiva e biocêntrica. A Biodanza tem um imenso potencial de contribuição para a construção de um mundo mais humano, no sentido numinoso da palavra humanidade.

Nosso papel enquanto facilitadores e facilitadoras não é dar padrões de comportamento aos participantes de nossos grupos, mas sim criar o ambiente favorável a expressão ampla e contínua do ser.

### **Referências**

ALMEIDA, Rute Salviano. **Uma voz feminina calada pela inquisição**. São Paulo: Editora Hagnos, 2012.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

GONZALEZ, Myrthes. **A cura ancestral**. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2020.

PERROT, Michelle. **As mulheres e os silêncios da história**. Bauru: Editora Universidade do Sagrado Coração, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

## **AÇÃO DA BIODANZA E SUA RELAÇÃO COM OS CAMPOS MÓRFICOS**

**Este artigo foi realizado a partir da monografia para conclusão da formação de Facilitadora de Biodanza, na Escola Solar de Porto Alegre – Direção Luis Juan Castagnini e Silvia Eick a quem agradeço pelo aprendizado.**

**Esta monografia está disponível na biblioteca virtual da Revista Pensamento Biocêntrico, agradeço ao Agostinho Dalla Veccia, pelos anos de dedicação a este importante canal de divulgação do conhecimento científica na Biodanza.**

Tudo está interligado. Influenciamos e somos influenciados pelo meio em que vivemos, construindo a realidade através de nós. No universo, todas as partes formam o todo. Trata-se de uma teia de relações em constante interação. Cada ser, com suas características e individualidade, interage com o meio e atua no inconsciente coletivo.

A Biodanza propõe ativar potenciais afetivos e de comunicação através de vivências induzidas pela dança, pela música e por situações de encontro em grupo, que nos conectam. Através da música, são estimulados movimentos corporais, sentimentos, emoções, que deflagram reações bioquímicas no organismo. Elas geram um campo eletromagnético, que, por sua vez, emana da pessoa e expande-se pelo ambiente, afetando a todos, criando conexões. Sempre que um indivíduo aprende ou descobre algo novo, e isto se torna um hábito, essa atitude, repetida por muito tempo, criará uma ressonância que influenciará indivíduos da mesma espécie. Se mudamos, o mundo muda; atitudes diárias criam um grande movimento. Todos elementos de um sistema influenciam-se mutuamente.

A ciência tem demonstrado que existem campos ordenadores invisíveis que controlam todos os sistemas. Esses campos produzem a forma e o comportamento de tais sistemas, superando qualquer barreira de tempo e espaço.

Meu convite durante a elaboração da monografia, foi propor uma reflexão sobre as seguintes questões: Como, a partir dos efeitos integradores da Biodanza, é gerado um campo eletromagnético, que leva essa informação para o meio ambiente? Como acontece a interação física e energética entre os participantes de um grupo de Biodanza? Quais os efeitos fisiológicos e energéticos? Como isto forma um campo se que irradia para o meio, potencializando a ação da Biodanza?

O principal objetivo destas reflexões e questionamentos é mostrar que, quanto mais pessoas vivenciarem e difundirem o Princípio Biocêntrico, no qual está fundamentado o Sistema Biodanza, este se tornará um ecofator positivo, criando uma Ressonância Mórfica, ou seja, gerando ou modificando um padrão comportamental. Assim, em outras palavras, podemos ser agentes de transformação, através das nossas ações, hábitos, pensamentos, sentimentos e emoções.

## **1 - ESTRUTURA E EVOLUÇÃO DO UNIVERSO**

O cosmo é a totalidade do universo ordenado, que vai desde as estrelas até as partículas subatômicas, do macro ao microcosmo.

Um sistema vivo possui uma ordem orgânica que se transforma a todo momento e cujas mudanças abarcam a totalidade. Somos, muitas vezes, impulsionados por um anseio humano de encontrar o sentido e o valor naquilo que fazemos e experimentamos.

Ansiamos, assim, por algo que dê aos nossos atos um sentido de valor (Cantos, 2021).

Carl Sagan (1934 – 1996), renomado astrônomo e astrofísico, acreditava que estar vivo e ter uma consciência não é apenas um privilégio, mas sim uma grande responsabilidade. Cada um de nós é, sob uma perspectiva cósmica, precioso para a vida na Terra.

A humanidade é fruto de um processo contínuo de evolução que vem acontecendo há cerca de 4,5 bilhões de anos. Todos carregam esta bagagem compartilhada dentro de si.

## **2- CAMPOS ELETROMAGNÉTICOS DA TERRA**

O campo magnético da Terra interage com as radiações eletromagnéticas do Sol fazendo com que elas sejam freadas e também atua desviando-as de sua trajetória inicial. Por esse motivo é que podemos dizer que a Terra se comporta como um ímã gigante, com pólos positivo e negativo.

O movimento de rotação do planeta, cria correntes elétricas, formando um campo magnético.

O magnetismo é uma força invisível e isso faz com que ele esteja presente em

muitas ocasiões do cotidiano, mesmo que não percebamos.

Ele pode se apresentar na natureza como uma Tempestade Solar ou ainda, produzidas pelo homem; antenas; geradores de energia; equipamentos magnéticos, computadores, celulares.

### **3 - FÍSICA QUÂNTICA**

A palavra “Quântica” vem do latim *quantum*, que significa uma quantidade de pequenos pacotes de energia que está relacionado com o movimento dos elétrons, que são campos de energia. Quando os elétrons movem-se para uma órbita mais elevada, realizam um salto quântico e absorvem um pacote (de energia (fóton), o qual, ao retornarem às suas posições, liberam a energia recebida em forma de radiação eletromagnética. Fótons são pacotes de ondas que transportam quantidades fixas de energia, o que ocasiona a emissão de luz (Chopra, 2000).

A Física quântica é de grande importância na compreensão da realidade como totalidade. A natureza e o universo não são um conjunto de objetos soltos, mas sim uma teia de relações em constantes interações.

Quase todo universo é formado de puro vazio. No nível subatômico, substâncias aparentemente sólidas contêm um enorme espaço vazio, pois o que mais existe no interior do átomo é o vazio, que corresponde a 99,99% do espaço (Chopra, 1987). Assim, toda matéria é uma modificação do vazio. A matéria e o vazio fazem parte da mesma realidade e têm imensas implicações quanto à maneira de ver o universo.

Milhões de realidades são excluídas das nossas vidas pela percepção dos nossos sentidos em favor de um cenário aceito como real, aqui e agora. Contudo, a ciência provou que a consciência humana e o nosso mundo material estão interligados. Esta premissa nos leva a perceber que todos somos energia, irradiando nossa própria assinatura energética, que é única. A teoria quântica, assim, concentra-se na ação das forças de energias invisíveis que se formam em campos integrados e interdependentes.

A ciência, tem demonstrado que existem campos ordenadores invisíveis que controlam todos os sistemas. Esses campos produzem a forma e o comportamento destes sistemas, superando qualquer barreira de tempo e espaço.

Nesse contexto, lembra-se que, se um indivíduo aprende ou descobre algo novo e se essa atitude for repetida por muito tempo, será criada uma *Ressonância Mórfica*, que vai influenciar indivíduos da mesma espécie. Assim, todos os elementos de um sistema influenciam-se entre si.

Segundo o bioquímico e parapsicólogo Rupert Sheldrake (1942—), esse processo poderia explicar também a evolução social dos seres humanos. No decorrer da história, nós, seres humanos, bem como outras formas de vida, alargamos as fronteiras do nosso conhecimento, sempre tentando evoluir para uma compreensão mais ampla do nosso meio ambiente e para a realização do nosso próprio potencial interior. Assim, pode-se dizer que o nível da capacidade e da consciência humanas foram definidos por um campo morfogênico comum.

À medida que os indivíduos realizam suas capacidades particulares, como correr mais depressa, ler pensamentos, receber intuições, o campo morfogênico evolui, não apenas para essas pessoas, mas para todos os outros seres humanos. É por isso que invenções e descobertas muitas vezes são anunciadas, ao mesmo tempo, por vários indivíduos sem qualquer contato entre si.

É neste ponto que começam a fundir-se as descobertas da física moderna e as mais recentes pesquisas científicas. Estamos intimamente ligados ao universo e uns aos outros.

#### **4 - SISTEMA NERVOSO CENTRAL**

O sistema nervoso Central (encéfalo, medula espinhal) atua como um centro integrador, processando todas as informações dos impulsos recebidos. É nessa região, portanto, que as decisões são tomadas e ordens são geradas e enviadas para os órgãos.

Os neurônios são células nervosas, do sistema nervoso que estão relacionadas com a propagação do impulso nervoso.

A resposta emitida pelos neurônios assemelha-se a uma corrente elétrica transmitida ao longo de um fio condutor: uma vez excitados pelos estímulos, os neurônios transmitem essa onda de excitação - chamada de impulso nervoso. Tudo em nosso universo material está sempre emitindo luz e informação, inclusive nós.

#### **5 - CAMPO MÓRFICO**

Durante toda a nossa existência buscamos conexão com tudo ao nosso redor.

Também segundo o biólogo Sheldrake, Campos Mórficos ou Morfogenéticos são canais que atravessam o tempo e espaço para entregar informações. O autor, dessa

forma, postulou a hipótese da **Ressonância Mórfica**.

A palavra morfo ou “morpho” vem do grego e significa: forma. Já o termo: genética, tem sua origem na palavra gênese, que significa origem. Por isso, os Campos Morfogénéticos são entendidos como ordens e estruturas que formam padrões de comportamento, ou seja, todas as coisas possuem uma “auto-organização”, pré-determinada por seus próprios modelos estruturais.

As mentes de todos os indivíduos de uma espécie, incluindo o homem, se encontram unidas e formam parte de um mesmo campo mental planetário. Ele denominou esse campo mental de **Campo Morfogénético**, que afeta as mentes dos indivíduos e as mentes destes também afetariam ao campo;

Cada espécie animal, vegetal ou mineral possui uma memória coletiva, para a qual contribuem todos os membros da espécie a qual pertencem, conforme postula Sheldrake. Deste modo, se um indivíduo de uma espécie animal aprende uma nova habilidade, será mais fácil para todos os outros indivíduos da espécie aprendê-la, porque a habilidade *ressoa* em cada um, sem importar a distância que se encontre entre eles. E quantos mais indivíduos a aprendam, tanto mais fácil e rápido o farão os demais.

Essa conexão é tão profunda que é como se as nossas mentes conseguissem sair de nossos corpos, alongando-se e conectando-se ao mundo, as pessoas e ao ambiente. Na prática, Sheldrake aponta que este campo pode ser percebido no comportamento de pássaros que voam em perfeita sincronia, nos animais de variadas espécies que migram na mesma época ou na sensação de estar sendo observado...

Os Campos Mórficos são meios pelos quais circulam as informações. Eles determinam comportamentos característicos, e estes são disseminados através do espaço e do tempo. Não são campos estáticos ou físicos: são invisíveis e mutáveis, possuem uma identidade própria que não perde força mesmo após sua criação.

Sheldrake aponta que tanto pessoas quanto animais e plantas podem seguir padrões comportamentais herdados de gerações anteriores e até mesmo perpetuá-los para as próximas gerações. Isso ocorre porque existe uma espécie de memória nos campos morfogenéticos, proveniente do passado e que estimula comportamentos específicos dentro dos ambientes auto-organizados. Este processo de herdar memórias inconscientes também pode ser chamado de ressonância mórfica.

Se analisarmos nosso sistema neuronal, perceberemos que, ao prestarmos atenção a determinados assuntos insistentemente ou se tentarmos manter determinados tipos de pensamento, as conexões dos neurônios funcionarão como observadoras e farão

com que os íons atuem em uníssono, vibrando em harmonia uns com os outros, numa mesma frequência, pois as partículas possuem um campo eletromagnético. Nesse sentido, pesquisas provam que as células do corpo e vários sistemas se comunicam não apenas pelas interações químicas com as quais estamos familiarizados, mas também por um campo de energia coerente (luz) que carrega uma mensagem (informação) que faz com que o ambiente dentro e ao redor da célula dê instruções a outras células e sistemas biológicos.

Emitimos um campo eletromagnético, que irradia e se conecta com os outros seres. Deste modo, detectamos emoções e sentimentos dos outros. Portanto, estamos sempre enviando e recebendo energia eletromagnética, e emoções diferentes produzem frequências diferentes.

Afirmar que a Biodanza é um agente transformador da realidade, por meio da mudança biológica e comportamental, fica mais claro quando entendemos suas bases científicas, metodológicas e sua interconexão com as leis cósmicas. Isso porque somos um canal de expressão da vida. Nosso comportamento afeta as pessoas e o ambiente – tenhamos consciência disso ou não.

Nossos corpos, emoções e pensamentos emitem e propagam uma frequência que gera um campo eletromagnético mensurável; que interfere e pode modificar o *campo mórfico* de uma espécie. Logo, uma forma de acelerar a transformação desejada nos indivíduos e na sociedade é por meio das interações do campo de energia humano, o que é potencializado pela prática da Biodanza. Rolando Toro Araneda afirma em seus ensinamentos que temos de nos reconectar com nossos instintos básicos para vivenciarmos a plenitude existencial. Isto provoca um efeito transformador sobre a pessoa em todos os aspectos de sua vida.

Rolando Toro estava consciente das Leis Universais e de que a vida é auto-organizada. A realização desta monografia, assim, propiciou uma reflexão mais ampla e profunda sobre a interconexão dos sentimentos, pensamentos e emoções, com a realidade que percebemos.

Seja com um sorriso, um olhar, um abraço, tudo isso nos conecta com o outro. Se mudamos, o mundo muda, e atitudes diárias criam um grande movimento. Atitudes quase imperceptíveis, se repetidas, levam informações que podem criar ou modificar um padrão, gerando uma nova possibilidade. Cada um de nós, por si só, é um agente de mudança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRENNAN, Barbara Jan. *Mãos de Luz - Um guia para cura através do campo de energia humana*. São Paulo: Editora Pensamento, 1998.

CANTOS, Geni. *O Macro e Microcosmo: Um olhar Biocêntrico tendo como base referencial o Sistema Biodanza*. Florianópolis: Ed. Pandion, 2021.

DEXTRO, Rafael Barty. Bioeletricidade. *Portal InfoEscola*. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biologia/bioeletricidade/>. Acesso em: 03 nov. 2022.

EICK, Silvia. *Tarô da Biodanza*. Tubarão: Ed. Copiar, 2018.

LAPIERRE, David; DUBRO, Peggy P. *Evolução Elegante- A Expansão da Consciência- O seu Portal para o Hiperespaço*. São Paulo: Ed. Madras, 2011.

MC TAGGART, Lynne. *O Campo – Em Busca da Força Secreta do Universo*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2002.

MARCONDES, Marco R. *Medicina e Física Quântica*. Paraná: Marco Marcondes, 2019.

MARQUES, José Roberto. Estados mentais e frequências de ondas cerebrais. Instituto Brasileiro de Coaching (IBC). Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/estados-mentais-e-frequencias-de-ondas-cerebrais/>. Acesso em: 03 nov. 2022.

MCCRATY, Rollin. Clinical Applications of Bioelectromagnetic Medicine, edited by P. J. Rosch; M. S. Markov. New York: Marcel Dekker, 2004: 541-562. Markov. New York: Marcel Dekker, 2004: 541-562. Disponível em: <https://www.heartmath.org/research/research-library/energetics/energetic-heart-bioelectromagnetic-communication-within-and-between-people/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

PERT, Candace e MARRIOT, Nancy. *Conexão Mente Corpo Espírito*. São Paulo: Ed. Prolíbera, 2009.

SANTOS, Maria Lúcia Pessoa. *Biodança: Vida é Plenitude*. Belo Horizonte: Maria Lúcia Pessoa Santos, 2019.

\_\_\_\_\_. *Biodanza Clínica – Atenção à Saúde e Cuidado com a Vida*. Belo Horizonte: Maria Lúcia Pessoa Santos, 2009.

TORO, Rolando. Apostilas do Curso de Formação. International Biocentric Foundation, 2000.



# EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA E AMÉRICA PROFUNDA: EMANCIPAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO

Marina Aires Fernandes

**Resumo:** A Educação Biocêntrica utiliza um conceito ampliado de educação, que se fundamenta no Princípio Biocêntrico, para favorecer processos de aprendizagem-desenvolvimento referenciados na Vida. Neste Ensaio Teórico articulamos o pensamento de alguns autores cujas ideias nos fazem propor a Educação Biocêntrica como um caminho para a descolonização e emancipação do ser, do saber, do poder e da Mãe Terra. Rolando Toro ao elaborar o Princípio Biocêntrico pretendeu encontrar um caminho de harmonia, buscando resgatar nosso ser natural, oportunizando formas para descolonização do ser pela reconexão com a Vida. Nesse mesmo sentido, os povos ameríndios nos falam sobre um viver em harmonia com a Natureza, o Bem Viver, pautado no viver comunitário, nos princípios da complementariedade e reciprocidade, o que se diferencia do “viver melhor”, do mundo ocidental, que alimenta a competição baseada na exploração\colonização do outro e demais seres viventes. Catherine Walsh apresenta quatro áreas em que se expressam a colonialidade: no *Poder*, em função da classificação e hierarquização das diferentes identidades sociais; no *Saber*, quando se situa o conhecimento europeu como perspectiva única; no *Ser*, exercida por meio da inferiorização, subalternização e desumanização; e na *Mãe Terra* que encontra sua base na divisão sociedade/natureza, a partir de uma objetificação da Vida. Os mandatos de controle e exploração da Mãe-Terra, que funda a modernidade e seu modo de produção, nega esse modo de ser e de viver que caracterizam os povos originários. Rodolfo Kusch fala sobre a associação dos povos indígenas da América Profunda ao *fedor*, a algo sujo, anti-moderno, concepções que justificaram a inferiorização, e mesmo o genocídio desses povos. A Educação Biocêntrica, com o seu Método Integrativo Biocêntrico, nos fornece ferramentas para acessar, por meio de vivências pedagógicas, caminhos de superação da colonização que nos permite atuar como educadores para emancipação do ser, do saber, do poder e da Mãe Terra.

**Palavras chaves:** Educação Biocêntrica, Princípio Biocêntrico, Bem Viver, Descolonialidade.

## 1. Uma Educação referenciada na Vida

A Educação Biocêntrica surge nos anos 80, a partir da experiência de Ruth Cavalcante, educadora cearense que articulou o pensamento contido nas obras de Rolando Toro, Paulo Freire e Edgar Morin, referenciando-as como suas principais bases epistemológicas, nas quais se inspirou para o processo de co-criação do Método Integrativo Biocêntrico. Encontrou afinidades nas construções teóricas dos referidos autores, destacando em suas abordagens a presença do amor e o respeito à Vida como fundamento da relação entre os seres humanos e não humanos, o que as situam dentro do paradigma biocêntrico.

Este é um Ensaio Teórico em que, a partir do conceito ampliado de educação adotado pela Educação Biocêntrica, que tem sua base no Princípio Biocêntrico,

formulado pelo chileno Rolando Toro, e apresentado por ele como uma forma nova e antiga de pensar e sentir o mundo referenciado na Vida, buscamos ressaltar o papel descolonizador e emancipador dessa proposta pedagógica.

Em sua obra *Educação Biocêntrica: Ciência, Arte, Mística, Amor e Transformação*, publicada em 2016, Cavalcante e Góis trazem a visão do indivíduo complexo, afetivo, dialógico, consciente, reflexivo e pré-reflexivo, corporalmente expressivo e instintivo, desenhando uma educação libertadora, que possibilita a integração entre a expressão de vida e a construção do conhecimento. Nesse sentido, apresentam uma proposta pedagógica que contribui para o desenvolvimento humano, compreendendo que os processos de aprendizagem-desenvolvimento são permanentes e se dão em diferentes espaços e esferas da Vida.

Assim, a Educação Biocêntrica encontra-se dentro da tendência que Cavalcante denomina de *Evolucionária*, pois favorece a evolução humana por meio do viver, conviver, do ser e do sentir. Esta educação nasce, portanto, do desejo de despertar a consciência e contribuir para a emancipação humana, frente à urgência de se contrapor ao sistema de morte alimentado por modelos educacionais castradores, que predominam nas sociedades modernas ocidentais, pautados no paradigma antropocêntrico.

A educação da modernidade, ainda hegemônica nos dias atuais, provocou uma dissociação no ser humano e na sua relação com o mundo, fragmentação que se origina na separação do homem/mulher ao restante da Vida, o que tem gerado graves desequilíbrios. Passamos a não nos reconhecermos enquanto Natureza, como criatura, mas apenas em um único lugar, o de criador da nossa própria realidade, pretendendo controlar e explorar os demais seres viventes, numa relação de objetificação da Vida.

A metodologia adotada por tal educação é criticada por Saltini (apud Cavalcante e Góis, 2015) em razão de tentar “explicar a vida por meio de algo que não seja a própria vida”, o que, para o autor, foi o fator responsável por “aniquilar a voz da existência dentro da educação”. A Educação Biocêntrica traz de volta para o centro do processo de aprendizagem-desenvolvimento a própria Vida, retomando uma percepção antiga, a de que o conhecimento do mundo, primeiramente, é revelado pelo movimento cósmico. Assim, é na dança da Vida que encontramos os ensinamentos preciosos para fluirmos na espiral evolutiva.

Cavalcante e Góis (2015), ao abordarem a visão biocêntrica, trazem a compreensão de que todos os seres viventes têm seus próprios processos de cognição, não sendo uma exclusividade do ser humano, mas sim de todos os animais, das plantas,

e de cada ser que aprende, resiste, cresce e se desenvolve por meio das interações que realiza. Existem muitas formas de conhecer e aprender, não se pode afirmar que o processo de cognição, diferente do que é experimentado por nós humanos, seja inferior, mas apenas revela uma diversidade que é complementar e complexa.

O processo de aprendizagem-desenvolvimento teve origem para o homem/mulher no momento em que se percebeu que o Universo é vibracional, provocando uma oscilação, que ocorre de modo visível e invisível, e que possibilita gerar, recriar, difundir e processar energia e informação que alcança todo o Universo, conforme afirmam os autores supramencionados. Trata-se, portanto, do reconhecimento do Universo como um Ser Vivo, percepção que os povos originários, da América e de outros continentes, intuíram em razão de uma profunda conexão com a Vida. Nesse sentido, o processo de cognição é, sem dúvida, anterior à cultura, ocorre em qualquer lugar e por toda a existência. Como esclarece os autores,

Fica claro, então, que pensar a educação de modo biocêntrico significa ir longe, requer levar a vida humana para dentro do movimento do Universo e não apenas mantê-la dentro do marco cultural. Implica perceber que os processos de cognição não se originam no *homo sapiens sapiens*, nem a ele tampouco são próprios de uma racionalidade típica do racionalismo que impera até hoje. São mais antigos, mais amplos, mais complexos e mais sutis. (CAVALCANTE E GÓIS, 2015, p. 66-67)

Nessa perspectiva, aprendemos e nos desenvolvemos a partir da fricção com tudo que fazemos contato, da interação com o outro, do encantar-se por si mesmo, do enamorar-se da Vida, da coragem de amar, nutrindo o núcleo fundamental da nossa existência que é o “sentir-se vivo”. Retomamos, nessa proposta pedagógica, a sacralidade da Vida e o amor como força propulsora de tudo que vive, percebendo os gestos de afeto como favorecedores da construção do conhecimento, com capacidade de imprimir em nosso corpo uma sabedoria que podemos acessar a qualquer tempo.

Assim os processos de cognição para Educação Biocêntrica assume uma mudança radical de percepção, ultrapassando a visão reducionista, linear e fragmentada do antropocentrismo, abrindo-nos para um conhecimento que toma o ser por inteiro, para além da sua dimensão cultural, para considerar o ser cosmobiológico, que é autônomo e, ao mesmo tempo, interdependente dentro de um sistema vivo maior. Desde esse lugar não há uma hierarquização entre os seres vivos, mas sim uma compreensão de que cada espécie participa dessa dança da Vida, numa relação de complementariedade, manifestada no princípio da solidariedade, próprio da cooperação existente na Natureza.

Esse conceito ampliado de educação, como mencionamos, tem sua base no Princípio Biocêntrico. Por essa razão, aprofundaremos adiante o conteúdo desse princípio, o qual é central para a reflexão que propomos com relação ao caráter descolonizador e emancipador da Educação Biocêntrica, que carrega em seu pensamento e práxis a cultura da Vida.

## **2. Conexão com a Vida: uma sabedoria antiga e um novo paradigma**

O Princípio Biocêntrico tem como objetivo a conexão com a Vida, assim, Rolando Toro (2014) traz a afetividade como ponte essencial para estabelecer vínculo com tudo que vive, e como favorecedora dos processos de cognição. Nessa perspectiva, o autor estruturou tal princípio a partir de quatro eixos: a sacralidade da Vida, o Universo Vivo (Biocosmos), a expansão da consciência e a empatia (amor infinito), compreendendo que a Vida está no centro de todos os componentes do Universo.

O autor, ao falar sobre o Princípio Biocêntrico, ressalta que este surge como uma proposta anterior à cultura, que tem relação com a sabedoria biocósmica que gera os processos vivos, inspirando-se nas leis universais que conservam os sistemas de vida e possibilitam sua evolução. Menciona, ainda, que “nosso maestro é a própria Natureza” (TORO, 1987) e, portanto, nossa conexão com esta nos possibilita recordar os movimentos originais que geram a vida. Em suas palavras,

El Principio Biocéntrico tiene como punto de partida la vivencia de un universo organizado em función de la vida. Todo cuanto existe em el universo, sean elementos, astros, plantas o animales, incluyendo al ser humano, son componentes de um sistema viviente mayor. El universo existe porque existe la vida y no a la inversa. Las relaciones de transformación materia-energía son grados de integración de vida.[...]

El Principio Biocéntrico sitúa el respeto a la vida como centro y punto de partida de todas las disciplinas y comportamientos humanos. Restablece la noción de sacralidad de la vida. Se inspira em la intuición de un universo organizado em función de la vida y consiste em una propuesta de reformulación de nuestros valores culturales, que toma como referencial el respeto por la vida. (TORO, 2014, p. 67 e 68)

Segundo Cavalcante e Góis (2015), o Princípio Biocêntrico é a mais importante elaboração do Paradigma Biocêntrico, havendo um reconhecimento de que sua essência está aparecendo na consciência ética do ser humano como fenômeno evolutivo natural. Tal paradigma, portanto, é uma nova percepção da existência, que começa a ganhar maior expressão na década de 60, especialmente, com o Movimento Hippie, os

movimentos ecológicos, os novos movimentos sociais, além de diversos cientistas, artistas e espiritualistas que afirmavam novos valores referenciados na Vida.

O Paradigma Biocêntrico vem como uma resposta a uma profunda crise pela qual a humanidade está passando, que segundo Capra (1982) não é uma crise de conhecimento, mas sim, de percepção. O autor traz e uma compreensão complexa e sistêmica da vida, fazendo menção a uma Ecologia Profunda, termo criado por Arne Naess, que se refere ao reconhecimento do valor intrínseco da natureza, independentemente de seu valor de uso pelo ser humano, questionando, assim, a visão da sociedade moderna, que enxerga a Natureza apenas como um recurso a ser explorado.

Nesse contexto, Rolando Toro contribui de forma grandiosa com a elaboração e sistematização do Princípio Biocêntrico, que é paradigma fundante da Educação Biocêntrica. Tal princípio traz a percepção de que tudo no Universo está vivo; realidade que foi confirmada pela ciência a partir da Teoria de Gaia<sup>1</sup>, de James Lovelock, ganhando hoje, maior aceitação entre os cientistas tradicionais. Este conhecimento, há tempos havia sido intuído por civilizações antigas e inúmeros povos originários, já estando presente nos povos pré-sumarianos.

Toro (2014) menciona como antecedentes míticos do Princípio Biocêntrico as culturas de povos originários da América e da África, bem como de outros continentes, sendo interessante perceber as semelhanças das cosmovisões desses diversos povos. Nesse sentido, o autor afirma que a ideia de um Universo Vivo pode ser considerada uma constante no psiquismo humano.

Os povos indígenas trazem o Bem Viver como princípio das suas cosmovisões, carregando a compreensão de que tudo vive e está conectado e, por essa razão, necessitam estar em ressonância com a Vida. No entanto, distanciamo-nos dessa

---

<sup>1</sup>Teoria de Gaia, também conhecida como Hipótese de Gaia, é uma tese que afirma que o planeta Terra é um ser vivo. É uma hipótese da ecologia profunda que propõe que a biosfera e os componentes físicos da Terra (atmosfera, criosfera, hidrosfera e litosfera) são intimamente integrados de modo a formar um complexo sistema que mantém as condições climáticas e biogeoquímicas preferivelmente em homeostase. De acordo com esta teoria, nosso planeta possui a capacidade de auto sustentação, ou seja é capaz de gerar, manter e alterar suas condições ambientais. A Teoria de Gaia foi criada pelo cientista e ambientalista inglês James Ephraim Lovelock, no ano de 1969. Contou com os estudos da bióloga norte-americana Lynn Margulis. O nome da teoria é uma homenagem à deusa Gaia, divindade que representava a Terra na mitologia grega. Lovelock e outros pesquisadores que apoiam a ideia atualmente consideram-na como uma teoria científica, não apenas uma hipótese, uma vez que ela passou por testes de previsão. Foi, primeiramente, aceita por ambientalistas e defensores da ecologia. Porém, atualmente, com o problema do aquecimento global, esta teoria está sendo revista e muitos cientistas tradicionais já aceitam algumas ideias da Teoria de Gaia.

percepção e, como fruto da hegemonia do antropocentrismo, que separou o homem da Natureza, desvinculamo-nos do nosso próprio ser natural, o que tem nos levado à autodestrutividade e à destruição da nossa Casa Lar, a Terra.

Mais recentemente, diante da emergência global que enfrentamos, há um movimento de valorização das cosmologias dos povos indígenas, que começam a inspirar o mundo, e nos faz esperar com a perspectiva de abrir espaço para o novo e, ao mesmo tempo, honrar as sementes que nos foram deixadas por nossos ancestrais.

Como exemplo desse cambio evolucionário, rumo à efetivação do Princípio Biocêntrico, podemos destacar a presença dos princípios do Bem Viver nas Constituições da Bolívia (2009) e do Equador (2008), com a crescente influência do Novo Constitucionalismo Latino Americano no mundo jurídico; a aprovação do Dia da Mãe Terra pelas Organizações das Nações Unidas – ONU (2009); a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (2007), bem como o reconhecimento dos direitos da Natureza em vários países.

Esses avanços representam mudanças profundas nas estruturas de poder e na visão acerca da relação entre humanos e os demais seres vivos, mas sabemos que romper com a lógica da modernidade é uma tarefa desafiadora, que requer muita resistência, luta, amor e paciência pedagógica e, sobretudo, que conheçamos nossa história. Compreender de onde viemos, honrar nossa ancestralidade e valorizar esse conhecimento que resiste e vive ainda hoje é essencial para seguirmos em frente com os pés firmes, enraizados, conscientizando-nos do nosso pertencimento a esta América Profunda, reconhecendo-nos deste solo, de *Abya Yala*, nome dado pelo povo Kuna, do Panamá e da Colômbia, ao continente Americano, e que significa “Terra em plena madurez”, “Terra de sangue vital”.

Nessa perspectiva, compreendemos de grande relevância realizar algumas pontes entre o Princípio Biocêntrico e a sabedoria dos povos indígenas, inserida na proposta do Bem Viver, articulando a contribuição desses ensinamentos para a Educação Biocêntrica, base para percebermos esta proposta em seu papel na descolonização e emancipação humana.

### **3. O Bem Viver: passado, presente e futuro**

Rolando Toro não aprofundou seu estudo sobre as cosmovisões indígenas, não explicitando em seus textos o estreitamento entre toda a visão que apresenta através do

Princípio Biocêntrico com os conhecimentos tradicionais que resistiram e que pautam a vida em comunidade de centenas de povos ameríndios. Há algum tempo, cerca de uma década, alguns educadores biocêntricos e facilitadores de Biodança, a exemplo de César Wagner de Lima Góis e Ana Luiza Teixeira de Menezes, têm se voltado para o tema da América Profunda, ainda inserido de forma pontual dentro da Educação Biocêntrica e da Biodança.

Ao nos debruçarmos sobre o Princípio Biocêntrico, vimos que este carrega, na sua concepção, a intuição dos povos originários sobre a existência de um Universo Vivo, e propõe o retorno a uma conexão profunda com a Vida, o que nos permite resgatar a relação de respeito e sacralidade diante desta. Essa compreensão do mundo, que é essencialmente biocêntrica, está inserida no Bem Viver dos povos indígenas de *Abya Yala*.

Os povos ameríndios são exemplos de firmeza e resistência, pois mesmo diante de todas as condições adversas, desfavoráveis a sua sobrevivência e a de suas culturas, devido ao processo de genocídio e etnocídio realizado a partir da colonização, estes nunca se esqueceram de seu horizonte: *Suma Qamaña*, *Sumak Kawsay* ou Bem Viver, como expõe Mamani (2010), em seu livro *Buen Vivir/Vivir Bien*. As suas cosmovisões foram passadas de geração em geração por centenas de anos, resistindo a todo esse tempo de perseguição, desvalorização e negação, mostrando a força da semente crioula que traz a sabedoria da Terra, que é viva e permanente.

Apesar de haver uma grande diversidade, com muitas nações e comunidades com suas culturas e identidades próprias, podemos afirmar que existe uma essência comum entre as cosmovisões indígenas: o paradigma comunitário baseado na harmonia com a Natureza, que poderíamos sintetizar como Paradigma Biocêntrico. Trazem, portanto, uma percepção da Vida como elemento central de todas as relações, uma cultura da Vida que, conseqüentemente, promove o Bem Viver.

A tradução dos termos *Suma Qamaña* e *Sumak Kawsay*, como sinônimo de Bem Viver, não alcança o que essas palavras, nas línguas quíchua e aimará, significam para esses povos originários. Numa tentativa de traduzir o sentido de *Suma*, podemos dizer que o termo compreende as seguintes acepções: plenitude, sublime, excelente, magnífico, gracioso; enquanto *Qamaña* abrange o viver, conviver, estar sendo ou ser estando. Em quíchua *Sumak Kawsay* apresenta o mesmo sentido e, praticamente, a mesma tradução, tendo como significado mais próximo o de “viver em plenitude”, o que é a essência do *Buen Vivir* ou *Vivir Bien* (MAMANI, 2010).

Não só os povos Quéchuas e Aymará, da Bolívia, trazem em sua cosmovisão o Bem Viver. Temos a presença dessa compreensão de mundo e jeito de viver também nos povos Mapuche, do Chile, nos Kolla, da Argentina e nos povos amazônicos, sendo, na verdade, tal filosofia própria de todos os povos indígenas, por manterem uma relação de intimidade com a Natureza, numa percepção de interdependência e interconexão com toda a Vida. Essa visão biocêntrica gera movimentos espontâneos e orgânicos de cuidado com a Natureza, já que, de acordo com essa sabedoria milenar, nada está fora desta, considerando que todos somos parte de um Ser Maior e necessitamos, portanto, da nossa Mãe Terra (*Pachamama*) para viver.

Todas las culturas tienen una forma de ver, sentir percibir y proyectar el mundo. Al conjunto de estas formas se conoce como Cosmovisión o Visión Cómica. Los abuelos y abuelas de los pueblos ancestrales hicieron florecer la cultura de la vida inspirados en la expresión del multiverso, donde todo está conectado, interrelacionado, nada está fuera, sino por el contrario ‘todo es parte de...’; la armonía y equilibrio de uno y del todo es importante para la comunidad. [...] Afirman los sabios de nuestros pueblos ancestrales que recuperar la cosmovisión ancestral es volver a la identidad; un principio fundamental para conocer nuestro origen y nuestro rol complementario en la vida. (MAMANI, 2010, p. 24)

De acordo com Mamani (2010), as cosmovisões ameríndias são inspiradas na expressão do multiverso, ou seja, no conceito de que existem muitas verdades e não uma só (universo), não compreendendo o mundo apenas por um aspecto, mas sim, a partir de uma visão ampliada sobre os processos complexos do viver. Os povos indígenas se movem por um pensamento circular, seminal, por um saber que é naturalmente multidimensional, que vem da aprendizagem a partir dos ciclos da Natureza.

Nesse sentido, nada está fora ou é visto como “ruim”, tudo integra a Unidade Criadora da Vida, que se manifesta na dualidade, ressaltando a beleza nos contrastes inerentes à existência, que se constituem em opostos complementários que exercem uma função vital, formando um sistema complexo e interdependente que se retroalimenta. A Natureza, portanto, se nutre da decomposição da matéria orgânica, sendo a morte encarada como um pulsar da Vida, que está em contraposição ao nascimento. Podemos, constatar isso ao observar os processos naturais, sequenciados e contínuos, de nascimento, crescimento, florescimento, amadurecimento, decrescimento e morte, em que o ciclo precisa ser fechado, pois uma etapa depende da outra, formando uma espiral infinita. Tal compreensão está presente no conceito ampliado de educação adotado pela

Educação Biocêntrica, quando traz a Natureza como grande mestra ao se referenciar no Princípio Biocêntrico.

Viver Bem implica estar bem, que por sua vez, está relacionado com o saber viver, bem como, saber conviver. Fomos perdendo nossa capacidade de viver em comunidade (*ayllu*), fechando-nos cada vez mais numa pequena rede superficial de contato. A sabedoria dos povos originários da América Profunda nos fala sobre um viver em harmonia com a Natureza, o Bem Viver, que tem sua base no viver comunitário, nos princípios da complementariedade e reciprocidade.

Vivir Bien es vivir en comunidade, em hermandad y especialmente em complementariedad. Es una vida comunal, armónica y autossuficiente. Vivir Bien significa complementarnos y compartir sin competir, vivir em armonía entre las personas y con la naturaleza. Es la base para la defensa de la naturaleza, de la vida misma y de la humanidad toda. [...] El Vivir Bien no es lo mismo que el vivir mejor, el vivir mejor es a costa del otro. Vivir mejores egoísmo, desinterés por los demás, individualismo, solo pensar em el lucro. [...] Estos valores, estos principios, son la identidad que nos han legado nuestros abuelos, la armonía y la complementariedad em nuestras familias y em nuestras comunidades con la naturaleza y el cosmos, más la convivencia por médio del consenso diário entre todos y todo em nuestras comunidades y la sociedade entera. (MAMANI, 2010, p. 34 e 35)

Nossa ancestralidade indígena nos guia para um movimento de reconexão com a Mãe Terra, com a *Pachamama*, anunciando o Bem Viver como um caminho para a cura das enfermidades do mundo moderno. As suas sementes nos inspiram ao retorno ao primordial, ao contato íntimo e profundo com a Terra, com a Natureza, sendo extremamente preciosas e, sobretudo, necessárias à manutenção da Vida. E, nessa direção, compreendemos que precisamos encontrar meios de resgatarmos nossa identidade, descolonizarmo-nos, para integrar nosso ser que tem caminhado com gestos despedaçados.

Esta memória ancestral do Bem Viver aos poucos nos permite desvencilharmos desta modernidade colonizada e ter a vida como referencial de nossas escolhas como civilização. Como nos fala Rolando Toro nossa civilização fez a opção por um sistema social que gera morte e, ao trazer o Princípio Biocêntrico, vislumbrou a superação do viver melhor da cultura ocidental, pautado na competição, no individualismo, no controle e exploração da Natureza. Em seu lugar, propõe que as relações, a construção de conhecimento, as decisões políticas, e o conviver entre humanos e não humanos sejam referenciados na Vida, na mesma direção que os movimentos indígenas têm nos provocado a olhar.

Nossas avós e avôs indígenas afirmam sabiamente que conhecer nossas origens é essencial para resgatar nossa identidade. Ter uma identidade fortalecida, a partir da nossa herança ancestral, permite que sejamos livres para expressar quem somos, pois ao encontrarmos nossas raízes, pisamos firme nesse mundo, sustentando a integralidade do nosso Ser. Mamani (2010) traz a mensagem do povo aimará sobre a importância de recuperar e manter viva nossa identidade cultural, afirmando que um povo sem consciência é um povo que facilmente se deixa explorar.

O autor ainda ressalta que a busca da nossa identidade e o resgate da memória da nossa história não significam um retrocesso, pelo contrário, conhecer o passado se trata de um aspecto imprescindível para caminharmos conscientemente no presente e projetarmos, com sabedoria, o futuro. Nesse sentido, uma educação libertadora, que se propõe a fomentar um pensamento crítico e complexo sobre a realidade, tem um papel fundamental nesse processo.

Quando vivemos alienados e desvinculados da nossa biografia, do percurso histórico que constitui as memórias antigas registrada em nossas células, corremos o risco de sermos apenas meros repetidores de formas socialmente impostas, sem revelarmos e expressarmos o que trazemos na complexidade da nossa identidade, na singularidade do nosso ser cosmobiológico e cultural, com um jeito próprio de ser e se mover nesse tempo e espaço.

Nesse sentido, encontramos na Educação Biocêntrica, a partir do seu Método Integrativo Biocêntrico, um potencial para descolonialidade em seus múltiplos aspectos. Não teremos como efetivar o Princípio Biocêntrico sem olharmos profundamente para nosso ser colonizado, que conduz nosso pensamento, sentimento e ação no mundo, que nos impede de simplesmente “estar com”, de conviver harmonicamente com as diversas expressões de Vida. Há um horizonte novo, que nos faz mover para frente, mas certamente nos exige coragem para ver, reconhecer e sustentar todos os versos da nossa história, que revela o lado escuro da modernidade, o qual é intencionalmente mantido em silêncio e na invisibilidade.

#### **4. América Profunda: descolonização do ser, do saber, do poder e da Mãe Terra**

Os povos indígenas têm cuidado, ainda hoje, da manutenção da Vida em nosso planeta, da qual todos e todas dependemos. No entanto, vivemos alheios aos dolorosos processos de resistência que suas comunidades têm enfrentado para, simplesmente,

poderem existir. Há um movimento insurgente na América do Sul, que tem conseguido ecoar a voz desses povos originários, que lutam diariamente para que os homens e mulheres das cidades modernas despertem a consciência de que todos os seres vêm de uma mesma placenta, gestados no ventre da nossa Mãe-Terra, para os andinos a *Pachamama*.

Alguns autores, situados fora do circuito europeu e norte-americano, têm contribuído para uma nova epistemologia, um conhecimento com base nas vivências dos povos do Hemisfério Sul. Aqui buscamos articular as reflexões trazidas por Catherine Walsh (2008), que aborda o tema da colonialidade na dimensão do poder, do saber, do ser e da Mãe Terra, com a obra de Rodolfo Kusch, antropólogo argentino, que se dedicou ao estudo das mitologias, cosmovisões e pensamento dos povos indígenas da América Profunda. Compreender as raízes dos abismos provocados pela modernidade é essencial para o processo de conscientização que nos propõe a Educação Biocêntrica.

Catherine Walsh (2008), em seu artigo *Interculturalidade, plurinacionalidade e descolonização: as insurgências político-epistêmicas de re-fundar o Estado*, trata do caráter descolonial contido nas lutas dos movimentos ancestrais na América Latina, que conquistaram espaço dentro das estruturas de poder, realizando importantes rupturas.

Ninguém nega que atualmente a América do Sul está passando por mudanças, inovações e rupturas históricas. São estas inovações e rupturas, as que nos interessam aqui, as que apontam e mostram novas formações, construções e articulações sócio-políticas e epistêmicas de Estado e de Sociedade, formações, construções e articulações que são resultado e parte das estratégias de ação e luta dos movimentos ancestrais, da sua insurgência político-epistêmica, que sem dúvida, está abrindo caminho a um possível novo horizonte, -de uma virada- de caráter descolonial. (WALSH, 2008)

A autora aborda a *colonialidade do poder*, compreendendo que esta se centra na construção de um sistema de classificação social que se baseia em uma hierarquia racial e sexual, havendo uma distribuição de identidades sociais que se diferenciam: brancos, mestiços, índios, negros, em ordem de superioridade.

O eurocentrismo e o antropocentrismo colocam no topo da pirâmide o homem-branco, acentuando a dominação que é, primeiramente, racial, mas que também se revela nas relações de gênero. Afirma que essa estratificação social foi a chave do controle da população mundial e continua se reproduzindo dentro do Estado e sociedade “civilizadamente” excludente, tendo as elites nacionais assumido um discurso de mestiçagem ou, mais recentemente, de hibridismo do mundo globalizado, com o objetivo de negar a perpetuação do racismo e da injustiça racial.

Para além do viés do poder, relacionado à colonialidade pelos interesses do capitalismo e do marco da modernidade, Catherine Walsh traz para o diálogo as dimensões do saber, do ser e da Mãe Terra, todas interligadas e indissociáveis. A *colonialidade do saber* está na imposição de uma única perspectiva válida do conhecimento que é o posicionamento eurocêntrico, sendo apenas as racionalidades epistémicas dos homens brancos europeus ou europeizados, incluindo-se aqui os norte-americanos, que influenciam os sistemas educativos e as universidades com sua ciência, apresentada como o marco científico-acadêmico-intelectual, conforme pontua a autora.

O estabelecimento de uma classificação social, que se reflete na desvalorização das racionalidades e conhecimentos que se distanciam do racionalismo cartesiano do homem/mulher ocidental, também tem sua face na *colonialidade do ser*, tratada por Walsh. Os processos de inferiorização, de subalternação e de desumanização afetaram os indivíduos em sua subjetividade, com marcas profundas, sendo fruto de uma lógica perversa que subtrai o próprio direito de existir, imputando aos povos indígenas e africanos a condição de invisibilidade, de inexistência, taxando-os de “não-civilizados”, de bárbaros, como forma de justificar a superioridade dos brancos europeus. Para existir, portanto, deve-se perseguir o modelo ocidental e embranquecer, negar a ancestralidade indígena, africana, e enterrar todas as culturas que não se pautam no paradigma antropocêntrico e eurocêntrico apresentado pela modernidade.

Sobre a *colonialidade da Mãe Terra* (Pachamama), a autora expõe que ainda é um tema pouco abordado e que, diante do distanciamento que o antropocentrismo provocou entre o Homem e a Natureza, desvalorizando o místico, a relação espiritual com a Terra, que é própria dos povos originários, passamos a enxergá-la apenas como um depósito de recursos naturais a ser explorada pelo ser humano.

El último eje, uno que ha sido tema de menor reflexión y discusión, es el de la colonialidad de la madre naturaleza y de la vida misma. La que encuentra su base en la división binaria naturaleza/sociedad, descartando lo mágico-espiritual-social, la relación milenaria entre mundos biofísicos, humanos y espirituales, incluyendo el de los ancestros, la que da sustento a los sistemas integrales de vida y a la humanidad misma. la madre naturaleza –la madre de todos los seres– es la que establece y da orden y sentido al universo y del vivir. Al negar esta relación milenaria, espiritual e integral, explotar y controlar la naturaleza y ressaltar el poder del individuo moderno civilizado (que aún se piensa con relación al blanco europeo o norteamericano) sobre el resto, como también los modelos de sociedad «moderna» y «racional» con sus raíces europeo-americanas y cristianas, este eje de la colonialidad ha pretendido acabar con todo la base de vida de los pueblos ancestrales, tanto indígenas como afrodescendientes. (WALSH, 2008)

Ao negar a espiritualidade dos povos originários, que se centra no vínculo profundo com a Mãe Terra, em que esta é a geradora da Vida e de tudo que precisamos para viver, intencionou-se retirar sua força, esvaziar de sentido as suas existências. No entanto, não foram somente os povos indígenas e africanos que foram afetados por essa brutal colonização. Até hoje vivenciamos as consequências dos genocídios e da negação dessas culturas que deixaram marcas em todo um povo nascido da miscigenação das diferentes raças que conviveram nos territórios das antigas colônias do Continente Sul-americano. Ademais, o abandono da relação harmoniosa com a Natureza, inevitavelmente, está repercutindo no destino de todos os habitantes dessa Terra-Pátria.

Rodolfo Kusch, publicando, em 1962, o livro *América Profunda*, leva-nos a compreender as raízes da inferiorização desses povos originários. O autor traz à tona questões centrais dentro do processo de classificação social ao nos falar sobre *pulcritud* e *hedor*, referindo-se, com o primeiro termo, à limpeza representada pelos cidadãos das cidades e, o segundo, ao *fedor* que estaria associado aos povos indígenas, ideias e sentimentos que alimentaram tal segregação, um massacre fundado na superioridade dos humanos das sociedades modernas ocidentais que, em suas cidades, buscavam a perfeição, o purismo, a segurança, pretendendo superar o medo da “ira de Deus”<sup>2</sup>, através do controle da Natureza.

Portanto, a partir desse pressuposto excludente e separatista, inicia-se a dissociação entre alma e corpo, ser humano e Natureza, material e espiritual, razão/mente e intuição/coração, sagrado e profano, deixando de haver uma dança complementar entre esses aspectos duais que fazem parte da Vida e que para os povos ameríndios estão integrados, formando uma unidade. A luz, a alma, o divino, a razão estariam na cidade, enquanto a escuridão estava em tudo que ficou fora das grandes muralhas, junto aos povos das florestas e seus rituais pagãos, incompreendidos e rotulados, até hoje, como práticas satânicas.

Surge também o mundo de objetos, que continua crescendo, permanentemente, com as inovações científicas da modernidade, e o Ser passa a ter valor a partir do que

---

<sup>2</sup>Kusch usa o termo “ira de Deus” fazendo referência às intemperes da Natureza, a sua manifestação através de relâmpagos, trovões, tornados, enchentes, toda a imprevisibilidade inerente ao ambiente natural, vista como uma manifestação da fúria divina pelos povos originários, o que gerava medo em razão da sua completa dependência e impossibilidade de controlar a Natureza, assim, o autor fala que fomos criando as cidades para nos livrarmos desse medo, pretendendo uma segurança, que já se sabe inexistente, pois revela que nesse percurso só aumentamos nosso medo, hoje transferido para o que chama de “ira dos Homens”, que é o aumento da violência e da segregação em razão do sistema social excludente e pensado a partir do mundo de objetos.

possui, em detrimento do Ser relacional, o qual se amplia e cresce no conviver, na presença do outro, nos gestos de afeto. Nesse sentido, Kusch (1962) afirma que nossa mente mestiça, fruto da colonialidade do ser americano, vive um dilema que nos faz transitar entre o “ser alguém” da Europa do Século XVI e o “estar aqui com” ou “mero estar” da cultura pré-colombiana. Mas a forte negação que nos habita diante da associação dos povos indígenas a algo sujo, fedorento, de menor valor por sua sabedoria intuitiva, vivencial, distante do conhecimento científico e do triunfo das cidades, traz-nos uma dificuldade em aceitarmos essa nossa ancestralidade.

Apesar de pulsar em nós um jeito que não se encaixa na *pulcritude* das cidades inspiradas nas metrópoles europeias, não conseguimos dar espaço para o *mero estar*, existindo sempre uma cobrança interna que nos indica como única possibilidade o “ter objetos”, ou seja, o “ser alguém”. Nossa humanidade vai dando lugar a um ser de mera conduta, que deságua no abafamento de toda nossa potência criativa que está no pensamento circular e seminal, na Vida que pulsa agora e convida a dançar.

Trata-se de um conflito existencial que nos adocece e que, segundo Kusch, vai continuar existindo até que olhemos com profundidade e seriedade para o mundo antigo que nos constitui e nos atravessa, manifestando-se em nosso inconsciente pessoal e coletivo. O autor expressa em suas obras a urgência de se retomar o antigo mundo como caminho para reestabelecer a saúde. Como defende Kusch,

En América, y alo dijeen mi primer libro, se plantea ante todo un problema de integridad mental e la solución consiste en retomar el antiguo mundo para ganhar la salud. Si no se hacea si, e antiguo mundo continuará siendo autónomo y, por lo tanto, será una fuente de traumas para nuestra vida psíquica y social. (KUSCH, 1962, p. 4)

O adoecimento das pessoas que moram nas cidades está relacionado a um modo de viver antinatural, gerando enfermidades que não são só físicas, diante da indústria alimentícia e da indústria farmacêutica que promovem morte, mas, sobretudo, são enfermidades da alma, que não encontra sentido no mundo de distração, no mecanicismo do cotidiano da cidade, que não possibilita a expressão da nossa emocionalidade, porção da vida que foi escamoteada, negada, que faz parte dos *hedores* dos povos originários.

Kusch fala justamente desse mundo antigo que acolhia seus medos e os ritualizavam, que sanavam o coração com seus gestos de humildade perante a “Ira de Deus”, diante do mistério da Vida. Enquanto não abraçarmos essa realidade que também está em nós e que nos possibilita curar nossas feridas profundas, toda essa dor

ficará a margem do nosso existir, mas certamente, continuará a flor da pele, como sensação inseparável que é gerada pela memória incontestável de nossas células.

O povo mestiço da América carrega de forma mais viva a sabedoria dos povos originários, se pensarmos que o ser colonizado não é tão antigo, são pouco mais de quinhentos anos que representam apenas um pequeno ponto na linha do tempo, mas que parece uma eternidade em nosso viver, por acessarmos somente esse novo mundo de objetos e muralhas. Mamani também reforça esse modo de pensar quando afirma que

Durante los últimos años se há venido dando un proceso de búsqueda de alternativas a esta crisis. Hay una necesidad de retornar a una vida más natural y a los valores y principios ancestrales, especialmente en los países industrializados. Pero para ellos es más difícil porque son los que más se esforzaron en acabar con sus culturas originarias y exterminar todos los rasgos “pre-modernos” que podían haber sobrevivido a la arremetida de la modernidade. (MAMANI, 2010, p. 29)

O movimento indígena se fortaleceu nas últimas décadas, havendo hoje um resgate e uma difusão das antigas sabedorias guardadas por quem nos antecedeu. Os olhares se voltam para o Bem Viver, bem como, ao Ubuntu, filosofia dos povos africanos, como uma alternativa à crise global, encarando a urgente necessidade de reaprendermos a conviver, a compartilhar, a viver bem, numa relação de reciprocidade e de respeito com as vidas humanas e não humanas.

Conhecer, valorizar e honrar essa sabedoria ancestral é essencial para que aprofundemos em nós mesmos, para que estejamos enraizados, ao passo que precisamos dar espaço para novas teorias e práticas reverenciadas na Vida como meio de ultrapassar a crise de percepção em que estamos afundados, e caminhar com firmeza para a descolonização do Ser, do Saber, do Poder e da Mãe Terra e, conseqüentemente, para a construção de uma sociedade biocêntrica, pautada no Bem Viver.

Nessa perspectiva, compreendemos o importante papel da Educação Biocêntrica, que parte de uma visão ampla da educação e seus processos de cognição referenciado na Vida, possibilitando uma reaprendizagem e um resgate do ser natural, da nossa identidade, numa reconexão com nosso ser mais profundo, integrado, visto não só a partir da cultura, mas pelo seu lugar dentro do movimento cósmico.

## **5. Educação Biocêntrica como caminho para a descolonização e emancipação**

Situada em um novo paradigma, a Educação Biocêntrica afirma seu compromisso com o despertar da nossa consciência para que nos demos conta da nossa

tarefa evolucionária, da nossa responsabilidade enquanto sujeitos individuais e coletivos implicados no mundo. Provoca-nos para uma ação transformadora, oferecendo-nos um caminho que tem como horizonte a harmonia, o amor e a liberdade, não como um dever, mas como possibilidades concretas de serem vividos no “aqui agora com”, intensificando nossa presença e sensibilidade para, cotidianamente, fazermos escolhas geradoras de vida.

Tal proposta pedagógica, com seu Método Integrativo Biocêntrico, quando abraça um conceito ampliado de educação, coloca a Vida como referência maior do viver e do aprender, possibilitando a construção de uma cultura biocêntrica, de valores éticos de respeito com todos os seres vivos, de sujeitos que possam caminhar conscientes do seu pertencimento a esta Terra-Pátria, seres amantes e cuidadores da Natureza. Uma educação que nos relembra o essencial, o que é fundante e fortalecedor da nossa identidade: o “sentir-se vivo”, o que faz possível a vinculação com nosso próprio ser, com o outro e com a totalidade, para, assim, favorecer a expressão natural e espontânea das singularidades que somos.

A descolonização do homem/mulher, compreendido em seu multiverso, é um percurso a ser trilhado desde o coração, esvaziando-nos dos preconceitos, do racismo estrutural, rompendo com as amarras e cercas que nos separam. Precisamos compreender a complexidade da Vida, voltarmos a conviver e nos olharmos desde o círculo, que nos faz lembrar o que nos une.

A Educação Biocêntrica nos (re)lembra nosso lugar comum enquanto espécie humana, nosso ser cosmobiológico, com uma identidade terrestre-planetária, e nos convida a recuperarmos nossos gestos naturais, que nos permitem um profundo reconhecimento da essência e da sacralidade de cada vida. Também promove o pensamento crítico e complexo, no sentido de uma percepção integral do ser, visando sua emancipação e sua autonomia.

As práticas educativas dessa abordagem biocêntrica permitem acessar o profundo em nós, reaprendermos a conviver, a expressar nossa potência criativa, bem como, compartilharmos vivências e conhecimentos. Pauta-se na celebração da vida, oportunizando a intensificação do viver; no fortalecimento dos vínculos promovidos pelo conviver, aqui permeado pelo diálogo amoroso; na visão multidimensional e integral do Ser, estimulando uma atitude aberta e reflexiva sobre o existir; no sentir que é nutrido pela vivência, colocando-a num lugar privilegiado no processo de cognição.

Assim, recupera o que ficou de fora, para integrar e devolver o valor de partes do nosso ser que nos foi negada em razão da sua atribuição ao *fedor* dos povos originários, como sucedeu, por exemplo, com a rejeição dos nossos instintos, emoção e corpo. A inferiorização dessas dimensões do ser foi uma consequência do processo de colonialidade, a partir do pensamento cartesiano, que estabeleceu a superioridade da razão, do intelecto, passando a menosprezar o que não servia ao racionalismo-científico.

Perdemos a intimidade com nosso próprio corpo, nossa inteligência afetiva e instintiva, por um desuso, pelo convencimento de que tais habilidades seriam desnecessárias ao ser da modernidade, crença que causou graves dissociações que provocaram o surgimento de inúmeras “doenças de civilização”, como já abordamos anteriormente.

Trazer o corpo para o processo de aprendizagem-desenvolvimento é um aspecto que diferencia a Educação Biocêntrica de outras propostas pedagógicas. Assim, trata-se de uma prática transformadora, não só por suscitar o pensamento crítico e complexo, mas, sobretudo, por estar comprometida com nossa evolução, por cuidar do que temos de mais precioso: a capacidade de nos vincularmos. Através das vivências pedagógicas, o corpo, com sua emocionalidade, encontra espaço para se expressar, para dar e receber, para dialogar e expandir na presença amorosa do outro e do grupo.

A afetividade, manifestada nos gestos naturais de cuidado com a Vida, é a linguagem universal que permeia todas as práticas educativas da Educação Biocêntrica. Nesse sentido, a vivência aparece como lugar central para o resgate do nosso ser natural, devolvendo ao nosso corpo sua sabedoria ancestral, a possibilidade de conhecer o mundo a partir de nossa integralidade, reaprendendo a escutar nossa intuição, nossos instintos, a Terra, as forças sutis e sagradas que nos rodeiam.

Ao incluir diferentes saberes, a Educação Biocêntrica, valoriza o conhecimento gerado por meio da vivência dos povos originários, e de tantos outros, que estão fora da lógica racional da modernidade. Através do seu Método Integrativo Biocêntrico, busca retomar a cultura da Vida, inspirando-se em antigos ritos, mas criando novas possibilidades dentro do contexto em que vivemos hoje.

Nessa tarefa evolucionária, como educadores biocêntricos, precisamos honrar nossa ancestralidade, buscando conhecer nossas raízes e aproximar os mundos. A sabedoria dos povos originários nos oferece as sementes para ultrapassar a crise de percepção na qual vivemos. Muitas dessas sementes foram e continuam sendo fontes de inspiração para a criação das vivências pedagógicas da Educação Biocêntrica.

Destacamos os Rituais de Vínculo e as Cerimônias de Vida, utilizados dentro dessa abordagem, como uma grande contribuição dos povos originários e como ponte para o caminho de volta, no sentido da descolonização.

Não se trata de copiar modelos, costumes, rituais, ou mesmo de consumir novas e infinitas técnicas que não nos são passadas de forma profunda, mas sim, de sentir a essência, o íntimo daquele gesto, do rito, da dança, para lembrarmos os movimentos que fazem parte da humanidade desde o princípio, abrindo espaço para o mistério em nossas vidas.

Quando nos voltamos para a América Profunda, para o viver dos povos de *Abya Yala*, vemos que há uma riqueza de cosmovisões, de mitos, de rituais que nutrem a vida em comunidade, que dão sentido a cada existência. O conviver, o “mero estar” e o ser que, primeiramente, está a serviço da coletividade, é uma realidade da qual fomos nos distanciando. Esquecemos a imprescindibilidade da nossa conexão com a Natureza e, por isso, criamos abismos dentro de nós e entre nós. A Educação Biocêntrica propõe que umidifiquemos as rachaduras que nos despedaçam e, como jardineiros, reguemos os jardins que somos, nosso solo, para florescermos e reflorestarmos nossa paisagem.

Os povos ameríndios mostram sua incrível capacidade de resistência, o imenso valor que dão à Vida, tendo buscado resguardar a todo custo suas identidades culturais. Hoje essa sabedoria milenar tem ganhado visibilidade, inspirando a nível global diversos âmbitos da vida na sua dimensão social, econômica, política e jurídica, estando o Bem Viver na ordem do dia, diante da emergência global que se apresenta.

Mencionamos alguns importantes avanços, especialmente, os provocados pelo movimento indígena na América do Sul. No entanto, os verdadeiros câmbios sofrem grandes perseguições pela atual estrutura de poder, como vemos acontecer nas tão jovens democracias das antigas colônias. São permitidas as críticas ao sistema capitalista, ao seu modo de produção que gera mortes, ao consumismo desenfreado, ao individualismo, mas somente ganham espaço as reflexões que não evidenciam as raízes das problemáticas socioambientais enfrentadas hoje, portanto, as que não pretendem romper com a lógica moderna.

Como exemplo, podemos ver que o modo de abordar o tema do cuidado com a Natureza, já bem presente nos meios de comunicação, no ambiente escolar, no meio empresarial, no setor público, infelizmente, ainda apresenta como foco o ser humano, permanecendo uma visão de objetificação da Natureza, em que os homens/mulheres devem administrar os chamados “recursos naturais”, vendendo a ilusão do

desenvolvimento sustentável, sem deslocar a questão para a mudança de paradigma, para o reconhecimento do valor intrínseco da Vida.

Nesse sentido, os povos indígenas continuam sendo massacrados, na tentativa de silenciar suas vozes que nos falam das dores de Pachamama, da Mãe-Terra. Sabemos que há um iminente risco de não sobrevivermos devido às graves mudanças climáticas, provocadas pela brutal interferência da humanidade no ambiente natural. Diante desse contexto, as cosmovisões ameríndias e tradições encontradas nas antigas civilizações têm sido uma esperança e um alento no sentido de reaprendermos a conviver em harmonia com a Natureza, encontrando um novo jeito que certamente nos será revelado.

As vivências pedagógicas da Educação Biocêntrica desempenham um papel importante frente ao nosso tempo, o de “acabar com o desigual dentro de nós”, fala trazida por Góis em um contexto que se refere a valorizar todos os povos que nos constituem, sem complexo de inferioridade ou soberba pela crença em uma falsa superioridade. Essa afirmação, portanto, não está vinculada a uma visão homogênea do humano, ao contrário, já que se reconhece a riqueza da diversidade e a importância do respeito as nossas diferentes culturas, o desafio que está posto é o de superar a visão de que somos estranhos uns aos outros, e podermos sentir que conhecemos o outro pelo simples fato de sermos humanos, assemelhando-nos em nossos dramas e aventuras diante da Vida.

Portanto, precisamos tomar a América Profunda para dentro dessa proposta pedagógica, não só como conhecimento, ou mesmo, como compreensão do multiverso dos povos ameríndios, mas, primeiramente, como constituinte de nós mesmos, desde o lugar de pertencimento. Assim, será possível olharmos para a colonialidade que nos habita e rompermos com a segregação que está em nosso corpo, em nosso saber, nas relações de poder e na Mãe-Terra (*Pachamama*).

Há um chamado urgente da Vida para assumirmos a tarefa essencial, que nos cabe enquanto educadores biocêntricos, de possibilitarmos a descolonização e o retorno às origens do ser natural, visando à emancipação do homem/mulher, como sujeito individual e coletivo, responsável pelo seu processo evolutivo e consciente da sua identidade terrestre-planetária. Esse despertar, que nos convoca a olharmos para nossa história, é o passo iniciático que permite que instauremos novos processos de cognição que contribua para reaprendermos o Bem Viver e nos contrapormos ao que nega a Vida, retirando os objetos e a mercadoria como mediadores de vinculação humana.

## Referências Bibliográficas

CAPRA, Fritjof. **Ponto de Mutação**, São Paulo: Ed. Cultrix, 1982.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**, São Paulo: Ed. Cultrix , 1997.

CAVALCANTE, Ruth; GÓIS, C. W. de Lima. **Educação Biocêntrica: Ciência, Arte, Mística, Amor e Transformação**. 1ª ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

KUSCH, Rodolfo. **América Profunda**. 1. ed. Buenos Aires: Biblios, 1999.

KUSCH, Rodolfo. **América Profunda**. 1962. Reprint, in Obras Completas, 2: 1-254. Córdoba: Editorial Fundación Ross, 2000.

LOVELOCK. James. **Gaia**. Lisboa: Edições 70, 1987.

MAMANI, F.H. **Buen Vivie/Vivir Bien: filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas**. Lima-Peru: Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas – CAOI, 2010.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Educação Ameríndia: a dança e a escola Guarani**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

TORO, Rolando. **El Principio Biocéntrico: Nuevo Paradigma para las Ciencias Humanas - La Vida como Matriz Cultural**. 1ª ed. Cecilia Toro Acuña, (org). Santiago/Chile: Editorial Cuarto Propio. Chile, 2014.

TORO, Rolando. **Principio Biocêntrico**. Cadernos de Vivência (org. César Wagner de Lima Góis), Fortaleza/Recife, Centro de Vivência/Editora Bio's, 1987.

.

# EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA, UM PARADIGMA DE CONVIVÊNCIA AFETIVA:

## Relato de experiência<sup>1</sup>

André Luís Soares Simoni<sup>2</sup>  
Dra. Maria Sirlene Pereira Schlickmann<sup>3</sup>

### Resumo:

A Educação Biocêntrica é um paradigma pedagógico que nos possibilita ensinar às crianças modos de convivência afetivos para que possam vivenciar com intensidade todos os sentidos do aqui e agora, inspiradas em práticas educativas de conexão com a vida. É um modelo de ensino que considera a multidimensionalidade do humano, da vida e confia na afetividade como alicerce para uma convivência saudável, na qual a comunicação entre os sujeitos recusa todas as formas de violências. Este artigo propõe-se a compartilhar uma experiência vivenciada no ensino básico fundamental e seus efeitos na comunidade escolar. Estas práticas pedagógicas promovem uma cultura de paz por meio do diálogo reflexivo e vivencial, mediadas por conteúdos que incluem a sustentabilidade, a arte, a música, a escultura, a dança, o teatro de fantoches, os jogos cooperativos e a reciclagem de materiais na construção dos jogos e brinquedos, promovendo o reconhecimento e a valorização da vida. O *locus* de realização das experiências ocorreu em três escolas: Núcleo Escolar em Santa Rosa de Lima (SC) e E.E.B Fábio Silva e E.M.E.B. Faustina da Luz Patrício, ambas em Tubarão (SC). Os autores principais convidados para o diálogo foram: Freire (1991, 2003, 2014), Morin (2000, 2002), Maturana (2002), Spode (2018), Sousa (2006, 2011), Flores (2006, 2018) e Cavalcante (2001, 2006, 2008, 2015). Em termos de resultado, podemos dizer que, a partir do paradigma da Educação Biocêntrica, é possível ampliar, com equidade, a visão de mundo dos sujeitos, assim como incentivar o conviver em harmonia com as diferenças, tornando possível um novo modo de educar, por caminhos de maior empatia e autonomia, por meio da *práxis* no território do saber e do aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser.

**Palavras-chave:** Educação Biocêntrica. Inteligência Afetiva. Biodança/Biodanza<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa foi desenvolvida como registro teórico vivencial para conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Pedagogia da UNISUL.

<sup>3</sup> Professora orientadora.

<sup>4</sup> Biodança/Biodanza<sup>®</sup> compõe as Práticas Integrativas Complementares de Saúde (PICS) aprovadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), conforme Portaria 849/2017. A formação do facilitador de Biodança/Biodança se dá através de Módulos temáticos, ministrados por Escolas autorizadas pela *International Biocentric Federation (IBF)*, as quais seguem um Programa único mundial, proposto por Rolando Toro Araneda, criador deste Sistema. Esta formação inclui conteúdos teóricos e vivenciais, sistematizados em 28 temas, um para cada Módulo mensal com carga horária de 12 horas, além de 3 Seminários com temáticas pertinentes ao Curso. Ao final o estudante realiza seu estágio supervisionado e elabora seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o qual é apresentado junto a uma banca examinadora, constituída por três Professores/Facilitadores Didatas de Biodança/Biodança.

**Abstract:**

Biocentric education is a pedagogical paradigm which enables us to teach children affective ways of living together so that they can experience intensely all the here and now senses inspired by life connection educational practices. It is a teaching model that considers the multidimensionality of the human being and of life and relies on affectivity as the foundation for a healthy coexistence in which the communication between individuals refuses all forms of violence. This article intends to share an experience lived in elementary school and its effects on the educational community. These pedagogical practices foster a culture of peace through an experiential and reflexive dialogue, mediated by contents which comprehend sustainability, art, music, sculpture, dance, puppeteering, cooperative games and recycling materials in games and toys, stimulating life acknowledgment and appreciation. The experiment loci were three schools: Núcleo Escolar in Santa Rosa de Lima, Santa Catarina state, E.E.B. Fábio Silva and E.M. E.B. Faustina da Luz Patrício, both in Tubarão, Santa Catarina state. The main authors invited for the dialogue were: Freire (1991, 2003, 2014), Morin (2000, 2002), Maturana (2002), Spode (2018), Sousa (2006, 2011), Flores (2006, 2018) and Cavalcante (2001, 2006, 2008, 2015). In terms of results, we can say that, based on the Biocentric Education paradigm, it is possible to expand, with equity, the individuals' worldview, as well as to stimulate social living in harmony with the differences, enabling a new way of educating, through avenues of greater empathy and autonomy, by means of praxis in the realm of knowledge and learning to know, to act, to live together and to be.

**Key words:** Biocentric Education. Affective Intelligence. Biodanza

**Resumen:**

La educación Biocéntrica es un paradigma pedagógico que nos permite enseñar a los niños formas de relaciones afectivas para que puedan vivir con profundidad todos los sentidos del presente inspirados en prácticas educativas de conexión con la vida. Es una manera de enseñanza que lleva en consideración la multidimensionalidad del humano, de la vida y creer en el afecto como base para una convivencia saludable en la cual la comunicación entre los sujetos rechaza todas las formas de violencia. Este artículo propone compartir una experiencia vivida en la enseñanza básica y sus efectos en la comunidad escolar. Estas prácticas pedagógicas promueven una cultura de paz por medio del dialogo reflexivo y vivencial, mediados por contenidos que incluyen la sustentabilidad, el arte, la música, la escultura, la danza, el teatro de marionetas, los juegos cooperativos y el reciclaje de materiales en la construcción de juegos y

juguetes, promoviendo el reconocimiento y valoración de la vida. El lugar para la realización de los experimentos se dio en tres escuelas: Núcleo Escolar de Santa Rosa de Lima (SC) y E.E.B Fábio Silva y E.M.E.B. Faustina da Luz Patrício, ambos en Tubarão (SC). Los principales autores invitados para el diálogo fueron: Freire (1991, 2003, 2014), Morin (2000, 2002), Maturana (2002), Spode (2018), Sousa (2006, 2011), Flores (2006, 2018) y Cavalcante. (2001, 2006, 2008, 2015). En términos de resultados, podemos decir que, a partir del paradigma de la Educación Biocéntrica, es posible ampliar equitativamente la cosmovisión de los sujetos, así como incentivar a las personas a vivir en armonía con las diferencias, posibilitando una nueva forma de educar, a través de caminos de mayor empatía y autonomía, a través de la praxis en el territorio del conocimiento y aprendiendo a conocer, a hacer, a convivir y a ser.

**Palabras clave:** Educación Biocéntrica. Inteligencia Afectiva. Biodanza

## Palavras iniciais

O presente artigo é uma síntese das reflexões desenvolvidas ao longo do Curso de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, por meio de um relato de experiência de nossa prática com a Educação Biocêntrica no ambiente escolar.

É nesse cenário sinuoso que, como educador, experimentamos a construção dos vínculos com as crianças e os profissionais da escola, vivenciando com eles os modos com que acontecem os laços afetivos. No espaço escolar, o fortalecimento dos vínculos solidifica relações saudáveis de amizade, confiança e reconhecimento do outro, como legítimo outro, na convivência (MATURANA, 2002, p. 67).

Nossa reflexão nasceu do seguinte questionamento: quais práticas pedagógicas são fundamentais para forjar uma educação na qual a vida seja o centro das aprendizagens e promova o desenvolvimento da inteligência afetiva?

Ensinar às crianças os modos de convivência afetivos implica criar atividades pedagógicas para que possam vivenciá-las com intensidade, acessando todos os sentidos que afloram no aqui e agora, no instante vivido, inspiradas por práticas educativas de conexão com a vida. A isso, vamos chamar Educação Biocêntrica, um paradigma que considera a multidimensionalidade do humano, imerso na vida, e confia na afetividade como alicerce para uma convivência saudável, na qual a comunicação entre os sujeitos recusa todas as formas de violência.

A reflexão partiu ainda das narrativas das crianças, com o propósito de escrevermos uma síntese explicativa que possa contribuir com o descerramento da Educação Biocêntrica como um paradigma em crescente aprofundamento. A intenção das práticas educativas estava alicerçada ao interesse pela efetivação de uma convivência escolar pautada no respeito mútuo, com o acolhimento das diferenças como um aspecto importante, pelo fortalecimento dos laços de afeto e pela alegria de aprender. Tal objetivo foi desdobrado para compartilhar com os/as leitores as experiências de socialização vivencial com as crianças, mediadas por conteúdos que contemplam a sustentabilidade, a arte, a música, a escultura, a dança, o teatro de fantoches e a reciclagem de materiais para a construção de jogos e brinquedos inspirados no reconhecimento e na valorização da vida.

Em termos de estrutura, o texto inicia tecendo as palavras iniciais na introdução, segue com os aportes teóricos que orientam esta reflexão, chegando à Educação Biocêntrica como um paradigma inovador. No próximo tópico, tratamos do relato de experiência com as narrativas das crianças, uma síntese explicativa da efetivação da convivência escolar pautada no respeito

mútuo, nos laços de afeto e na alegria de aprender. Por fim, apresentamos as considerações finais.

### **Educação Biocêntrica: aportes teóricos que orientam esta reflexão**

Os estudos em torno da Educação Biocêntrica não são recentes. Surgiram a partir da Biodança (Biodanza®), considerada um sistema de desenvolvimento humano, a qual foi criada pelo antropólogo chileno Rolando Toro Araneda<sup>5</sup> que em 1962 aplicou e desenvolveu a proposta em escolas primárias de Valparaíso, Procuco e Santiago do Chile (TORO, 2012, p.54). Como um paradigma em aprofundamento, a Educação Biocêntrica vem sendo pesquisada por diferentes estudiosos, conforme citado anteriormente, é aplicada em vários nichos desde 1980, em escolas, em algumas empresas e em comunidades circunstanciadas por vulnerabilidades sociais.

Esse paradigma se espraia, principalmente, na área de assistência social, com crianças, adultos e adolescentes em contextos de escassez em múltiplos lugares do Brasil e no mundo. Tem sua base epistemológica inspirada em vários autores, como Rolando Toro (2002), Paulo Freire (2014) e Edgar Morin (1999, 2002). Conforme Toro (2002), o Princípio Biocêntrico é o sustentáculo desse novo paradigma, pois, além de reconhecer a centralidade da vida, reconhece, também, o universo como um sistema vivo e sugere a mudança dos valores culturais predominantes, calcados em uma linguagem bélica. Isso já o diferencia do modelo em que vivemos, que enaltece o antropocentrismo.

Cabe ressaltar que, embora estejamos vivenciando grandes avanços tecnológicos, principalmente no último século, que objetivam assegurar a melhoria da qualidade de vida dos ecossistemas, sabemos que estes não alcançam a totalidade da população, afinal, historicamente, convivemos com um assombroso abismo social, em que a fome e a miséria, em vários lugares de nosso planeta, acentuam os marcos das desigualdades sociais.

A persistência do capital em preservar os interesses para os sujeitos privilegiados quase sempre segue apostando no consumo desenfreado, na apropriação material dos bens produzidos. E isso gera uma inversão nos valores éticos e um distanciamento da equidade, o que dificulta a saída deste ciclo predatório e a construção de uma forma solidária de vida em sociedade, pois requer mudanças teórico-práticas contrárias ao Princípio Biocêntrico.

---

<sup>5</sup> A origem desta metodologia data do ano de 1962, num estudo envolvendo várias áreas do conhecimento. Em 1965 a 1973, Rolando foi professor junto ao Centro de Estudos de Antropologia Médica, na Universidade Católica do Chile, onde ministrava a unidade curricular “Desenvolvimento da Capacidade Criativa” por meio da dança (Psicodanza) e “Psicologia da Expressão”. Sistematizou o Modelo Teórico Operacional e as Linhas de Vivências. Em 1977, junto com Cecília Luzzi, mudou o termo Psicodanza para Biodanza® - Sistema Rolando Toro.

A Educação Biocêntrica, nesse sentido, fortalece o convite para que as práticas pedagógicas ensinem o lugar que ocupa a vida como conteúdo primordial da existência. De modo vivencial, a educação biocêntrica promove a reflexão dialógica por meio do encontro e do resgate da sacralidade da vida no cotidiano, estimulando o fortalecimento de vínculos na comunicação verbal e corporal para o respeito mútuo, para as atitudes cooperativas e fraternas. É, então, que se manifesta o desenvolvimento da inteligência afetiva, mediada pela empatia e pela solidariedade entre os sujeitos em convivência.

A afetividade, para Morin (1999, p. 52), se revela como manifestação da inteligência. Para ele, “[...] quando retroagimos para alguém da humanidade, surpreendemo-nos pelo fato de que, o desenvolvimento da inteligência entre os mamíferos – capacidade estratégica de conhecimento e ação –, encontra-se estreitamente correlacionado com o desenvolvimento da afetividade” (MORIN, 1999).

Para Cavalcante (2015, p. 64), “a educação que propomos é biocêntrica, vivencial, dialógica, reflexiva, transdisciplinar, transcultural e transcendente. É amorosa e constituída do direito à vida, direitos humanos, individuais, sociais e culturais”.

Paulo Freire (2014), um dos autores que dialoga com a Educação Biocêntrica, enfatiza que é mediante uma ação educativa problematizadora, dialógica e amorosa que ocorre a formação de sujeitos éticos, comprometidos com os direitos de vida, como a liberdade, a manifestação de suas matrizes culturais, o respeito à diversidade, à participação na política como espaço em que todos podem dizer a sua palavra e escutar a palavra do outro. Aí está o cerne da dialogicidade amorosa. Aprendem, desse modo, aportes de bem e de mal, muitos deles entrecruzados, contraditórios, confusos, concordantes etc. No cenário da dialogicidade, concretizamos os “inéditos viáveis”, a partir dos quais realizamos o quase impossível, diante do interesse pelo bem viver daquelas e daqueles que são negligenciados nos pilares de classe, raça, gênero, etnia, geração etc.

Outra reflexão que integra a base epistemológica em torno da Educação Biocêntrica é o pensamento complexo, conforme apresenta Edgar Morin (1999, 2002), autor que nos convida a um olhar sistêmico, planetário, num conjunto de ideias para a educação do próximo milênio. Morin (2002, p. 20) lembra que a “reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar a reforma do ensino”. O pensamento complexo nos ajuda a qualificar as relações, à medida que amplia o olhar dirigido ao outro para trocar o julgamento apressado pela elaboração de hipóteses, entender que o nosso ponto de vista é sempre situado, agregar diferentes saberes na construção de novas ideias.

São aportes que compõem a “vivência” de um sujeito, proposta por Toro como experiência vivida com grande magnitude, no momento presente, o que envolve a sinestesia, as

funções vitais e as emoções. Para Toro (2002), a *vivência* é um processo privilegiado, pelo qual se vivencia o “aqui e agora”. Esta reflexão, dialógica, traz os aportes básicos para o estabelecimento de novas conexões e possibilidades de ações que coloquem a vida no centro dos eventos, para a construção dos saberes de modo horizontal no processo de ensino e de aprendizagem.

Os recursos metodológicos utilizados buscam ampliar a percepção de si, do outro e do meio em que vivem os sujeitos, cuja pauta sejam os acordos da boa convivência. O resultado principal, com estas metodologias, é a qualificação do relacionamento interpessoal; a diminuição da ansiedade; a redução das violências interpessoais e nos grupos; a participação da comunidade; a integração da equipe multiprofissional; a convivência afetiva no cotidiano e o desenvolvimento da empatia. E, ainda, há uma busca para a melhoria da atenção e da participação, estimulando a autonomia existencial, bem como a motivação para a curiosidade científica por caminhos diferentes no território do saber. Isso estimula a convivência em harmonia com as diferenças, além de gerar uma cultura de paz no ambiente escolar.

Dito isto, na sequência buscamos realizar uma discussão sobre a Educação Biocêntrica como um paradigma inovador.

### **Educação Biocêntrica: um paradigma inovador**

A Educação Biocêntrica nos convida a olhar cada pessoa em sua essência e integridade. A vida compõe o centro de todas as atividades, com ética, sustentabilidade e colaboração, o que é diferente do modo competitivo, autodestrutivo e egoísta que guia a humanidade no presente.

Esta mudança também acontece com o desenvolvimento da inteligência afetiva, por meio da empatia, o que, segundo Toro (FLORES, 2006, p. 181), não é um tipo específico de inteligência, pois é o afeto que transpassa todas as inteligências. É a capacidade afetivo-motora de estabelecer conexões com a vida e relacionar a identidade pessoal com a identidade do universo, que toda humanidade tem, mas está profundamente bloqueada pela dissociação afetiva que enluta a sociedade. Mesmo com a evolução do conceito de inteligência, o que fica no imaginário popular ainda é a ideia de que temos um quociente intelectual (QI).

Testes de inteligência usados largamente para medir a inteligência de sujeitos indicaram que “[...] *alguns indivíduos com alto quociente intelectual eram psicopatas, sem capacidade de desenvolver a empatia; mesmo sendo gênios apresentavam uma imbecilidade profunda frente à vida*”, (TORO *apud* FLORES, 2006, p. 179).

Howard Gardner (1994) apresenta um conceito diferente de Binet quanto à capacidade de resolver problemas, propondo variações de qualidade das inteligências. Chegou a elencar até

onze tipos em seu livro “Inteligência, um Conceito Reformulado” (2000), mas, mesmo assim, não são absolutamente satisfatórios, embora tragam uma profunda reflexão sobre a complexidade da inteligência.

Segundo TORO (2010, p. 47), o afeto tem uma duração no tempo, faz parte de nossa ontogênese e constitui a base de nossa consciência ética. Assim, *“é na afetividade que expressamos: amor, amizade, empatia, solidariedade, que induzem sentimentos adaptativos de aceitação das diferenças, compromisso e generosidade. A inteligência afetiva é a capacidade de resolver problemas da vida com a vida”*. A afetividade é uma dimensão complexa, na qual se integram as emoções e os sentimentos, em que toda a fisiologia é implicada para corresponder a esse interesse pela vida e pelo outro.

Por que vivemos numa sociedade tão agressiva e tão pouco nutridora de afeto? Foi o que perguntaram a Rolando Toro durante uma entrevista para a Revista “Bons Fluidos”, em fevereiro de 2010. E ele respondeu:

No fundo, o que todas as pessoas querem é apenas amar e ser amadas. Porém, é exatamente isso o mais difícil de acontecer hoje, pois vivemos numa civilização em que as emoções e os sentimentos são bloqueados. A inteligência não está mais unida à afetividade e é ela que nos faz sentir parte do todo. Também é o afeto que nos dá alegria de viver, a sensação de nos sentirmos vivos, ligados à natureza e aos outros seres humanos.

A Educação Biocêntrica propõe o germinar de um novo humano, com aprendizados de amor à vida e a tudo que dela faz parte, ao ensinar o afeto, a escuta amorosa e o exercício da capacidade de dialogar, mesmo com pontos de vista divergentes. Ensina também a cultivar amizades e a cuidar desse cultivo, criar em modo cooperativo, incentivar a curiosidade pela novidade e instituir, com todos, uma cultura de paz.

A seguir, vamos apresentar algumas experiências vivenciadas no âmbito dos anos iniciais do Ensino Fundamental por este pesquisador, a partir das quais buscamos materializar esses conceitos no âmbito da prática pedagógica, abrindo espaço para novas possibilidades.

### **Análise da pesquisa desenvolvida com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental: relato de experiências**

A metodologia da práxis foi construída no percurso das aulas planejadas e não realizadas, atentando-nos ao que estava bom e ao que poderia melhorar. Neste percurso, foram

utilizados os aportes do teatro (fantoques e teatralização do cotidiano, ou uma história fictícia a partir da literatura); expressão corporal, jogos expressivos, jogos cooperativos, círculos de cultura e Biodanza para crianças. As aulas foram divididas em três tempos: acolhida e diário de bordo; danças e brincadeiras e, por último, apresentação do tema gerador e reflexão dialógica oral ou com expressão artística. Conforme observamos o grupo, percebemos quando estava muito agitado – então fazíamos um relaxamento e um alongamento ao final. Ou seja, o cuidado do outro regia os encontros.

O objetivo principal das atividades ocupava-se do inter-relacionamento pessoal, seguindo as orientações que indicam as competências gerais estabelecidas na Base Nacional Curricular (BNCC, 2017), como, por exemplo, na educação infantil, nos campos de experiências nos quais as crianças podem aprender a desenvolver: primeiro o eu, o outro e o nós. Os acordos da boa convivência sempre são lembrados para qualificar a harmonia e a integração de todos, algo importante construído junto aos participantes, para um maior comprometimento destes em sala.

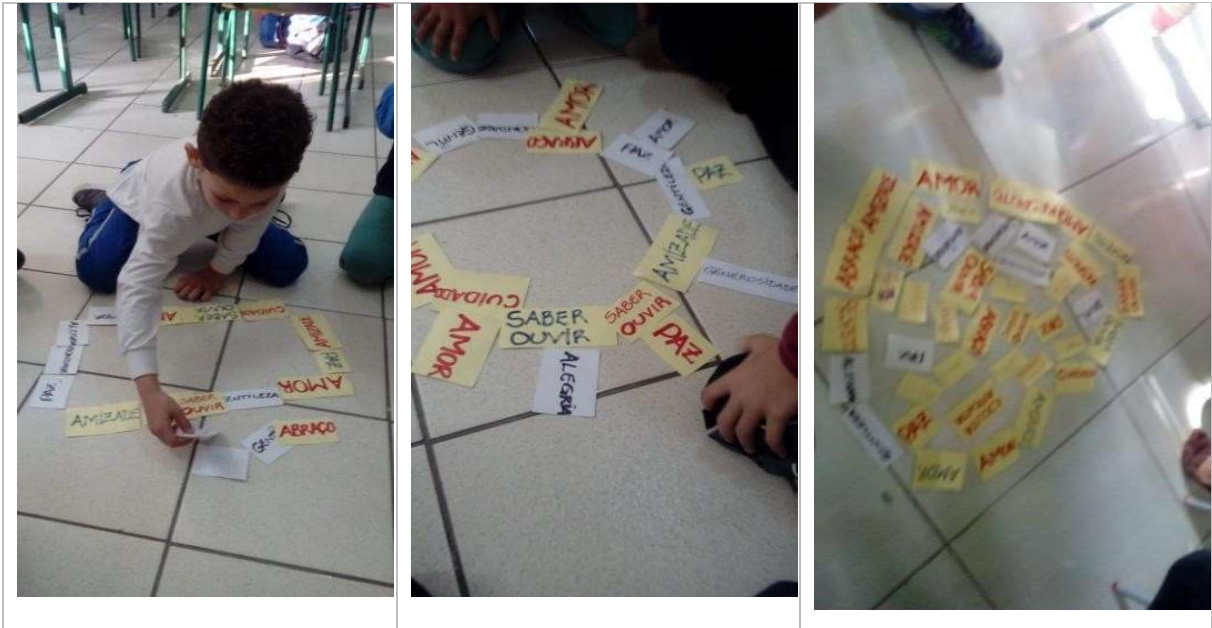
Faz-se necessário evitar palavras de ordem ou desqualificadoras, utilizando as que convidam e qualificam. Em vez de escrever ‘nunca ou não’, trazer a sugestão. Por exemplo, em vez de ressaltar: “não se esqueça de ser educado”, troque por “lembre-se de ser amigo e gentil”. A Educação Biocêntrica é um exercício também com as palavras, assim contextualizamos aquelas que são bélicas, que estimulam a discórdia e o ódio, e incentivamos o zelo para com as palavras do bem viver. Não é uma tarefa fácil, mas é possível obter bons resultados no percurso formativo.

## **Narrativas**

Cabe ressaltar que aqui é apresentado um recorte de todo o trabalho, que iniciou em 2003, ocorrendo principalmente entre os anos de 2004 e 2011, em grupos com crianças em cenários socialmente vulneráveis, em Porto Alegre, com a RINACI (Rede de Integração e Cidadania). A partir de junho de 2012, em parceria com a ONG Moradia e Cidadania, de Florianópolis, foi possível inserir a Educação Biocêntrica na matriz curricular da base diversificada da escola em tempo integral E.M.E.B Faustina da Luz Patrício, em Tubarão (SC). O aprimoramento e a adequação aos tempos e espaços escolares foram essenciais para o desenvolvimento desta metodologia aplicada.



**Figura 3** – Construindo uma casa de palavras, sol e coração



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

Nos círculos de cultura inspirados nos aportes paulofreerianos, nas ideias de Cavalcante (2008), nasceram diálogos em relação a esta metodologia.

E Círculo? É uma representação geométrica infinita onde não há começo nem fim, só mudanças. O círculo de cultura, na concepção de Educação Libertadora e Dialógica é um espaço circular de expressão do ser. Partindo da codificação da realidade, o educando procede a decodificação para voltar a codificá-la. É, portanto, um espaço reflexivo e participativo. O ser é reconhecido como individualidade dentro do coletivo (CAVALCANTE, 2008).

Podemos trabalhar com palavras e imagens e outros recursos. Primeiramente, o educador traz a sugestão de atividade, sempre em ressonância com o tema gerador e com as palavras-chave. Sugere-se, então, que cada um escolha uma palavra para se apresentar, fazendo uma composição criativa que revele um desenho com as palavras. Num segundo momento, vamos acolher as palavras e auxiliar os estudantes a escreverem suas próprias palavras do bem. Esta metodologia é ótima para criar os acordos de boa convivência e os meios para garantir o cumprimento dos combinados, capaz de gerar estados de bem viver e promover uma cultura de paz entre os sujeitos.

Palavras-chave ou geradoras são elencadas no universo conhecido em cada realidade, com suas culturas. Eis porque é relevante fazer, primeiramente, um estudo prévio com a turma, para elaborar a atividade da aula posterior e, assim, melhor planejar a ação biocêntrica, com

suas implicações pedagógicas e afetivas. Para Cavalcante (2008, p. 108-109), “*na escolha das palavras já vai acontecendo a formação da consciência crítica, já está implícito um processo de descoberta do pensamento e de leitura do mundo que traz um significado real da existência do ser*”.

**Figura 4** – Caminhar confiando<sup>7</sup> - Fonte: Arquivo do autor, 2018.



A confiança entre as crianças vai sendo tecida de maneira progressiva. Constroem relações respeitadas no percurso do desenvolvimento da inteligência afetiva, por meio da qual acontece o aprofundamento das atitudes sinceras, com gestos de reciprocidade entre os pares. Leva um tempo para que a turma alcance este estado harmônico, para que os acordos do bem viver estejam presentes nas aulas, para se aprimorar o diálogo corporal, sem violências e respeitando as diferenças.

O exercício consiste em conduzir o outro de olhos fechados, protegendo-o dos obstáculos. Ao trocar de lugar para conduzir aquele que zelou pelo seu caminhar, um demorado abraço no colega acontecia, em agradecimento pela vivência. Era um exercício recorrente e que sempre pediam para repetir na aula. Certa vez, ao realizar uma roda de sentimentos, um estudante trouxe a seguinte fala:

*Sor, quando sou conduzido pelo outro, sinto que tô nos braços da paz; todos os meus problemas acabaram e sinto um bem interior gigante. Sinto que posso confiar e deixar me levar... como é bom ter um amigo que me aceita, me respeita e não vai me machucar. Por isso fecho os olhos e confio sem medo* (Arquivo do autor. Estudante, 10 anos).

<sup>7</sup> A turma chega nesse estágio depois de quatro a cinco meses de atividades semanais com as aprendizagens da Educação Biocêntrica e, com a Pedagogia do Afeto.

Neste precioso relato, o estudante compartilha o benefício que o exercício da confiança promove em seu sentir e como reflete em seu bem-estar físico e mental. A turma ficou muito mais harmônica, as violências tiveram redução de 89% e, se tivéssemos um trabalho contínuo, que incluísse uma colônia de férias, provavelmente chegaríamos a 100%. Vale lembrar que a cada retorno de férias, de longos feriados, voltavam com muitos conflitos, e a comunicação violenta se apresentava. Ocorreu um distanciamento dos *ecofatores*<sup>8</sup> positivos e qualificadores promovidos pela Educação Biocêntrica, pois perdiam sua força como uma brasa que é afastada da fogueira e se apaga.

Estes tempos afastados das vivências promoviam uma regressão nos acordos didáticos. Observamos que é na periodicidade e na intencionalidade pedagógica e afetiva que a transformação social ocorre. Como a aula é dividida em três tempos, no primeiro momento de acolhida formamos a roda de sentimentos e memórias da aula anterior, para oportunizar o direito de fala e escuta atenta com o auxílio de um objeto: o bastão falador. É ali que se faz o registro no diário de bordo. Neste tempo de 15 minutos, cada uma fala brevemente como está e o que se lembra da aula anterior. No segundo momento, trabalhamos a corporeidade e a integração de grupo; por último, realizamos uma reflexão acerca do aprendizado e um exercício de relaxamento.

**Figura 5** – Túnel da vitória



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

**Figura 6** – Túnel da vitória na EMEB Faustina da Luz Patrício - Fonte: Arquivo do autor, 2018.

<sup>8</sup> Ecofatores sócio ambientais, estímulos que recebemos do ambiente externo e que afetam a nossa epigenética. Podem ser positivos ou negativos, mas, numa aula de Educação Biocêntrica ou de Biodança há uma promoção de uma “chuva” de Ecofatores positivos, que qualificam e valorizam o encontro humano e sacralizam a vida.



O túnel da vitória foi uma adaptação de outro exercício utilizado na Biodanza. Criado para despertar um estado adrenérgico e potente, ele atrai a participação de estudantes e professores regentes, auxiliares. Repetiu-se em muitas aulas, e o grupo sempre pedia para fazer novamente. Às vezes, a vivência não estava em nosso planejamento, mas acolhemos a sugestão, pois observamos que a atividade fortalecia a identidade, tanto individual quanto grupal, promovendo a união entre os sujeitos e também o alto astral, fazendo com que se sentiram vitoriosos e vibraram por isso.

Muitos estudantes relataram, nestas rodas de sentimentos e nos diários de bordo, sua alegria e vitalidade neste exercício e, principalmente, que isso eleva a autoestima e a autoconfiança, como podemos observar na fala a seguir:

*Sinto voar nas nuvens, alegria e leveza, fico muito feliz na minha vez e vibro pela vitória de todos que passam* (Fonte Autor, estudante 11 anos).

Esta é uma demonstração de empatia, que na BNCC (2017) é a competência 9 (Empatia e Cooperação); “vibrar” pelo outro é desejar o melhor e estar junto. Nossa cultura midiática nos torna apáticos diante das violências. Muitas vezes, naturalizamos o distanciamento, dificultando o colocar-se no lugar do outro. Quando ultrapassamos esta linha tênue e aceitamos o convite de olhar e sentir o outro, legitimamos este outro, e o vínculo se estabelece no percurso do desenvolvimento da inteligência afetiva.

**Figura 7** – Sincronizações e abraços



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

**Figura 8** – Demonstração do exercício do espelho



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

A brincadeira do espelho é um exercício interessante para desenvolver a empatia por meio dos neurônios espelho<sup>9</sup>. Colocar-se no lugar do outro e imitá-lo representa o domínio da lateralidade e da coordenação motora ampla. Descontra e integra a turma. A imitação é uma forma de aproximação e integração.

---

<sup>9</sup> Os neurônios espelhos foram descobertos em 1996 por Giacomo Rizzolatti e sua equipe na Universidade de Parma na Itália. Estudos recentes apontam para o desenvolvimento humano e da empatia. Os neurônios espelho ativados por meio da observação estimulam áreas motoras cerebrais o que nos torna cooperativos e colaborativos. Este mecanismo fisiológico quando não acontece deflagra dificuldade de realizar interações sociais e comunicativas.

**Figura 9** – Formação Continuada de Educação Biocêntrica com a Equipe Multiprofissional da E.E.B. Fábio Silva em Tubarão (SC)



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

No percurso da Educação Biocêntrica desenvolvida em várias instituições, observamos que é essencial incluir a equipe multiprofissional nos encontros formativos, para fortalecer os vínculos e ampliar a compreensão da metodologia aplicada no apoio pedagógico. É importante que a ação biocêntrica seja abrangente, alcançando toda a comunidade escolar. Nos lugares em que não tivemos abertura para ampliar e aplicar a metodologia com as equipes, os resultados não foram os mesmos.

Muito aquém, comprometeram as ações por meio da desqualificação, principalmente em lugares onde a gestão não é democrática. Para que a Educação Biocêntrica alcance a transformação de pessoas e lugares, é indispensável o envolvimento de toda a equipe da instituição, incluindo serviços gerais, segurança, administrativo, pedagógico, docentes regentes e das bases diversificadas – multiprofissionais –, e também da comunidade.

**Figura 10** – Roda de comunicação afetiva e eutonia de mãos – Biodanza para crianças



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

Conseguimos chegar a este exercício com sete meses atuando com aulas duas vezes por semana, mediando conflitos e criando uma comunicação não violenta. Até chegar a esta harmonia, um longo percurso de aprendizados mútuos foi sendo feito a cada dia, com avanços e demandas a serem revisitadas com frequência. Os acertos aconteciam no caminhar, experimentando as melhores oportunidades.

**Figura 11** – Diário de Bordo com elemento de fala na acolhida por 15min no início



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

O diário de bordo (Caderno de Registro) e o bastão falador são essenciais para acalmar e organizar a acolhida da turma, para que os alunos possam expressar seus sentimentos e as

memórias da aula anterior. Ficavam atentos aos materiais utilizados, e o mais popular era o bicho preguiça, que prende no braço (Figura 11). O bicho de pelúcia é aguardado ansiosamente, mas cada um tem seu tempo para desfrutar de sua companhia.

**Figura 12** – Saída de campo<sup>10</sup>



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

<sup>10</sup> Saída de campo além dos muros da escola, num passeio a pé no entorno e ao Museu Zé do Boi, no Beco do Bejo. Seu Zé do Boi (José Marcondes) é nosso padrinho do Boi de Mamão da EMEB Faustina da Luz Patrício, em Tubarão, SC. Grande mestre do folguedo catarinense e uma referência na cultura popular.

**Figura 13** – Roda de sentimentos e escuta atenta



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

**Figura 14** – Expressão no centro da roda



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

**Figura 15** – Caminhando juntos e abraçados e Roda de Embalo – Biodanza®



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

### **Relato das crianças: o que aprendemos nas aulas de Educação Biocêntrica?<sup>11</sup>**

A narrativa teve como tema gerador a amizade e a generosidade, com o objetivo de estabelecer uma comunicação não violenta em sala de aula e desenvolver a confiança e a empatia entre os pares. Utilizamos também os jogos cooperativos, para mudar o paradigma competitivo e abrir um campo cooperativo, inclusivo e colaborativo. Nos relatos, as crianças dizem:

*É uma aula legal, onde a gente aprende a fazer várias coisas: como interagir, ajudar as pessoas. Também a ser uma pessoa melhor* (Arquivo pessoal, menino, 10 anos, 5º ano).

Este sentimento de pertencimento, em que o outro traz notícias nossas, faz com que a relação entre os pares seja mais harmônica, mais afetiva e ética, pois ser “uma pessoa melhor” na arte do bem viver é o nosso propósito existencial como educador; ensinar a ser não é uma tarefa fácil, haja vista que a mídia e a seta dourada do consumo, conforme pontua Leonard (2007), induzem os seres a ter, acumular e a descartar, e a obsolescência programada das coisas vai tornar nosso planeta insustentável.

É mister que educamos as crianças para serem felizes, e esta felicidade não está vinculada ao ter pelo ter, sem uma reflexão sobre sua forma de consumo e sua consciência planetária, para consolidar uma sociedade melhor e mais justa socialmente, na qual todos ganham de forma sustentável e equânime, sem causar dano ao meio em que vivemos.

<sup>11</sup> Relatos do vídeo produzido em 2018, com o título: Biodanza na Escola, com o respectivo autor. Disponível em: <https://youtu.be/6ZQHFn4r-0> - acesso em 17 de maio de 2021. São trechos extraídos deste documentário referentes aos estudantes do Centro Educacional Santa Rosa de Lima (SC). É uma escola de Ensino Fundamental I.

*Ser parceiro de todos, ajudar um ao outro. Aprender a interagir melhor. Aprender também como ser pessoas melhores pro futuro (Arquivo pessoal, menino, 10 anos 5º ano).*

A empatia é a base para o desenvolvimento humano do apoio mútuo, para o aprender a conviver e a ser uma pessoa melhor a cada dia, em harmonia com seu meio e sua comunidade.

*A gente aprende a ter amizade, a ter confiança. A gente aprende que nas competições não é só perder e ganhar; pode empatar também pra ficar mais legal. Pra ninguém brigar, não é? (Arquivo pessoal, menino, 9 anos, 4º ano).*

Segundo Sócrates, para conseguir a amizade de uma pessoa digna é preciso desenvolvermos em nós mesmos as qualidades que nela admiramos. A amizade é algo que acontece a partir do fortalecimento dos vínculos, cuja pauta são os acordos da boa convivência, da aceitação mútua, do acolhimento sem julgamento, para que assim seja possível desenvolver a confiança entre os sujeitos. Nos jogos cooperativos<sup>12</sup>, temos a oportunidade de estabelecer outra lógica em sala, na qual a competição cede lugar para a cooperação e a colaboração entre os pares, e o professor/facilitador incentivará o empate entre as equipes, para aos poucos criar ritos de convivência de comunhão e partilha, com lanches e alimentos compartilhados em saídas de campo com a turma.

*Eu aprendi sobre os planetas, sobre amizade, sobre o respeito com os professores e funcionários da escola (Arquivo pessoal, menina 9 anos, 4º ano).*

Olhar para fora da terra é como olhar do alto da montanha o mar e seu horizonte longínquo; estudar os planetas de nosso sistema solar nos convida a ampliar a visão de mundo e, ao mesmo tempo, tecer um olhar de cuidado e respeito com o nosso planeta Terra, contribuindo para o respeito com a natureza, para a forma como nos relacionamos com o meio e com os outros em nosso entorno. Nos acordos da boa convivência, as palavras mais evidentes sempre foram o respeito e o cuidado, seguidas do amor, da paz e da harmonia.

*Eu gostei muito da Biodanza, porque ensina a gente a amizade, a união e união com os professores. A Biodanza faz a gente perceber muitas coisas sobre a união. Porque se não tivermos união, não somos nada neste mundo (Arquivo pessoal, menino, 10 anos, 4º ano).*

---

<sup>12</sup> Os Jogos Cooperativos são dinâmicas que têm o objetivo principal de despertar a consciência de cooperação, sendo o outro um parceiro, e não um adversário (BROTTO, 1999). Disponível em: <file:///C:/Users/User/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Jogos%20Cooperativos.pdf>

Esopo já afirmava que a união faz a força, e juntos sempre somos mais fortes. Isso acontece porque somos seres gregários; em nosso percurso ontológico de tempos muito remotos, era no calor das fogueiras e na união das tribos e grupos que as pessoas sobreviviam aos longos invernos. Estar junto era uma questão de sobrevivência tanto na caça, coleta quanto no *modus vivendi*. Trazemos esta lembrança genética de união, amizade e fortalecimento de vínculos na construção da confiança e respeito mútuo.

Cabe complementar que este relato foi logo após a aula que teve como tema principal a amizade, e o recurso metodológico utilizado foram os dedoches, com a história do Leão e do Rato (Esopo). Dialogamos e refletimos sobre a importância de ter e manter os amigos, pois ninguém é uma ilha isolada do mundo em que vive. Fizemos um círculo de cultura com palavras geradoras, com destaque para a união e a amizade. Este relato ocorreu no dia seguinte à aula, no momento em que a criança chamou a professora regente da ocasião e pediu para enviar uma mensagem ao professor de Biodanza. Quatro estudantes enviaram mensagens, e duas delas foram colocadas nos créditos do vídeo Biodanza® nas escolas (2018). Este foi o primeiro contato com aquele quarto ano primoroso.

### **Reflexões finais e conclusões**

Essa longa jornada agregou diferentes aprendizados vivenciais com a Educação Biocêntrica, um paradigma que, em tempos de tantos sofrimentos, de profundas desigualdades sociais, de práticas que avultam as diferenças, de estupidez governamental para com as políticas públicas essenciais e a violação de direitos à vida, chega às instituições para fomentar o bem conviver, a partir do qual se aprendem nuances em torno do amor e do amar, da afetividade, da ética que cuida um do outro. Uma experiência em que educandos, educadores, profissionais da educação e comunidade tornam-se outros, ainda que os mesmos. Mudam atitudes, comunicam-se com cordialidade, zelam o ambiente onde se dão as atividades pedagógicas e, na escola, a aprendizagem curricular é qualificada.

Para Rolando Toro (Revista Bons Fluídos, janeiro de 2010), “[...] *está nascendo um novo homem, mais inteiro, mais sensível, mais amoroso, que integra, sem medo, seu lado feminino ao masculino. Mas é preciso uma nova educação, uma nova pedagogia para que esses homens sejam em maior número, pois ainda são poucos*”. Estão nascendo novas mulheres, novas pessoas, conectadas à vida e desejosas de tecer redes de bem. Inúmeras ações circulam pelo planeta trazendo esperanças de novos tempos para um enraizamento amoroso com a Terra, pátria passageira de todas e de todos nós.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – UNICAMP, Campinas, 1999. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/274877/1/Brotto\\_FabioOtuzi\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/274877/1/Brotto_FabioOtuzi_M.pdf). Acesso em: 10 jun. 2021.

CAVALCANTE, Ruth *et al.* (Orgs.) **Educação Biocêntrica: a pedagogia do encontro**. Educação Biocêntrica um movimento de construção dialógica. Fortaleza: CDH, 2001.

CAVALCANTE, Ruth *et al.* **Educação Biocêntrica: ciência, arte, mística, amor e transformação**. Fortaleza: CDH – Universidade Biocêntrica, 2015.

CAVALCANTE, Ruth. Educação Biocêntrica dialogando no círculo de cultura. **Revista Pensamento Biocêntrico**, n. 10, p. 95-125, 2008. Disponível em <http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/edicoes/revista-10-06.pdf> - Acesso em: 06 ago. 2020.

FLORES, Feliciano (Org.). **Educação Biocêntrica: aprendizagem visceral e integração afetiva**. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

FLORES, Feliciano. **Vida é dança: biologia e expressão existencial**. Porto Alegre: Evangraf, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58. ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2014.

FREIRE, Paulo. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente – A teoria das inteligências múltiplas**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GARDNER, Howard. **Inteligência – um conceito reformulado**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GONZALES, Myrthes. **Momentos estruturantes**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015.

GONZALES, Myrthes. **A cura ancestral: biodanza e as relações de gênero**. Porto Alegre: Evangraf, 2020.

LEONARD, Annie. **The story of stuff: how our obsession with stuff is trashing the planet, our communities, and our health – and a vision for change**. New York: Free Press, 2007.

LOPARDO, Carla Eugênia. **A música na escola: tempos, espaços e dimensões**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

LUZZI, Cecília. **Resgate histórico – revisitando a história da Biodanza**. [Brasil, 2020]. 1 vídeo de (33min47s). Publicado pelo canal Encontro Ação Social e Ed Biocentrica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YBm99dN3wxQ&t=1242s>. Acesso em: 11 jun. 2021.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 3. ed. Minas Gerais: UFMG, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Portal do MEC, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf> . Acesso em: 06 ago. 2020.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Trad. Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro, 2002.

PASINATTO, Susana. **Criatividade e Biodanza®: a trama que qualifica as relações entre crianças**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90590> - Acesso em: 06 ago. 2020.

PEREIRA, Valdézia & RAUEN, Fábio (Orgs.). **A arte e o ensino da arte**. Tubarão: PARFOR/UNISUL, 2019.

Revista Bons Fluídos, janeiro de 2010.

SIMONI, André & Horácio, Giselle. Promovendo e fortalecendo o folclore como ação de cidadania, cultura e sustentabilidade. In: VICENTE, Célia; SOUSA, Ana Maria; BITTENCOURT, Stella Gomes (Orgs.). **Um viés biocêntrico na elaboração de projetos: Desafios e profissionalização no terceiro setor**. Florianópolis: Edição do autor, 2013, p. 117-121.

SIMONI, André & Horácio, Giselle. Boi de Mamão como ação de cidadania, cultura e sustentabilidade. **Revista Memorare**, v. 2, n. 3, p. 47-67, 2015. Disponível em: [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare\\_grupep/article/view/3310](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/3310). Acesso em: 10 jun. 2021.

SIMONI, André. Práticas Lúdicas Experimentais. In: PIBIB Recreio Monitorado, TV UNISUL. **Pibid incentiva novos professores**. [S. l.], 15 out. 2015. Disponível em: <http://unisultv.blogspot.com/search?q=pibid+incentiva+novos+professores> - Acesso em:

13 jun. 2021.

SOUSA, Ana Maria Borges. Educação Biocêntrica: tecendo uma compreensão. **Revista Pensamento Biocêntrico**, Pelotas, n. 5 p. 9-29, 2006. Disponível em: [http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/edicoes/pensamento\\_biocentrico\\_05.pdf](http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/edicoes/pensamento_biocentrico_05.pdf) Acesso em: 06 ago. 2020.

SOUSA, Ana Maria Borges (Org.). **Módulo 1 Gestão do Cuidado e Educação Biocêntrica**. Florianópolis: UFSC-CED-NUVIC, 2011. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1748952/mod\\_resource/content/1/Gest%C3%A3o%20do%20Cuidado%20-%20Escola%20que%20Protege%20-M%C3%B3dulo%20I.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1748952/mod_resource/content/1/Gest%C3%A3o%20do%20Cuidado%20-%20Escola%20que%20Protege%20-M%C3%B3dulo%20I.pdf) - Acesso em 06 ago. 2020.

SPODE, Eni; SANTOS, Rejane. **Reeducação afetiva: uma proposta para integração dos educandos envolvendo biodanza**. 2. ed. Torres: Edição dos autores, 2018.

TORO, Alejandro Balbi y MEZA, Jerónimo. **Biodanza para niños y jóvenes, metodología y catálogo de ejercicios, juegos biocéntricos y músicas**. 2. ed. Santiago do Chile, 2017.

TORO, Rolando. **Definição e Modelo Teórico de Biodanza**. *Apostila de formação docente de Biodanza* [entre 1980 e 1999].

TORO, Rolando. **Programa Único de Formação Docente em Biodanza** [entre 1999 e 2002].

TORO, Rolando. **Biodanza**. São Paulo: Olavobrás, 2002.

TORO, Rolando. **La inteligencia afectiva: la unidad de la mente con el universo**. Edición a cargo de Cecilia Toro A. Editorial Cuarto Propio. Chile, 2012.

# EDUCACIÓN BIOCÉNTRICA Y AMÉRICA PROFUNDA: EMANCIPACIÓN Y DESCOLONIZACIÓN

Marina Aires Fernandes

Traducción: Coto Gonzalez

La Educación Biocéntrica utiliza un concepto ampliado de educación, que se basa en el Principio Biocéntrico, para favorecer los procesos de aprendizaje-desarrollo referenciados en la Vida. En este Ensayo Teórico articulamos el pensamiento de algunos autores cuyas ideas nos hacen proponer la Educación Biocéntrica como camino hacia la descolonización y emancipación del ser, el conocimiento, el poder y la Madre Tierra. Rolando Toro al elaborar el Principio Biocéntrico pretendía encontrar un camino de armonía, buscando rescatar nuestro ser natural, proporcionando formas para la descolonización del ser mediante la reconexión con la Vida. En este mismo sentido, los pueblos amerindios nos hablan de vivir en armonía con la Naturaleza, del Buen Vivir, basado en la vida comunitaria, en los principios de complementariedad y reciprocidad, que difiere del "vivir mejor" del mundo occidental, que alimenta la competencia basada en la explotación\colonización del otro y de otros seres vivos. Catherine Walsh presenta cuatro áreas en las que se expresa la colonialidad: en el *Poder*, debido a la clasificación y jerarquización de diferentes identidades sociales; en *Conocimiento*, cuando el conocimiento europeo se sitúa como una perspectiva única; en el *Ser*, ejercido a través de la inferiorización, la subalternización y la deshumanización; y en la *Madre Tierra* que encuentra su base en la división sociedad/naturaleza, desde una objetivación de la Vida. Los mandatos de control y explotación de la Madre Tierra, que fundan la modernidad y su modo de producción, niegan esta forma de ser y vivir que caracteriza a los pueblos originarios. Rodolfo Kusch habla de la asociación de los pueblos indígenas de América Profunda con el *hedor*, con concepciones algo sucias, antimodernas, que justificaban la inferiorización, e incluso el genocidio de estos pueblos. La Educación Biocéntrica, con su Método Integrador Biocéntrico, nos proporciona herramientas para acceder, a través de experiencias pedagógicas, a formas de superar la colonización que nos permite actuar como educadores para emancipación del ser, conocimiento, poder y Madre Tierra.

**Palabras clave:** Educación Biocéntrica, Principio Biocéntrico, Vivir Bien, Decolonialidad .

## 1. Una educación referenciada en la vida

La Educación Biocéntrica surge en los años 80, a partir de la experiencia de Ruth Cavalcante, educadora cearense que articuló el pensamiento contenido en las obras de Rolando Toro, Paulo Freire y Edgar Morin, refiriéndose a ellas como sus principales bases epistemológicas, en las que se inspiró en el proceso de co-creación del Método Integrador Biocéntrico. Encontró afinidades en las construcciones teóricas de estos autores, destacando en sus planteamientos la presencia del amor y el respeto por la Vida como fundamento de la relación entre seres humanos y no humanos, que los sitúan dentro del paradigma biocéntrico.

Se trata de un Ensayo Teórico en el que, a partir del concepto ampliado de educación adoptado por la Educación Biocéntrica, que tiene su base en el Principio Biocéntrico, formulado por el chileno Rolando

Toro, y presentado por él como una nueva y vieja forma de pensar y para sentir el mundo referenciado en Vida, buscamos enfatizar el papel descolonizador y emancipador de esta propuesta pedagógica.

En su obra *Educación Biocéntrica: Ciencia, Arte, Mística, Amor y Transformación*, publicada en 2016, Cavalcante y Góis aportan la visión del individuo complejo, afectivo, dialógico, consciente, reflexivo y pre-reflexivo, expresivo corporal e instintivo, dibujando Una educación liberadora, que posibilite la integración entre la expresión de la vida y la construcción del conocimiento. En este sentido, presentan una propuesta pedagógica que contribuye al desarrollo humano, entendiendo que los procesos de aprendizaje-desarrollo son permanentes y tienen lugar en diferentes espacios y esferas de la Vida.

Así, la Educación Biocéntrica está dentro de la tendencia que Cavalcante llama *Evolutiva*, porque favorece la evolución humana a través de la convivencia, la convivencia, el ser y el sentir. Esta educación nace, por tanto, del deseo de despertar la conciencia y contribuir a la emancipación humana, ante la urgencia de oponerse al sistema de muerte alimentado por modelos educativos castradores, que predominan en las sociedades occidentales modernos, basados en el paradigma antropocéntrico. La educación de la modernidad, todavía hegemónica hoy en día, ha provocado una disociación en el ser humano y en su relación con el mundo, fragmentación que se origina en la separación del hombre/ mujer al resto de la vida, lo que ha generado graves desequilibrios. No nos reconocemos como Naturaleza, como criatura, sino sólo en un lugar, el de creador de nuestra propia realidad, con la intención de controlar y explotar a los demás seres vivos, en una relación de objetivación de la Vida. La metodología adoptada por dicha educación es criticada por Saltini (apud Cavalcante y Góis, 2015) por tratar de "explicar la vida a través de algo más que la vida misma", que, para el autor, fue el factor responsable por "aniquilar la voz de la existencia dentro de la educación". La Educación Biocéntrica trae de vuelta al centro del proceso de aprendizaje-desarrollo La vida misma, retomando una vieja percepción, que el conocimiento del mundo, primero, es revelado por el movimiento cósmico. Por lo tanto, es en la danza de la Vida que encontramos las preciosas enseñanzas para fluir en la espiral evolutiva.

Cavalcante y Góis (2015), al abordar la visión biocéntrica, traen la comprensión de que todos los seres vivos tienen sus propios procesos de cognición, no siendo una exclusividad del ser humano, sino de todos los animales, de las plantas, y de cada ser que aprende, resiste, crece y se desarrolla a través de las interacciones que realiza. Hay muchas formas de conocer y aprender, no se puede decir que el proceso de cognición, diferente de lo que experimentamos los humanos, sea inferior, sino que solo revela una diversidad que es complementaria y compleja.

El proceso de aprendizaje-desarrollo se originó para el hombre/mujer en el momento en que se dio cuenta de que el Universo es vibratorio, provocando una oscilación, que ocurre de manera visible e invisible, y que hace posible generar, recrear, difundir y procesar la energía y la información que llega a todo el Universo, tal y como afirman los autores antes mencionados. Es, por lo tanto, el reconocimiento del Universo como un Ser Vivo, una percepción que los pueblos originarios, de América y otros continentes, intuyeron debido a una profunda conexión con la Vida. En este sentido, el proceso de cognición es indudablemente anterior a la cultura, ocurre en cualquier lugar y a lo largo de la existencia. Como aclaran los autores,

Está claro, entonces, que pensar en la educación de una manera biocéntrica significa llegar lejos, requiere llevar la vida humana al movimiento del Universo y no solo mantenerla dentro del marco cultural. Implica darse cuenta de que los procesos de cognición no se originan en el *homo sapiens sapiens*, ni le son propios

de una racionalidad típica del racionalismo que prevalece hasta hoy. Son más antiguos, más amplios, más complejos y más sutiles. (CAVALCANTE Y GÓIS, 2015, p. 66-67)

En esta perspectiva, aprendemos y nos desarrollamos a partir de la fricción con todo aquello con lo que hacemos contacto, de la interacción con el otro, del encantamiento por uno mismo, del enamoramiento de la Vida, del coraje al amor, alimentando el núcleo fundamental de nuestra existencia que es el "sentimiento". vivo". Retomamos, en esta propuesta pedagógica, el carácter sagrado de la Vida y el amor como motor de todo lo que vive, percibiendo los gestos de afecto como favoreciendo la construcción del conocimiento, con capacidad de imprimir en nuestro cuerpo. Una sabiduría a la que podemos acceder en cualquier momento.

Así, los procesos de cognición para la Educación Biocéntrica suponen un cambio radical de percepción, yendo más allá de la visión reduccionista, lineal y fragmentada del antropocentrismo, abriéndonos a un conocimiento que toma al ser por Todo, más allá de su dimensión cultural, para considerar al ser cosmobiológico, que es autónomo y, al mismo tiempo, interdependiente dentro de un sistema vivo más grande. Desde este lugar no hay jerarquía entre los seres vivos, sino más bien una comprensión de que cada especie participa en esta danza de la Vida, en una relación de complementariedad, manifestada en el principio de solidaridad, propia de la cooperación existente en la Naturaleza.

Este concepto ampliado de educación, como mencionamos, tiene su base en el Principio Biocéntrico. Por ello, profundizaremos en el contenido de este principio, que es central en la reflexión que proponemos en relación con el carácter descolonizador y emancipador de la Educación Biocéntrica, que lleva en su pensamiento y praxis la cultura de la Vida.

## 2. Conexión con la vida: una sabiduría antigua y un nuevo paradigma

El Principio Biocéntrico tiene como objetivo conectar con la Vida, así, Rolando Toro (2014) trae la afectividad como un puente esencial para establecer un vínculo con todo lo que vive, y como un favorecedor de los procesos cognitivos. En esta perspectiva, el autor estructuró este principio a partir de cuatro ejes: la sacralidad de la Vida, el Universo Viviente (Biocosmos), la expansión de la conciencia y la empatía (amor infinito), entendiendo que la Vida está en el centro de todos los componentes del Universo. El autor, al hablar del Principio Biocéntrico, señala que aparece como una propuesta previa a la cultura, que se relaciona con la sabiduría biocósmica que genera procesos vivos, inspirados en leyes universales que conservan los sistemas de vida y posibilitan su evolución. También menciona que "nuestro conductor es la Naturaleza misma" (TORO, 1987) y, por lo tanto, nuestra conexión con ella nos permite recordar los movimientos originales que generan vida. En sus palabras,

El Principio Biocéntrico tiene como punto de partida la vivencia de un universo organizado en función de la vida. Cada habitación existe en el universo, sean elementos, estrellas, plantas o animales, incluido el ser humano, son componentes de un sistema viviente mayor. El universo existe porque hay vida e inversa. Las relaciones de transformación materia-energía son grados de integración de vida.[...]

El Principio Biocéntrico se sitúa en respetar la vida como centro y punto de partida de todas las disciplinas y comportamientos humanos. Restablece la noción de sacralidad

de la vida. Se inspira en la intuición de un universo organizado en función de la vida y consiste en una propuesta de reformulación de nuestros valores culturales, que toma como referencia el respeto por la vida. (TORO, 2014, p. 67 y 68)

Según Cavalcante y Góis (2015), el Principio Biocéntrico es la elaboración más importante del Paradigma Biocéntrico, con un reconocimiento de que su esencia está apareciendo en la conciencia ética del ser humano como un fenómeno evolutivo natural. Tal paradigma, por lo tanto, es una nueva percepción de la existencia, que comienza a ganar mayor expresión en los años 60, especialmente, con el Movimiento Hippie, los movimientos ecológicos, los nuevos movimientos sociales, así como varios científicos, artistas y espiritistas que afirmaron nuevos valores referenciados en la Vida.

El Paradigma Biocéntrico surge como respuesta a una profunda crisis que atraviesa la humanidad, que según Capra (1982) no es una crisis de conocimiento, sino de percepción. El autor aporta una comprensión compleja y sistémica de la vida, haciendo mención a una Ecología Profunda, término creado por Arne Naess, que se refiere al reconocimiento del valor intrínseco de la naturaleza, independientemente de su utilizar el valor por parte del ser humano, cuestionando así la visión de la sociedad moderna, que ve a la Naturaleza sólo como un recurso para ser explotado.

En este contexto, Rolando Toro contribuye en gran medida con la elaboración y sistematización del Principio Biocéntrico, que es el paradigma fundador de la Educación Biocéntrica. Tal principio trae la comprensión de que todo en el Universo está vivo; realidad que fue confirmada por la ciencia a partir de la Teoría Gaia, por <sup>1</sup>James Lovelock, ganando hoy, mayor aceptación entre los científicos tradicionales. Este conocimiento había sido intuido durante mucho tiempo por civilizaciones antiguas y numerosos pueblos originarios, ya estando presente en los pueblos presumerios.

Toro (2014) menciona como antecedentes míticos del Principio Biocéntrico las culturas de los pueblos indígenas de América y África, así como de otros continentes, y es interesante notar las similitudes de las cosmovisiones de estos diversos pueblos. En este sentido, el autor afirma que la idea de un Universo Vivo puede considerarse una constante en la psique humana.

Los pueblos indígenas traen el Buen Vivir como el principio de sus cosmovisiones, llevando el entendimiento de que todo vive y está conectado y, por esta razón, necesitan estar en resonancia con la Vida. Sin embargo, nos distanciamos de esta percepción y, como resultado de la hegemonía del

---

<sup>1</sup> La teoría de Gaia, también conocida como la hipótesis de Gaia, es una tesis que establece que el planeta Tierra es un ser vivo. Es una hipótesis de ecología profunda que propone que la biosfera y los componentes físicos de la Tierra (atmósfera, criosfera, hidrosfera y litosfera) están íntimamente integrados para formar un sistema complejo que mantiene las condiciones climáticas y biogeoquímicas preferiblemente en homeostasis. Según esta teoría, nuestro planeta posee la capacidad de autosustento, es decir, es capaz de generar, mantener y alterar sus condiciones ambientales. La Teoría Gaia fue creada por el científico y ambientalista inglés James Ephraim Lovelock en el año 1969. Contó con los estudios de la bióloga estadounidense Lynn Margulis. El nombre de la teoría es un homenaje a la diosa Gaia, una deidad que representaba a la Tierra en la mitología griega. Lovelock y otros investigadores que apoyan la idea actualmente la consideran una teoría científica, no solo una hipótesis, ya que ha pasado pruebas predictivas. Fue aceptado por primera vez por ambientalistas y defensores de la ecología. Sin embargo, actualmente, con el problema del calentamiento global, esta teoría está siendo revisada y muchos científicos tradicionales ya aceptan algunas ideas de la Teoría Gaia.

antropocentrismo, que separó al hombre de la Naturaleza, nos desprendemos de nuestro propio ser natural, lo que nos ha llevado a la autodestrucción y destrucción de nuestro Hogar, la Tierra.

Más recientemente, frente a la emergencia global que enfrentamos, hay un movimiento para valorar las cosmologías de los pueblos indígenas, que están comenzando a inspirar al mundo, y nos hacen esperar con la perspectiva de hacer espacio para lo nuevo y, Al mismo tiempo, honra las semillas que nos dejaron nuestros antepasados. Como ejemplo de este cambio evolutivo, hacia la realización del Principio Biocéntrico, podemos destacar la presencia de los principios del Buen Vivir en las Constituciones de Bolivia (2009) y Ecuador (2008), con el la creciente influencia del Nuevo Constitucionalismo Latinoamericano en el mundo jurídico; la aprobación del Día de la Madre Tierra por las Naciones Unidas – ONU (2009); la Declaración de las Naciones Unidas sobre los Derechos de los Pueblos Indígenas (2007), así como la Reconocimiento de los derechos de la naturaleza en varios países.

Estos avances representan cambios profundos en las estructuras de poder y en la visión sobre la relación entre los seres humanos y otros seres vivos, pero sabemos que romper con la lógica de la modernidad es una tarea desafiante, que Requiere mucha resistencia, lucha, amor y paciencia pedagógica y, sobre todo, que conozcamos nuestra historia. Comprender de dónde venimos, honrar nuestra ascendencia y valorar este conocimiento que resiste y aún vive hoy es esencial para que podamos avanzar con pies firmes y arraigados, tomando conciencia de la nuestra pertenencia a esta América Profunda, reconociéndonos desde este suelo, desde *Abya Yala*, nombre dado por el pueblo Kuna de Panamá y Colombia al continente americano, y que significa "Tierra en plena madurez", "Tierra de sangre vital".

En esta perspectiva, entendemos que es de gran relevancia hacer algunos puentes entre el Principio Biocéntrico y la sabiduría de los pueblos indígenas, insertos en la propuesta del Buen Vivir, articulando la contribución de estas enseñanzas a la Educación Biocéntrica, base para percibir esta propuesta en su papel de descolonización y emancipación humana.

### 3. Buen Vivir: pasado, presente y futuro

Rolando Toro no profundizó su estudio de las cosmovisiones indígenas, no explicitando en sus textos el estrechamiento entre toda la visión que presenta a través del Principio Biocéntrico con el conocimiento tradicional que resistieron y que guían la vida comunitaria de cientos de pueblos amerindios. Desde hace algún tiempo, alrededor de una década, algunos educadores biocéntricos y facilitadores de Biodanza, como César Wagner de Lima Góis y Ana Luiza Teixeira de Menezes, han recurrido al tema de América Profunda, aún insertado en forma puntual dentro de Educación Biocéntrica y Biodanza.

Cuando miramos el Principio Biocéntrico, vimos que lleva, en su concepción, la intuición de los pueblos originarios sobre la existencia de un Universo Vivo, y propone el retorno a una conexión profunda con La vida, que nos permite rescatar la relación de respeto y sacralidad ante ella. Esta comprensión del mundo, que es esencialmente biocéntrica, está incrustada en el Vivir Bien de los pueblos indígenas de *Abya Yala*.

Los pueblos amerindios son ejemplos de firmeza y resistencia, porque incluso frente a todas las condiciones adversas, desfavorables para su supervivencia y la de sus culturas, debido al proceso de

genocidio y etnocidio llevado a cabo desde la colonización, estos nunca han olvidado su horizonte: *Suma Qamaña*, *Sumak Kawsay* o Bem Viver, como expone Mamani (2010) en su libro *Buen Vivir/Vivir Bien*. Sus cosmovisiones se han transmitido de generación en generación durante cientos de años, resistiendo todo este tiempo de persecución, devaluación y negación, mostrando la fuerza de la semilla criolla. que trae la sabiduría de la Tierra, que está viva y permanente.

Aunque existe una gran diversidad, con muchas naciones y comunidades con sus propias culturas e identidades, podemos afirmar que existe una esencia común entre las cosmovisiones indígenas: el paradigma comunitario basado en el armonía con la Naturaleza, que podríamos sintetizar como un Paradigma Biocéntrico. Traen, por lo tanto, una percepción de la Vida como un elemento central de todas las relaciones, una cultura de la Vida que, en consecuencia, promueve el Buen Vivir.

La traducción de los términos *Suma Qamaña* y *Sumak Kawsay*, como sinónimo de Buen Vivir, no logra lo que estas palabras, en las lenguas quechua y aymara, significan para estos pueblos. originado. En un intento de traducir el significado de *Suma*, podemos decir que el término comprende los siguientes significados: plenitud, sublime, excelente, magnífico, elegante; mientras que *Qamaña* abarca vivir, convivir, ser o ser. En quechua *Sumak Kawsay* presenta el mismo significado y, prácticamente, la misma traducción, teniendo como significado más cercano el de "vivir en plenitud", que es la esencia del Buen Vivir o *Vivir Bien* (MAMANI, 2010).

No solo los pueblos quechua y aymara de Bolivia traen a su cosmovisión el Buen Vivir. Tenemos la presencia de esta comprensión del mundo y de la forma de vivir también en los pueblos mapuches, de Chile, en los Kolla, de Argentina y en los pueblos amazónicos, siendo, de hecho, una filosofía propia de todos los pueblos mapuches, pueblos indígenas, por mantener una relación de intimidad con la Naturaleza, en una percepción de interdependencia e interconexión con toda la Vida. Esta visión biocéntrica genera movimientos espontáneos y orgánicos de cuidado de la Naturaleza, ya que, según esta sabiduría milenaria, nada está fuera de ella, considerando que todos somos parte de un Ser Mayor y necesitamos, por lo tanto, nuestra Madre Tierra (*Pachamama*) para vivir.

Todas las culturas tienen una forma de ver, sentir y proyectar el mundo. El conjunto de estas formas se conoce como Cosmovisión o Visión Cósmica. Los abuelos y abuelas de los pueblos ancestrales hicieron florecer la cultura de la vida inspirados en la expresión del multiverso, onde todo está conecta, interrelacionado, nada está fuera, sino por el contrario 'todo es parte de...'; la armonía y equilibrio de uno y del todo es importante para la comunidad. [...] Afirman los sabios de nuestros pueblos ancestrales que recuperar la cosmovisión ancestral es volver a la identidad; Un principio fundamental para conocer nuestro origen y nuestro papel complementario en la vida. (MAMANI, 2010, p. 24)

Según Mamani (2010), las cosmovisiones amerindias se inspiran en la expresión del multiverso, es decir, en el concepto de que hay muchas verdades y no una (universo), no entendiendo el mundo solo por una aspecto, sino más bien, desde una visión ampliada sobre los complejos procesos de la vida. Los pueblos indígenas se mueven por un pensamiento circular, seminal, por un conocimiento que es naturalmente multidimensional, que proviene del aprendizaje de los ciclos de la Naturaleza.

En este sentido, nada está fuera o es visto como "malo", todo integra la Unidad Creativa de la Vida, que se manifiesta en la dualidad, enfatizando la belleza en los contrastes inherentes a la existencia, que constituyen opuestos. Complementarios que ejercen una función vital, formando un sistema complejo

e interdependiente que se retroalimenta. La naturaleza, por lo tanto, se nutre de la descomposición de la materia orgánica, siendo vista la muerte como un pulso de la Vida, que está en oposición al nacimiento. Podemos ver esto observando los procesos naturales, secuenciados y continuos de nacimiento, crecimiento, floración, maduración, decrecimiento y muerte, en los que el ciclo necesita ser cerrado, porque un El paso depende del otro, formando una espiral infinita. Tal comprensión está presente en el concepto ampliado de educación adoptado por la Educación Biocéntrica, cuando trae a la Naturaleza como un gran maestro cuando se hace referencia a ella en el Principio Biocéntrico.

Vivir bien implica estar bien, que a su vez está relacionado con saber vivir, así como saber convivir. Hemos ido perdiendo nuestra capacidad de vivir en comunidad (*ayllu*), cerrándonos cada vez más en una pequeña red superficial de contacto. La sabiduría de los pueblos originarios de América Profunda nos habla de vivir en armonía con la Naturaleza, el Buen Vivir, que tiene su base en la vida comunitaria, en los principios de complementariedad y reciprocidad.

Vivir Bien es vivir en comunidad, en hermandad y especialmente, en complementariedad. Es una vida comunitaria, armónica y autosuficiente. Vivir Bien significa complementario compartir sin competir, vivir en armonía entre las personas y con la naturaleza. Es la base para la defensa de la naturaleza, de la vida misma y de la humanidad toda. [...] El Vivir Bien no es lo mismo que el vivir mejor, el vivir mejor es a costa del otro. Vive mejor el egoísmo, el desinterés por los demás, el individualismo, el suelo piensa en el beneficio. [...] Estos valores, estos principios, son la identidad que nos han legado nuestros abuelos, la armonía y la complementariedad en nuestras familias y en nuestras comunidades con la naturaleza y el cosmos, más la convivencia por medio del consenso diario entre todos y todo en nuestras comunidades y la sociedad entera. (MAMANI, 2010, p. 34 y 35)

Nuestra ascendencia indígena nos guía a un movimiento de reconexión con la Madre Tierra, con la *Pachamama*, anunciando el Buen Vivir como un camino hacia la curación de las enfermedades del mundo moderno. Sus semillas nos inspiran a volver a lo primordial, al contacto íntimo y profundo con la Tierra, con la Naturaleza, siendo sumamente preciosa y, sobre todo, necesaria para el mantenimiento de la Vida. Y en esta dirección, entendemos que necesitamos encontrar formas de rescatar nuestra identidad, de descolonizarnos, de integrar nuestro ser que ha estado caminando con gestos destrozados.

Esta memoria ancestral del Buen Vivir nos permite desenredarnos gradualmente de esta modernidad colonizada y tener la vida como referencia para nuestras elecciones como civilización. Como nos dice Rolando Toro, nuestra civilización optó por un sistema social que genera muerte y, al traer el Principio Biocéntrico, vislumbró la superación de la mejor vida de la cultura occidental, basado en la competencia, el individualismo, el control y la explotación de la Naturaleza. En su lugar, propone que las relaciones, la construcción del conocimiento, las decisiones políticas y la convivencia entre humanos y no humanos sean referenciadas en la Vida, en la misma dirección que los movimientos. Los pueblos indígenas nos han provocado a mirar.

Nuestras abuelas y abuelos indígenas afirman sabiamente que conocer nuestros orígenes es esencial para rescatar nuestra identidad. Tener una identidad fortalecida, desde nuestra herencia ancestral, nos permite ser libres para expresar quiénes somos, porque cuando encontramos nuestras raíces, entramos firmemente en este mundo, sosteniendo la integralidad de nuestro mundo. Ser Mamani (2010) trae el mensaje del pueblo aymara sobre la importancia de recuperar y mantener viva nuestra

identidad cultural , afirmando que un pueblo sin conciencia es un pueblo que fácilmente se sale de sí mismo. explorar.

El autor también destaca que la búsqueda de nuestra identidad y el rescate de la memoria de nuestra historia no significan un retroceso, al contrario, conocer el pasado es un aspecto esencial para caminar conscientemente en el presente y proyectar el futuro sabiamente. En este sentido, una educación liberadora, que propone fomentar un pensamiento crítico y complejo sobre la realidad, tiene un papel fundamental en este proceso.

Cuando vivimos alienados y desvinculados de nuestra biografía, del curso histórico que constituye los viejos recuerdos registrados en nuestras células, corremos el riesgo de ser meros repetidores de formas socialmente impuestas, sin revelar y expresar lo que traemos la complejidad de nuestra identidad, en la singularidad de nuestro ser cosmobiológico y cultural, con su propia forma de ser y moverse en este tiempo y espacio.

En este sentido, encontramos en la Educación Biocéntrica, desde su Método Integrador Biocéntrico, un potencial de decolonialidad en sus múltiples aspectos. No tendremos forma de efectuar el Principio Biocéntrico sin mirar profundamente en nuestro ser colonizado, que impulsa nuestro pensamiento, sentimiento y acción en el mundo, lo que nos impide simplemente "estar con ", para vivir en armonía con las diversas expresiones de la Vida. Hay un nuevo horizonte, que nos hace avanzar, pero ciertamente requiere de nosotros coraje para ver, reconocer y sostener todos los versos de nuestra historia, que revela el lado oscuro de la modernidad, que se mantiene intencionalmente en silencio y en la invisibilidad.

#### 4. América profunda: Descolonización del ser, el conocimiento, el poder y la Madre Tierra

Los pueblos indígenas se han preocupado, incluso hoy, por el mantenimiento de la vida en nuestro planeta, del que todos dependemos. Sin embargo, vivimos ajenos a los dolorosos procesos de resistencia que sus comunidades han enfrentado para simplemente existir. Hay un movimiento insurgente en América del Sur, que ha logrado hacerse eco de la voz de estos pueblos indígenas, que luchan diariamente para que los hombres y mujeres de las ciudades modernas despierten su conciencia. que todos los seres provienen de la misma placenta, gestado en el vientre de nuestra Madre-Tierra, a los andinos la *Pachamama*.

Algunos autores, situados fuera del circuito europeo y norteamericano, han contribuido a una nueva epistemología, un conocimiento basado en las experiencias de los pueblos del hemisferio sur. Aquí buscamos articular las reflexiones traídas por Catherine Walsh (2008), quien aborda el tema de la colonialidad en la dimensión del poder, el conocimiento, el ser y la Madre Tierra, con el trabajo de Rodolfo Kusch, antropólogo argentino, quien se dedicó al estudio de las mitologías, cosmovisiones y pensamiento de los pueblos indígenas de América Profunda. Comprender las raíces de los abismos causados por la modernidad es esencial para el proceso de toma de conciencia que nos propone la Educación Biocéntrica. Catherine Walsh (2008), en su artículo *Interculturalidad, plurinacionalidad y descolonización: las insurgencias político-epistémicas de la refundación del Estado*, aborda el carácter

des colonial contenido en las luchas de los movimientos ancestros en América Latina, que conquistaron el espacio dentro de las estructuras de poder, haciendo rupturas importantes.

Nadie niega que América del Sur está experimentando cambios, innovaciones y rupturas históricas. Son estas innovaciones y rupturas, las que aquí nos interesan, las que señalan y muestran nuevas formaciones, construcciones y articulaciones sociopolíticas y epistémicas de Estado y Sociedad, formaciones, construcciones y articulaciones que son el resultado y parte de las estrategias de acción y lucha de los movimientos ancestrales, de su insurgencia político-epistémica, que sin duda está allanando el camino para una posible Nuevo horizonte, -de giro- de carácter decolonial. (WALSH, 2008)

El autor aborda la *colonialidad* del poder, entendiendo que se centra en la construcción de un sistema de clasificación social que se basa en una jerarquía racial y sexual, con una distribución *de* identidades sociales que Diferencian: blancos, mestizos, indios, negros, en orden de superioridad.

El eurocentrismo y el antropocentrismo colocan al hombre blanco en la cima de la pirámide, acentuando la dominación que es principalmente racial, pero que también se revela en las relaciones de género. Afirma que esta estratificación social fue la clave para el control de la población mundial y continúa reproduciéndose dentro del estado y la sociedad.

"civilizadamente" excluyente, con las élites nacionales habiendo asumido un discurso de mestizaje o, más recientemente, de hibridación del mundo globalizado, con el objetivo de negar la perpetuación del racismo y la injusticia racial.

Además del sesgo de poder, relacionado con la colonialidad por los intereses del capitalismo y el marco de la modernidad, Catherine Walsh trae al diálogo las dimensiones del conocimiento, el ser y la Madre Tierra, todas interconectadas e inseparables. La *colonialidad* del conocimiento radica en la imposición de una única perspectiva válida del conocimiento que es el posicionamiento eurocéntrico, siendo sólo las racionalidades epistémicas de los hombres blancos europeos o europeizados, incluyendo aquí los norteamericanos, que influyen en los sistemas educativos y universidades con su ciencia, se presentan como el marco científico-académico-intelectual, como señala el autor. El establecimiento de una clasificación social, que se refleja en la devaluación de racionalidades y conocimientos que se alejan del racionalismo cartesiano del hombre/mujer occidental, también tiene su rostro en la *colonialidad. de ser*, tratado por Walsh. Los procesos de inferiorización, subalternancia y deshumanización afectaron a los individuos en su subjetividad, con marcas profundas, siendo el resultado de una lógica perversa que sustrae el yo. el derecho a existir, imputando a los pueblos indígenas y africanos la condición de invisibilidad, de inexistencia, llamándolos "incivilizados", bárbaros, como una forma de justificar la superioridad de los europeos blancos. Para existir, por lo tanto, uno debe seguir el modelo occidental y blanquear, negar la ascendencia indígena africana y enterrar todas las culturas que no se basan en el paradigma antropocéntrico y eurocéntrico presentado por el modernidad.

Sobre la *colonialidad* de la *Madre Tierra* (Pachamama), la autora expone que sigue siendo un tema poco abordado y que, ante la distancia que el antropocentrismo ha causado entre el Hombre y la Naturaleza, devaluando lo místico, la relación espiritual con la Tierra, que es propia de los pueblos originarios, llegamos a verla sólo como un depósito de recursos naturales para ser explotados por el ser humano.

El último eje, uno que ha sido tema de menor reflexión y discusión, es el de la colonialidad de la madre naturaleza y de la vida misma. La que encuentra su base en la división binaria naturaleza/sociedad, descartando la relación mágico-social, milenaria entre los mundos biofísico, humano y espiritual, incluyendo los ancestros, la que da sustento a los sistemas integrales de vida y a la humanidad misma. La madre naturaleza –la madre de todos los seres– es la que establece y da orden y sentido al universo y del vivir. Negar esta relación milenaria, espiritual e integral, explotar y controlar la naturaleza y enfatizar el poder del individuo civilizado moderno (que es piensa con relación con el blanco europeo y norteamericano) sobre el resto, así como los modelos de sociedad "moderna" y "racional" con sus raíces europeo-americanas y cristianas, este eje de la colonialidad. Se pretende acabar con toda la base vital de los pueblos ancestrales, tanto indígenas como afrodescendientes. (WALSH, 2008)

Al negar la espiritualidad de los pueblos originarios, que se centra en el vínculo profundo con la Madre Tierra, en la que ésta es generadora de Vida y de todo lo que necesitamos para vivir, se pretendía retirar sus fuerzas, vaciar su significado. Sin embargo, no solo los pueblos indígenas y africanos se vieron afectados por esta brutal colonización. Hasta el día de hoy vivimos las consecuencias de los genocidios y la negación de estas culturas que dejaron marcas en todo un pueblo nacido del mestizaje de las diferentes razas que convivieron en los territorios de las antiguas colonias. del Continente Sur-

Americano. Además, el abandono de la relación armoniosa con la Naturaleza repercute inevitablemente en el destino de todos los habitantes de esta Patria. Rodolfo Kusch, publicando, en 1962, el libro *América Profundo*, nos lleva a comprender las raíces de la inferiorización de estos pueblos originarios. El autor plantea cuestiones centrales dentro del proceso de clasificación social hablando de *pulcritud* y *hedor*, refiriéndose, con el primer término, a la limpieza representada por los ciudadanos de la ciudades y, segundo, el *hedor* que se asociaría con los pueblos indígenas, ideas y sentimientos que alimentaron tal segregación, una masacre fundada en la superioridad de los humanos en las sociedades occidentales modernas. quienes, en sus ciudades, buscaban la perfección, el purismo, la seguridad, con la intención de vencer el temor de la "ira de Dios" a través del control de la Naturaleza.

Por lo tanto, a partir de este presupuesto excluyente y separatista, comienza la disociación entre alma y cuerpo, ser humano y Naturaleza, material y espiritual, razón/mente e intuición/corazón, sagrado y profano, dejando de tener una danza complementario entre estos aspectos duales que forman parte de la Vida y que para los pueblos amerindios se integran, formando una unidad. La luz, el alma, lo divino, la razón estaría en la ciudad, mientras que la oscuridad estaba en todo lo que estaba fuera de las grandes murallas, junto con los pueblos de los bosques y sus rituales paganos, incomprendidos y etiquetadas, hasta el día de hoy, como prácticas satánicas.

También emerge el mundo de los objetos, que sigue creciendo, permanentemente, con las innovaciones científicas de la modernidad, y el Ser comienza a tener valor de lo que tiene, en detrimento del Ser

---

<sup>2</sup> Kusch utiliza el término "ira de Dios" refiriéndose a los intemperantes de la Naturaleza, su manifestación a través de relámpagos, truenos, tornados, inundaciones, toda la imprevisibilidad inherente al entorno natural, vista como una manifestación de furia divina por los pueblos originarios, que generó miedo debido a su completa dependencia e imposibilidad de controlar la Naturaleza, así. El autor dice que estábamos creando las ciudades para deshacernos de este miedo, con la intención de una seguridad, que ya se sabe que no existe, porque revela que en este curso solo aumentamos nuestro miedo, hoy transferido a lo que él llama la "ira de los hombres", que es el aumento de la violencia y la segregación debido al sistema social excluyente y al pensamiento del mundo de los objetos.

relacional, que se expande y crece en convivencia, en la presencia del otro, en gestos de afecto. En este sentido, Kusch (1962) afirma que nuestra mente mestiza, fruto de la colonialidad del ser americano, vive un dilema que nos hace movernos entre el "ser alguien" de la Europa del siglo XVI y el "estar aquí con" o "mero ser" de la cultura precolombina. Pero la fuerte negación que nos habita ante la asociación de los pueblos indígenas con algo sucio, maloliente, de menor valor por su sabiduría intuitiva, experiencial, lejos del conocimiento científico y del triunfo de las ciudades, nos trae una dificultad para aceptar nuestra ascendencia.

A pesar de palpitar en nosotros de una manera que no encaja con la *pulcritud* de las ciudades inspiradas en las metrópolis europeas, no podemos dar espacio al *mero ser*, siempre hay una carga interna que nos indica. ya que la única posibilidad es "tener objetos", es decir, "ser alguien". Nuestra humanidad está dando paso a un ser de mera conducta, que desemboca en la asfixia de toda nuestra potencia creativa que está en el pensamiento circular y seminal, en la Vida que palpita ahora y nos invita a bailar.

Es un conflicto existencial que nos enferma y que, según Kusch, seguirá existiendo hasta que miremos profunda y seriamente al mundo antiguo que nos constituye y nos cruza, manifestándose en nuestro inconsciente personal. y colectivo. El autor expresa en sus obras la urgencia de retomar el viejo mundo como una forma de restablecer la salud. Como argumenta Kusch,

En América, ya lo dije en mi primer libro, se plantea ante todo un problema de integridad mental e la solución consiste en retomar el antiguo mundo para ganar la salud. Si no se hace así, el antiguo mundo continua siendo autónoma y, por lo tanto, será una fuente de traumas para nuestra vida psíquica y social. (KUSCH, 1962, p. 4)

La enfermedad de las personas que viven en las ciudades está relacionada con una forma de vida antinatural, generando enfermedades que no son solo físicas, de cara a la industria alimentaria y la industria farmacéutica que Promueven la muerte, pero, sobre todo, son enfermedades del alma, que no encuentra sentido en el mundo de la distracción, en el mecanismo de la vida cotidiana de la ciudad, que no permite la expresión de nuestra emocionalidad, de la vida que ha sido ocultada, negada, que es parte de los *hedores* de los pueblos originarios.

Kusch habla precisamente de este mundo antiguo que acogió sus miedos y los ritualizó, que sanó el corazón con sus gestos de humildad ante la "Ira de Dios", ante el misterio de la Vida. Mientras no abracemos esta realidad que también está en nosotros y que nos permite sanar nuestras heridas profundas, todo este dolor permanecerá al margen de nuestra existencia, pero ciertamente, seguirá floreciendo como una sensación. inseparable que se genera por la memoria incontestable de nuestras células.

El pueblo mestizo de América lleva más vívidamente la sabiduría de los pueblos originarios, si pensamos que el ser colonizado no es tan antiguo, son poco más de quinientos años que representan solo un Pequeño punto en la línea de tiempo, pero que parece una eternidad en nuestra vida, porque accedemos solo a este nuevo mundo de objetos y paredes. Mamani también refuerza esta forma de pensar cuando afirma que

Durante los últimos años se ha venido dando un proceso de búsqueda de alternativas a esta crisis. Es necesario volver a una vida más natural y a los valores y principios ancestrales, especialmente en los países industrializados. Pero para ellos es más difícil porque son los que más se esforzaron en fin con sus culturas originarias y exterminate

todos los rasgos "premoderna" que podrían haber sobrevivido a la arremetida de la modernidad. (MAMANI, 2010, p. 29)

El movimiento indígena se ha fortalecido en las últimas décadas, y hoy hay un rescate y una difusión de las antiguas sabidurías custodiadas por quienes nos precedieron. Los ojos se dirigen al Buen Vivir, así como a Ubuntu, la filosofía de los pueblos africanos, como alternativa a la crisis global, ante la urgente necesidad de volver a aprender a vivir juntos, para Compartir, vivir bien, en una relación de reciprocidad y respeto por la vida humana y no humana.

Conocer, valorar y honrar esta sabiduría ancestral es esencial para que profundicemos en nosotros mismos, para que estemos arraigados, mientras necesitamos dar cabida a nuevas teorías y prácticas veneradas en la Vida, como medios para superar la crisis de percepción en la que estamos sumidos, y caminar firmemente hacia la descolonización del Ser, el Conocimiento, el Poder y la Madre Tierra y, en consecuencia, hacia la construcción de una sociedad biocentrada, basado en el Buen Vivir.

En esta perspectiva, entendemos el importante papel de la Educación Biocéntrica, que parte de una visión amplia de la educación y sus procesos de cognición referenciados en la Vida, permitiendo un reaprendizaje y un rescate del ser natural, de la Nuestra identidad, en una reconexión con nuestro ser más profundo e integrado, visto no solo desde la cultura, sino por su lugar dentro del movimiento cósmico.

## 5. La educación biocéntrica como camino hacia la descolonización y la emancipación

Situada en un nuevo paradigma, la Educación Biocéntrica afirma su compromiso con el despertar de nuestra conciencia para que nos demos cuenta de nuestra tarea evolutiva, nuestra responsabilidad como sujetos individuales y colectivos. involucrados en el mundo. Nos provoca a una acción transformadora, ofreciéndonos un camino que tiene como horizonte la armonía, el amor y la libertad, no como un devenir, sino como posibilidades concretas para ser vividas en el "aquí". ahora con", intensificando nuestra presencia y sensibilidad para, a diario, tomar decisiones que den vida.

Esta propuesta pedagógica, con su Método Integrador Biocéntrico, cuando abraza un concepto ampliado de educación, coloca a la Vida como una referencia importante de vivir y aprender, permitiendo la construcción de una cultura Biocéntrica, de valores éticos de respeto a todos los seres vivos, de sujetos que pueden caminar conscientes de su pertenencia a esta Tierra-Patria, seres que aman y cuidan la Naturaleza. Una educación que nos recuerda lo esencial, lo fundamental y el fortalecimiento de nuestra identidad: el "sentimiento vivo", que hace posible la conexión con nuestro propio ser, con el otro y con el totalidad, para favorecer la expresión natural y espontánea de las singularidades que somos.

La descolonización del hombre/mujer, entendida en su multiverso, es un camino a seguir desde el corazón, vaciándonos de prejuicios, racismo estructural, rompiendo con las ataduras y vallas que nos separan. Necesitamos entender la complejidad de la Vida, volver a estar juntos y mirarnos desde el círculo, que nos recuerda lo que nos une.

La Educación Biocéntrica nos recuerda nuestro lugar común como especie humana, nuestro ser cosmobiológico, con una identidad terrestre-planetaria, y nos invita a recuperar nuestros gestos naturales, que nos permiten un profundo reconocimiento de la esencia y sacralidad de cada vida. También promueve el pensamiento crítico y complejo, en el sentido de una percepción integral del ser, apuntando a su emancipación y autonomía.

Las prácticas educativas de este enfoque biocéntrico nos permiten acceder a lo profundo de nosotros, reaprender a vivir juntos, expresar nuestro poder creativo, así como compartir experiencias y conocimientos. Se basa en la celebración de la vida, proporcionando la oportunidad para la intensificación del vivir; en el fortalecimiento de los vínculos promovidos por la convivencia, aquí impregnados por el diálogo amoroso; en la visión multidimensional e integral del Ser, estimulando una actitud abierta y reflexiva sobre el existir; en el sentimiento que se nutre de la experiencia, colocándola en un lugar privilegiado en el proceso de cognición.

Así, recupera lo que quedó fuera, para integrar y devolver el valor de partes de nuestro ser que nos fueron negadas por su atribución al *hedor* de los pueblos originarios, como sucedió, por ejemplo, con el Relegación de nuestros instintos, emoción y cuerpo. La inferiorización de estas dimensiones del ser fue consecuencia del proceso de colonialidad, desde el pensamiento cartesiano, que estableció la superioridad de la razón, del intelecto, comenzando a despreciar lo que No servía al racionalismo científico. Perdemos la intimidad con nuestro propio cuerpo, nuestra inteligencia afectiva e instintiva, por un desuso, por la convicción de que tales habilidades serían innecesarias para el ser de la modernidad, una creencia que causó Graves disociaciones que han provocado la aparición de numerosas "enfermedades de la civilización", como ya hemos discutido.

Llevar el cuerpo al proceso de aprendizaje-desarrollo es un aspecto que diferencia la Educación Biocéntrica de otras propuestas pedagógicas. Así, es una práctica transformadora, no solo porque despierta un pensamiento crítico y complejo, sino, sobre todo, porque apuesta por nuestra evolución, por cuidar lo que más preciamos: la capacidad. para conectarse. A través de las experiencias pedagógicas, el cuerpo, con su emocionalidad, encuentra espacio para expresarse, para dar y recibir, para dialogar y expandirse en la presencia amorosa del otro y del grupo.

La afectividad, manifestada en los gestos naturales de cuidado de la Vida, es el lenguaje universal que impregna todas las prácticas educativas de la Educación Biocéntrica. En este sentido, la experiencia aparece como un lugar central para el rescate de nuestro ser natural, devolviendo a nuestro cuerpo su sabiduría ancestral, la posibilidad de conocer el mundo desde nuestra integralidad, reaprendiendo el escuchar nuestra intuición, nuestros instintos, la Tierra, las fuerzas sutiles y sagradas que nos rodean.

Al incluir diferentes conocimientos, la Educación Biocéntrica valora el conocimiento generado a través de la experiencia de los pueblos originarios, y de muchos otros, que están fuera de la lógica racional de la modernidad. A través de su Método Integrador Biocéntrico, busca retomar la cultura de la Vida, inspirándose en ritos antiguos, pero creando nuevas posibilidades dentro del contexto en el que vivimos hoy.

En esta tarea evolutiva, como educadores biocéntricos, necesitamos honrar nuestra ascendencia, buscando conocer nuestras raíces y acercar los mundos. La sabiduría de los pueblos originarios nos ofrece las semillas para superar la crisis de percepción en la que vivimos. Muchas de estas semillas fueron y

siguen siendo fuentes de inspiración para la creación de las experiencias pedagógicas de la Educación Biocéntrica.

Destacamos los Rituales de Vínculo y Ceremonias de Vida, utilizados dentro de este enfoque, como una gran contribución de los pueblos originarios y como un puente hacia el camino de regreso, hacia la descolonización.

No se trata de copiar modelos, costumbres, rituales, o incluso de consumir nuevas e infinitas técnicas que no nos son transmitidas de manera profunda, sino más bien, de sentir la esencia, la intimidad de ese gesto, del rito, de la danza, para recordar los movimientos que han sido parte de la humanidad desde el principio, dejando espacio para el misterio en nuestras vidas.

Cuando nos dirigimos a América Profunda, a la vida de los pueblos de *Abya Yala*, vemos que hay una riqueza de cosmovisiones, de mitos, de rituales que nutren la vida en comunidad, que dan sentido a cada existencia. La convivencia, el "mero ser" y el ser que, ante todo, está al servicio de la colectividad, es una realidad de la que nos hemos ido distanciando. Olvidamos lo indispensable de nuestra conexión con la Naturaleza y, por lo tanto, creamos abismos dentro de nosotros y entre nosotros. La Educación Biocéntrica propone que humidifiquemos las grietas que nos desgarran y, como jardineros, reguemos los jardines que somos, nuestro suelo, para florecer y reforestar nuestro paisaje. Los pueblos amerindios muestran su increíble capacidad de resistencia, el inmenso valor que dan a la vida, habiendo tratado de proteger a toda costa sus identidades culturales. Hoy esta sabiduría milenaria ha ganado visibilidad, inspirando a nivel mundial diversas esferas de la vida en su dimensión social, económica, política y jurídica, con el Buen Vivir en el agenda, ante la emergencia global que está presente.

Hemos mencionado algunos avances importantes, especialmente los provocados por el movimiento indígena en América del Sur. Sin embargo, los intercambios reales sufren una gran persecución por parte de la estructura de poder actual, como vemos que sucede en las democracias tan jóvenes de las antiguas colonias. Se permiten críticas al sistema capitalista, a su modo de producción que genera muertes, al consumismo desenfrenado, al individualismo, pero sólo reflexiones que no muestran el raíces de los problemas socioambientales enfrentados hoy, por lo tanto, aquellos que no pretenden romper con la lógica moderna.

Como ejemplo, podemos ver que la forma de abordar el tema del cuidado de la Naturaleza, ya bien presente en los medios de comunicación, en el entorno escolar, en el entorno empresarial, en el sector público, lamentablemente, todavía se centra en el ser humano, siendo una visión de objetivación de la Naturaleza, en la que los hombres/mujeres deben gestionar los llamados "recursos naturales", vendiendo la ilusión del desarrollo sostenible, sin cambiar el tema al cambio de paradigma, para el reconocimiento del valor intrínseco de la Vida.

En este sentido, los pueblos indígenas siguen siendo masacrados en un intento de silenciar sus voces que nos hablan de los dolores de la Pachamama, de la Madre Tierra. Sabemos que existe un riesgo inminente de que no sobrevivamos debido al severo cambio climático, provocado por la brutal interferencia de la humanidad en el medio ambiente natural. Dado este contexto, las cosmovisiones y tradiciones amerindias que se encuentran en las civilizaciones antiguas han sido una esperanza y un estímulo para volver a aprender a vivir en armonía con la naturaleza, encontrando un nuevo camino que seguramente nos será revelado. Las experiencias pedagógicas de la Educación Biocéntrica juegan un papel importante en nuestro tiempo, el de "acabar con la desigualdad dentro de nosotros", un discurso traído por Góis

en un contexto que se refiere a valorar a todos los pueblos que en nosotros Constituyen, sin complejo de inferioridad o arrogancia, por la creencia en una falsa superioridad. Esta afirmación, por lo tanto, no está vinculada a una visión homogénea de lo humano, al contrario, ya que reconoce la riqueza de la diversidad y la importancia del respeto por los seres humanos. Nuestras diferentes culturas, el reto que se plantea es superar la visión de que somos extraños unos a otros, y poder sentir que nos conocemos por el simple hecho de ser humanos, asemejándonos unos a otros en nuestros dramas y aventuras antes de la vida.

Por lo tanto, necesitamos llevar a América Profunda a esta propuesta pedagógica, no solo como conocimiento, o incluso, como una comprensión del multiverso de los pueblos amerindios, sino, en primer lugar, como un constituyente de nosotros mismos, desde el lugar de pertenencia. Así, será posible mirar la colonialidad que nos habita y romper con la segregación que hay en nuestro cuerpo, en nuestro conocimiento, en las relaciones de poder y en la Madre Tierra (*Pachamama*).

Hay un llamado urgente desde la Vida a asumir la tarea esencial, que nos corresponde como educadores biocéntricos, de permitir la descolonización y el retorno a los orígenes del ser natural, apuntando a la emancipación del hombre/mujer, como sujeto individual y colectiva, responsable de su proceso evolutivo y consciente de su identidad Tierra-Planetaria. Este despertar, que nos llama a mirar nuestra historia, es el paso iniciático que nos permite establecer nuevos procesos de cognición que contribuyan a reaprender el Buen Vivir y a oponerse a lo que niega la Vida, eliminando objetos y mercancías como mediadores de la vinculación humana.

## Bibliografía

CAPRA, Fritjof. **Punto de mutación**, São Paulo: Ed. Cultrix, 1982.

CAPRA, Fritjof. **La red de la vida**, São Paulo: Ed. Cultrix, 1997.

CAVALCANTE, Rut; GÓIS, C. W. de Lima. **Educación Biocéntrica: Ciencia, Arte, Mística, Amor y Transformación**. 1ª ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

KUSCH, Rodolfo. **América profunda**. 1. ed. Buenos Aires: Biblios, 1999.

KUSCH, Rodolfo. **América profunda**. 1962. Reimpresión, en Obras completas, 2: 1-254. Córdoba: Editorial Fundación Ross, 2000.

LOVELOCK, James. **Gaia**. Lisboa: Edições 70, 1987.

MAMANI, F.H. **Buen Vivir/Vivir Bien: filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas**. Lima-Perú: Coordinación Andina de Organizaciones Indígenas – CAOI, 2010.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; BERGAMASCHI, María Aparecida. **Educación amerindia: danza y la escuela guaraní**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

TORO, Rolando. **El Principio Biocéntrico: Nuevo Paradigma para las Ciencias Humanas - La Vida como Matriz Cultural**. 1ª ed. Cecilia Toro Acuña, (org). Santiago/Chile: Editorial Cuarto Propio. Chile, 2014.

TORO, Rolando. **Principio biocéntrico**. Cadernos de Vivência (org. César Wagner de Lima Góis), Fortaleza/Recife, Centro de Vivência/Editora Bio's, 1987.

# ENIGMAS

Silvia Eick

Sempre me senti atraída e instigada pelos três Enigmas Existenciais propostos por Rolando Toro Araneda, criador da Biodanza.

Rolando Toro dizia que existem três perguntas que formam o núcleo emocional da nossa existência. E esse núcleo emocional é construído a partir das respostas que damos a três grandes Enigmas Existenciais. São três perguntas que, segundo Toro, devemos fazer a nós mesmos pelo menos duas vezes ao ano, para saber que rumo está tomando a nossa vida. Se estamos realmente conduzindo nossa vida para um espaço de saúde, prazer, amor, felicidade e abundância.

Estas perguntas são:

**Vivo onde quero viver?**

**Vivo com quem quero viver?**

**Faço o que quero fazer?**

São perguntas que parecem pueris, simples, mas que têm repercussões profundas nas escolhas de vida, na forma como se vive a vida, como decide viver, como escolhe viver.

Tenho consciência de que nem sempre podemos fazer a escolha que bate forte no nosso coração, mas se eu tiver clareza sobre qual é a minha resposta, se eu tiver clareza sobre qual é essa escolha, posso seguir um caminho que, talvez neste primeiro momento, não me leve à resposta definitiva, mas sei que é um caminho que tenho de percorrer momentaneamente para chegar à resposta que me satisfará.

Eventualmente, todos chegaremos a uma solução. Mas o mais importante aqui é que essas respostas são o resultado das nossas escolhas. Este é um processo de auto-responsabilidade, ou seja, cada pessoa é responsável pela forma como vive atualmente. Porque é muito fácil colocar a responsabilidade nas mãos de outra pessoa, nas mãos de um marido desagradável, nas mãos de pais que não souberam dar o amor que se precisava, ou nas mãos de um governo que não facilita para que se tenha o emprego dos sonhos.

Mas, para além de tudo isso, que é uma realidade, há a minha posição: o que eu escolho. E toda escolha tem um preço. Não um preço no sentido de castigo, mas o universo é feito de trocas: sempre que dou algo, eu recebo. Ou para eu receber, preciso abrir mão de certas coisas. Se a minha mão estiver cheia de alguma coisa, não há espaço para receber mais. Por isso preciso abrir mão, para estar disponível para receber algo novo.

O convite também é para estar disponível para a troca, ou seja, eu abro a minha mão para certas coisas para poder receber outras. Esse processo de desapego nem

sempre é fácil, mas é um processo que faz parte da vida, e é um processo necessário para a nossa evolução, para o nosso caminho.

## ONDE VIVER?

Começemos pelo primeiro enigma, que é: ONDE VIVER. E Rolando Toro tem um belo poema relacionado com isso. O poema intitula-se:

"Procura o lugar que te ama"

Não te acostumes a viver na cidade.

Procura o lugar que te ama.

Recebe a oferta do sol e da sombra,

a pedra secreta que espera por ti.

Procura a árvore que te dá a sua presença verde

a sua torção e a sua força.

Neste pequeno espaço sem limites

entrega-te.

Regressa ao holograma dourado

fora do tempo.

Inventa, ali, tua liberdade.

Porque esta é a proposta de onde viver. Temos que encontrar o lugar que nos chama, o lugar com o qual ressoamos profundamente. E todos os lugares são bons, porque cada pessoa sentir-se-á ligada a um tipo de lugar diferente.

Por exemplo: praia, montanha ou cidade. Viver perto do mar é ótimo: o céu, o horizonte sem limites, a possibilidade de receber ar fresco. E essa necessidade de espaço aberto pode ressoar profundamente em mim e é exatamente disso que estou necessitando.

Escolher as montanhas é ótimo: o ar fresco da mata, ver a vida renovar-se, o ciclo das estações, as folhas e as árvores mudando de cor. A montanha é também uma possibilidade, e essa possibilidade é ótima para algumas pessoas, mesmo que outras não se sintam de forma alguma ligadas ou chamadas pela montanha ou pela floresta.

Ou posso escolher viver na cidade: essa diversidade cultural, esses estímulos que tenho para estar com pessoas diferentes, para ir a um espectáculo de teatro, para participar de um evento cultural, para ver essa efervescência de vida, também é excelente.

O que quero dizer com isto é que não há um lugar que seja bom para todos. Cada pessoa tem de encontrar aquele lugar de profunda ressonância ecológica, ou seja, onde a vida ecoa em mim. E é neste sentido que falamos de ecologia.

Onde é que a vida ressoa em mim? Onde é que eu sinto a minha vida pulsar mais intensamente? Nas beira do mar? Na floresta? Na cidade? E dentro de cada escolha,

existem novas escolhas! Por exemplo: escolho a floresta, e também aqui tenho mais opções. Posso escolher deitar-me na relva, apreciando as flores. Posso escolher deitar-me e olhar para o céu vendo as formas das nuvens, cada uma com algo para me dizer, com um sinal. Ou posso escolher tomar banho numa cascata, por exemplo. Desta forma, escolhi várias situações que acabarão por me conduzir à segunda questão existencial.

### COM QUEM VIVER?

A segunda questão existencial, o segundo Enigma proposto por Rolando Toro, é “com quem viver” ou, como diz Toro: “O outro traz notícias de mim” .

Eu conheço-me na relação, conheço-me através do outro.

Temos aqui um poema de Rolando Toro intitulado “Manifesto” .

Somos a memória do mundo.

Só devemos recordar o que está nas nossas células.

Os frutos do Verão, o amor voluptuoso.

A capacidade de nos colocarmos no lugar do outro.

O contato. A coragem de inovar.

O abraço, a despedida e o encontro.

O mar na nossa pele.

A música da vida.

Biodanza nos devolve a memória ancestral,  
a possibilidade absoluta do amor.

Neste segundo Enigma, com quem viver, temos novamente três opções. Vejamos: viver com alguém, acompanhado; ou a opção pode ser viver em comunidade; ou a opção pode ser viver sozinho. Todas as opções são válidas. Posso escolher viver com alguém e não há problema, construímos juntos. Rolando Toro disse que o casal ecológico é uma relação em que um reforça as potencialidades do outro, é um reforço recíproco da vida, em que nos encorajamos mutuamente e melhoramos a nossa expressão de ser.

Agora, eu posso não ter vontade de viver com outra pessoa, mas gosto de viver em comunidade. A comunidade é a minha família, por isso posso criar uma família com a minha comunidade. Viver em comunidade, ou estar com pessoas que reforçam as minhas potencialidades, é uma opção.

E outra opção pode ser viver sozinho. Viver sozinho permite-me ter o espaço necessário para o meu desenvolvimento e, de vez em quando, quando sinto necessidade, estar com outra pessoa. Viver sozinho não significa viver isolado do mundo, nem significa viver isolado dos outros. Mas, neste momento da minha vida, tenho a necessidade de estar comigo e não com os outros.

Qualquer uma destas opções é boa, e depende do momento existencial de cada pessoa. Por isso, dependendo da escolha que faço, ela me levará a uma resposta.

Digamos que quero viver com outra pessoa, e aí posso escolher viver com um homem, viver com duas mulheres, viver com dois homens. Há muitas possibilidades de estar com outra pessoa. Ou, se optar por viver sozinho: a possibilidade de exercer a minha profissão, seguindo a carreira que escolhi; a possibilidade de estar em casa, sozinho, dando a mim mesmo pequenos prazeres; ou a possibilidade de desfrutar de momentos de paz na companhia da natureza, por exemplo.

Consoante às minhas escolhas, chego ao terceiro Enigma.

### O QUE FAZER?

O terceiro Enigma proposto por Rolando Toro é: o que fazer. E costumamos relacionar este terceiro Enigma com a nossa profissão, com o que escolhemos realizar na nossa existência como contributo para o mundo, porque a profissão que cada um de nós exerce, a profissão escolhida, é um dom que a se tem, e esse dom é posto à disposição do mundo, dos outros.

"O que fazer" está intimamente ligado ao poema de Rolando Toro intitulado "Gênese".

E Deus criou o mundo em sete dias.  
No primeiro dia, criou o amor  
e, docemente, a vida tremeu no olho do caos.  
No segundo dia criou o vento  
e as sementes do amor espalharam-se pela Terra.  
No terceiro dia criou o mar,  
as suas algas, os seus peixes e o canto das baleias.  
No quarto dia criou a música  
e em cada criatura pôs uma canção diferente.  
No quinto dia criou o homem e a mulher  
e deu-lhes o conhecimento da orgia e o cuidado das crianças.  
No sexto dia criou os cogumelos mágicos  
e colocou-os na boca dos homens.  
No sétimo dia criou a dança  
celebrando as suas obras.

O que Toro ensina com este poema é que as possibilidades do mundo são infinitas. Na criação do mundo, todos os dias foi criado algo de grandioso, e nós podemos nos ligar a algumas dessas grandes expressões da existência, colocando aí o nosso dom, fazendo aí aquilo que é a nossa missão nesta existência. E isso está normalmente relacionado com a profissão que escolhemos. Ou seja, se a profissão que escolhi ressoa em mim, se tem ressonância ecológica. Há esse eco que dá vida à minha vida.

Não uma profissão frustrante, algo que não seria uma profissão, mas um trabalho. Um trabalho frustrante que me custa fazer todos os dias. A minha profissão é o que faço por opção e com alegria. Por exemplo, podemos escolher ser: cozinheiros, escritores ou músicos. Digamos que escolhi ser escritor. E aqui posso escolher dedicar-me a textos

antigos, ou posso escolher escrever, ou posso escolher algo mais tecnológico, como dedicar-me ao trabalho no computador.

Portanto, estas escolhas oferecem novas possibilidades, que me levarão a outros caminhos. Assumo que cheguei onde cheguei porque é o resultado das minhas escolhas, e ninguém é responsável pela minha vida a não ser eu. Sem negar o contexto em que vivi, o contexto social, familiar, político. Tudo tem uma influência na minha vida, e uma influência relativa nas minhas escolhas.

Agora, se eu fizer escolhas ecológicas, escolhas que ressoam em mim, sou absolutamente responsável pelo resultado. Não há certo ou errado, não há bom ou mau, e sim o que há são experiências na vida. Experiências com as quais eu aprendo e experiências que me trazem elementos para que eu possa fazer novas escolhas, e essas novas escolhas levarão a resultados diferentes. Porque podemos sempre nos reinventar. Talvez seja este o grande segredo e a grande beleza da vida.

#### O DESAFIO

O grande desafio é.... como decifrar estes três Enigmas.

Os três Grandes Enigmas propostos por Rolando Toro dizem respeito ao estilo de vida, dizem respeito a reconhecer o que há de mais verdadeiro em cada indivíduo e ter a coragem de construir seu projeto existencial em ressonância coerente. Biodanza é uma maneira de abordar estas questões existenciais de forma vivencial, porque quando as respondemos intelectualmente, infelizmente às vezes não somos honestos conosco.

Em Biodanza também sabemos que a vivência não mente, e que no momento em que estamos dançando, quando estamos em vivência, quando estamos profundamente no aqui-e-agora, movendo-nos de acordo com a verdade interior, isso é a verdade. Aqui não há mentira. Então podemos nos aproximar muito mais, e de forma muito mais real, da resposta a estes Enigmas.

Sabemos também que no contexto da Biodanza trabalhamos com o Princípio Biocêntrico. E Rolando Toro diz que "O Princípio Biocêntrico guia todas as respostas. O Princípio Biocêntrico é a chave para decifrar os Enigmas".

O que é o Princípio Biocêntrico: é a nossa ligação profunda com a vida, essa vontade de viver. É saber que a vida tem uma sabedoria intrínseca que vai além do intelecto, que são as células que anseiam por essa ligação à vida, para manter a vida de uma forma saudável, abundante, amorosa e feliz. Mas precisamos de estar preparados para isso, para abrir-nos a essa possibilidade.

Abra a sua mente e seu coração à imaginação, à aventura, às surpresas da vida. Você não tem o controle sobre os resultados, mas tem múltiplas possibilidades. É um jogo infinito, que nunca termina, porque a vida é movimento e cada um faz as escolhas

dependendo de fatores conscientes ou inconscientes. Existem inúmeros caminhos. Experimente novas possibilidades.

Termino este artigo com as palavras de Rolando Toro Araneda.

## O NÚCLEO EMOCIONAL DA EXISTÊNCIA

“Que a estrutura da existência tenha motivações inconscientes, não é estritamente verdadeiro. Que seja necessário dar pautas conscientes para nossa existência, é ainda menos verdadeiro. Que nossa existência seja o resultado de um conjunto de decisões é, finalmente, inteiramente falso. Nossa proposta é que a existência é o desenvolvimento de um projeto, e que o núcleo propulsor deste projeto é de natureza emocional. Esse núcleo é algo muito mais complexo do que o que comumente se denomina “motivações instintivas”.

A estrutura da existência tem suas bases na resposta que parte da nossa própria identidade a três grandes Enigmas: Onde quero viver? Com quem quero viver? O que quero fazer? A existência plena é a resposta favorável que, com nossos mínimos atos, damos a estas perguntas. A existência doentia é a resposta que nos separa dia a dia do caminho que, emocionalmente, foi atacado em nosso coração.

A pessoa saudável escuta sua emoção e percorre este caminho até o final. O doente se perde em um labirinto construído por suas próprias decisões. A insatisfação, o mau humor, o sentimento de frustração, de fracasso, a frequente sensação de vazio e sem sentido, as respostas neuróticas e outras formas mais graves de patologia, como as condutas psicopáticas, surgem da desconexão com esse núcleo essencial da identidade, podendo o fenômeno resumir-se no que seria a tríplice traição contra si mesmo.

O primeiro núcleo, sobre o “onde viver”, é a resposta à nostalgia profunda de um paraíso ecológico, que indubitavelmente existe, mas que deve ser conquistado. É nossa necessidade de útero, regaço, ninho, que conduz o Homem a uma espécie de eterno retorno em busca de suas origens. O sentimento de caverna está vinculado à ideia de útero. Mircea Eliade encontrou alguns equivalentes entre útero, guarida e casa. Esse lugar é diferente para cada um. É a terra prometida.

O segundo componente desse núcleo afetivo da existência, “com quem viver”, reclama uma longa peregrinação em busca de uma comunicação essencial, autêntica, encantadora, com outras pessoas. Um submergir-se na espécie, no eros indiferenciado, até descobrir a alma gêmea, essa ressonância única, perfeita, essa intimidade que produz a companhia. O drama existencial não radica em não encontrar o companheiro, mas em não poder reconhecê-lo.

A terceira força que impulsiona nossa existência está, como as anteriores, vinculada à essência da nossa identidade. O que quero fazer? De entre todas as infinitas opções, qual é a minha verdadeira profissão? Qual é minha vocação? Vocação provém de voz, chamado divino, é o que nasce da essência de nossa identidade, alguns requerem ensaios múltiplos trabalhos, realizar tarefas difíceis ou abandonar-se na vacuidade criadora, até encontrar o ofício de sua mais formosa potencialidade. Que pessoas desorientadas dentro do labirinto de nossa civilização, alienadas, não caminham por essas rotas interiores, andam como os mortos, guiados pelas lamentações? Lembram a arrepiante “Décima Elegia” de Rainer Maria Rilke.

Os três componentes afetivos do núcleo existencial estão profundamente ligados. Onde viver. Com quem viver. O que fazer. O destino do Homem, o desdobramento de sua semente existencial, não está fatalmente determinado. O projeto se configura e se realiza na fidelidade a essas emoções fundamentais, e está formado por movimentos sensíveis na raiz da nostalgia”.

*Rolando Toro Araneda*

*Teoria da Biodança, Coletânea de textos, ed. ALAB, 1991)*

SILVIA EICK

Professora de Biodanza formada em 1983 por Rolando Toro Araneda; diretora da Escola de Biodanza SRT Solar de Porto Alegre; artista plástica.

Autora do livro "ENIGMAS", ed. 2021

Contato: sileick@icloud.com



## ELES NÃO SABIAM QUE OS ANJOS TÊM ASAS

(Para Ruth Cavalcante)

A loura menina despediu-se dos pais, disse adeus à Terta, e foi escrever sua história lá onde a terra encontra o mar.

Altiva – há quem diga indócil – no colégio austero a freira tolhia seus passos. E impunha a norma, instituí a disciplina, decretava a submissão. *Adoremus* nas mãos, olhos fixos no altar... o pensamento vagava pelos campos do Buenos Aires e veredas do Riachão.

Na adolescência, ergueu a voz. A visão alargou-se. O amor ganhou forma no jovem coração. Junto ao mar de Iracema, onde a jangada contempla infinitos, contraiu aquele impetuoso gosto pela liberdade. Nunca mais se deixaria acorrentar.

Foi quando suas mãos folhearam outros livros e seus ouvidos captaram outras mensagens. “O conflito que explica a história é a luta de classes”, dizia Marx. “A escola deve ser um espaço privilegiado onde se possa aprender a pensar”, apontava Paulo Freire.

Porém, na terra de Tiradentes e Dragão do Mar, o sol da liberdade já não brilhava em raios fúlgidos. Eram tempos de trevas. Fuzilavam-se jovens sonhadores nos sendeiros do Araguaia. Torturavam-se mulheres grávidas

nos calabouços da ditadura, enquanto vozes raivosas bradavam: Brasil, ame-o ou deixe-o.

A loura menina outra vez empinou o nariz e disse: Não! E foi à luta, com a coragem que Seu Chiquinho aplaudiu e Donana abençoou. Um dia, o tirano embargou seus passos. Trancafiou-a, como se fosse possível aprisionar sonhos. Não sabia que os anjos têm asas.

Então, ela voou. E voou cada vez mais alto, levando força e fé aos companheiros. Jamais permitiria que a chama se apagasse. Mas, acossada, partiu. Na distância, conheceu a saudade infinda e cruel que avassala o peito dos exilados. E novamente decolou, sempre para mais longe, onde o carrasco fascista não pudesse alcançá-la.

Estava à beira do Danúbio, ouvindo valsas de Strauss, quando, num raio de luz, desembarcou Mariana, aquela que viria ensinar-lhe a verdadeira dimensão do amor. Velhas canções de ninar embalsamaram as noites do desterro, enquanto a saudade aprofundava cicatrizes...

Até que ela voltou ao regaço da Pátria mãe. A ditadura agonizava. “Apesar de você, amanhã há de ser outro dia”, dissera, profético, o poeta. Não tardou e, de fato, a tirania caiu, esfacelou-se.

Seguiram-se tempos de regozijo, libertação e descobertas. Eis que, numa curva da estrada, seu olhar pousou sobre os ensinamentos de Rolando Toro. Ela, então, penetrou os meandros da afetividade. Aventurou-se pela poética do encontro. Essa força, esse olhar amoroso e transformador desenhou seus novos caminhos. CDH, Raio de Sol... por onde passava, a mulher madura, que tanta trilha percorrera, espalhava agora a mensagem da nova prática, que postulava a reeducação afetiva.

Sara e Davi vieram juntar-se ao ninho onde sobejava amor. Sorveram lições, cresceram, e agregaram novas brotações à grande árvore, que ampliou sua sombra para acolher Mel, Ana Lis, Vicente, Victor... E quem mais chegar.

Nessa narrativa, que se espraia das quebradas do Sertão até os Andes e os Alpes, há um doce nome que ressoa, em toda parte, com familiaridade e bem-querença: **Ruth**, estampam os documentos oficiais; **Ruivinha**, reza a certidão afetiva da Terta.

(Italo Gurgel – Quixaba, 15/04/2023)

# ESTATUTO DE LA EDUCACIÓN BIOCÉNTRICA

Construcción Colectiva de los Participantes  
2º Congreso Latinoamericano de Educación Biocéntrica  
Fortaleza-CE/ Brasil  
Abril de 2017

## **Artículo 1.** Del Ser en el Mundo

Que el vivir y convivir sea un acto de Amor para con todos y cada uno de los seres vivientes, cualquiera sea su forma, honrando todas y cada una de las expresiones de la Vida.

## **Artículo 2.** De la Comunidad

Que el vínculo conmigo, la otra, el otro, la comunidad humana sea siempre Sagrado, de manera que en todo momento recuerde que vivimos en relación; que los otros anhelan, tanto como yo, convivir y construir juntos el mundo en posible Armonía. Si fuera el caso de ocurrir el olvido de este artículo, que la comunidad humana donde habito, me cante y me arrope tantas veces como sea necesario, hasta que la ánimo regrese a mí.

## **Artículo 3.** De los vínculos afectivos

Que el parir, la familia, el hogar, los amigos y la presencia del otro nos permitan revelar todos y cada uno de nuestros potenciales humanos en su máxima expresión, así como nuestra potencia de vida, para que Ser en el Mundo sea un acto consciente e afectivo individual y colectivo de Dicha y Plenitud de Co-existencia.

**Parágrafo único:** Que los rituales de vinculación con la Vida, con el/la otro/a y con sí mismo/a, con la totalidad, formen parte del cotidiano, para que la Identidad personal, el sujeto individual y colectivo sea expresión continua de lo sentido. Y, así, el Principio Biocentrico se manifieste en todas y cada una de las acciones del vivir y convivir.

## **Artículo 4.** De la construcción del conocimiento y del sentido

Que la Razón conviva con la Intuición, el Arte con la Ciencia, la Mística con la Política y la Acción con el Descanso, en una danza de inteligencia afectiva de aprendizaje-desarrollo sin fin, donde la construcción del conocimiento sea repleta de sentido y venido de un proceso de concientización y de la vivencia del percibir, dialogar, reflejar, construir y sentir con otros y la totalidad, expansión de la consciencia.

## **Artículo 5.** Del género y su manifestación en la parte humana de la Vida

Que Femenino y Masculino se fundan en la sacralidad del abrazo para crear y recrear su forma de Ser y Convivir, de manifestarse en el mundo, de acuerdo a su sentir; que cada uno en sus preferencias sea siempre honrado y amado pues expresar libre el SER en su Coexistencia es derecho y deber de la Vida en su plenitud.

## **Artículo 6.** De los Saberes de la Tierra

Que los Saberes de la Tierra que Es, Soy, Somos sean escuchados para que el nombre de Pachamama, Gaia, Madre Tierra se revelen en nuestras consciencias y resurja viva inspirándonos siempre. Como pueblos de la tierra debemos adoptar un estilo de vivir con recursos finitos. La Educación Biocéntrica orienta hacia un modo de vida integrado. Respetar y cuidar de la Tierra y su belleza es una actitud sagrada.

## **Artículo 7.** Del laborar pedagógico

Que la Educación Biocéntrica sea vocación y profesión; que la presencia del Educador y Educadora Biocéntrica pueda crear *ambiencia* para Vivencias Pedagógicas (epistemológicas y ontológicas) y sean expresión de la vida, en la singularidad de cada uno y en los distintos contextos, pues cabe expandirla en cada gesto y acción de nuestras vidas.

**Artículo 8.** De la cultura y los saberes

Que la Educación Biocéntrica sea un puente de hermandad, Religando. Que la Sabiduría de la América profunda, así como la de todos los pueblos originarios, esté viva en la comunidad humana y se exprese en todo proceso político-etnico-social-económico-espiritual-afectivo; que pasado y presente se unan en lazo afectivo y nos permita recrear un Mundo sin fronteras; que nuestros Pactos y Alianzas sean de Amor y Alegría para cada uno y para todos los pueblos que habitan la Tierra.

**Artículo 9.** Del pertenecer y la temporalidad

Que el Tiempo sea una fiesta donde encontrarnos a nosotros mismos, al/a otro/a y a la Naturaleza en su multidimensionalidad; así, que el Ser Parte, nos permita sentirnos más Vivos, nutridos y habilitados a expresar nuestra potencia de vida.

**Artículo 10.** Del conocer y el cuerpo

Que construir el conocimiento sea también movimiento, corporeidad vivida, para que el cuerpo nunca más sea olvidado y separado del conocer y del vivir. Si en alguna ocasión extraña o remota eso volviera a ocurrir, que los ancianos, ancianas, niños y niñas de nuestros pueblos nos conviden el retorno al Buen Vivir y de la Danza.

**Artículo 11.** De la economía y el tener

Que la economía sea guiada por la biología del corazón, que a todos nutre sin distinción, en una danza circular donde el Dar y el Recibir se unen para Amar y generar Vida. Que nada sea impedimento para el proceso de aprendizaje-desarrollo.

**Artículo 12.** De lo personal y lo colectivo

Que la identidad personal y colectiva se construya en diálogo permanente con la Vida; y que el sujeto individual y colectivo expanda siempre su consciencia para que su expresión sea artística y su lenguaje trascienda cualquier frontera que aún exista, manteniendo el compromiso de honrar y cuidar la Vida, siempre.

**Artículo 13.** De la fidelización y la continuación

Que la Educación Biocéntrica se recrie y se fortalezca cada vez más en coherencia con el Principio Biocéntrico, la Educación Dialógica y el Pensamiento Complejo; que la experiencia compartida siga enriqueciéndola, recordando nuestros orígenes y viviendo el presente con atención y dedicación;

**Parágrafo Final:** Que la cualidad de nuestra Inocencia y Espontaneidad inspire al Pensamiento y que el Pensamiento sea crítico y sensible; que la Voz sea escuchada y la Escucha construya palabras que cuenten los Saberes y Sentidos; y que nuestra recreación del Mundo se manifieste siempre en nuestra acción como exaltación de la Sacralidad de la Vida.